

2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020

Habiter et repenser notre
espace quotidien à
l'épreuve du confinement

collectif 614
Embaixada da França
no Brasil

TRAVERSÉES ESSIAS



2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020

collectif 614
Ambassade de France
au Brésil

2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020
2020

Habitar e repensar o
nosso espaço cotidiano frente
ao confinamento

TRAVERSÉES SSIAS

AVANT-PROPOS

À l'origine du projet *Traversées*, un concours d'écriture créatif s'est proposé de donner la parole, au Brésil et en France, en portugais et en français, à tout·e citoyen·ne, ainsi que, plus particulièrement, à tout·e étudiant·e spécialiste des questions d'architecture et d'urbanisme. Il s'agissait de tenter réfléchir et de s'exprimer de façon créative sur le contexte difficile traversé à l'échelle globale en 2020.

- Deux thèmes étaient alors suggérés. Le premier proposait de réfléchir en quoi l'expérience du confinement nous incitait à apprêhender différemment nos espaces quotidiens. Le deuxième engageait des scénarios prospectifs, pour l'architecture et l'urbanisme d'après la crise. Dix textes de chaque thème ont été sélectionnés par un jury franco-brésilien parmi des centaines de contributions : cette forte participation démontre l'envie avec laquelle habitant·e·s et étudiant·e·s se sont saisi·e·s de questionnements essentiels liés à l'expérience inédite imposée par le confinement.
- Il a été organisé par les différents secteurs du Service de Coopération et d'Action Culturelle de l'Ambassade de France au Brésil, sous la coordination du Bureau du livre et du débat d'idées, en collaboration avec le collectif 614 et la Flip (Fête littéraire internationale de Paraty), ainsi qu'avec le soutien de l'Institut français dans le cadre de l'opération *Novembre Numérique*.
- Il s'inscrit dans le cadre d'échanges culturels très forts entre nos deux pays, en particulier touchant l'architecture et l'urbanisme (plus de quarante accords relient, par exemple, les écoles d'architecture de France et du Brésil), fruits d'une longue histoire mais aussi d'une forte actualité avec, en 2020-2021, l'organisation de la XIIIe Biennale d'architecture à São Paulo, les 60 ans de la création de la capitale fédérale à Brasilia et la désignation de Rio comme « Capitale mondiale de l'architecture ».
- En regard de ces différents récits, le collectif 614 a mené 2 entretiens avec 3 architectes. Pedro Varella (BR), l'un des fondateurs de l'agence gru.a et Pauline Marchetti et Jacques Ferrier (FR), fondateurs du Ferrier Marchetti Studio, ont ainsi apporté leur regard sur les modalités de la pratique architecturale et urbaine face à la crise sanitaire.
- L'Ambassade de France au Brésil et le collectif 614, en lien avec l'Institut français et les Alliances françaises brésiliennes, sont fiers de vous présenter le fruit de ce travail collaboratif.

APRESENTAÇÃO

Na origem do projeto *Travessias*, um concurso de escrita criativa visa dar voz, no Brasil e na França, em português e em francês, a qualquer cidadão e, mais particularmente, a qualquer estudante especializado em questões de arquitetura e urbanismo. O objetivo é tentar refletir e se expressar de forma criativa sobre o difícil contexto vivido no mundo inteiro em 2020.

Dois temas foram então sugeridos. O primeiro propunha uma reflexão sobre em quê a experiência do confinamento nos incitava a apreender nossos espaços diferentemente. O segundo envolvia roteiros prospectivos, para a arquitetura e o urbanismo do pós-crise. Dez textos de cada tema foram selecionados por um júri franco-brasileiro, dentre centenas de contribuições: essa forte participação demonstra a sede com a qual os habitantes e estudantes se investiram de questionamentos essenciais, ligados à experiência inédita imposta pelo confinamento.

Foi organizado pelos diferentes setores do Serviço de Cooperação e Ação Cultural da Embaixada da França no Brasil, sob a coordenação do Escritório do Livro e do Debate de Ideias, em colaboração com o coletivo 614 e a Flip (Festa literária internacional de Paraty), e com o apoio do Institut français no âmbito da operação *Novembre Numérique / Novembro Digital*.

Este concurso faz parte de intercâmbios culturais muito fortes e de relações muito estreitas entre nossos dois países, particularmente no campo da arquitetura e do urbanismo (mais de quarenta acordos unem, por exemplo, as escolas de arquitetura da França e do Brasil), resultado de uma longa história, mas também de grandes eventos recentes como, em 2020-2021, a XIII Bienal de Arquitetura em São Paulo, o 60º aniversário da criação da Capital Federal em Brasília e, bem como o processo que culminou na designação do Rio como «Capital Mundial da Arquitetura».

Em paralelo a esses diferentes relatos, o coletivo 614 conversou com 3 arquitetos. Pedro Varella (BR), um dos fundadores da agência gru.a, e Pauline Marchetti e Jacques Ferrier (FR), fundadores do Ferrier Marchetti Studio, trouxeram seu olhar sobre as modalidades da prática arquitetural e urbana frente à crise sanitária.

A Embaixada da França no Brasil e o coletivo 614, em associação com o Instituto Francês e as Alianças Francesas brasileiras, têm muito orgulho de apresentar o fruto desse trabalho colaborativo.

Événement soudain et globalisé, le confinement constitue une expérience inédite partagée aux quatre coins de la planète. Unissant le sort de près d'un quart de la population mondiale recluse chez elle, bouleversant la vie de milliards d'individus retranchés dans des espaces clos, cette expérience s'est avant tout vécue – et continue de l'être – comme une épreuve. Face aux différentes vagues de la pandémie, nous avons dû – et devons encore – nous replier chez nous, dans un quotidien familier et pourtant inédit. ● Cette situation a immanquablement modifié l'appréhension des territoires que nous traversons tous les jours, de la sphère publique à la sphère privée, de l'échelle de la ville à l'échelle domestique. Recomposés, épuisés, exposés dans toute leur réalité, les espaces qui nous environnent se sont dévoilés sous un jour nouveau. Au-delà de l'expérience éphémère du « confinement », ils questionnent notre rapport nécessairement renouvelé à l'architecture, à la ville, et à la manière de l'habiter.

● Cette expérience commune s'est imposée comme révélatrice d'une infinité de quotidiens, qui se croisent, se contredisent et se répondent d'un bout à l'autre de la planète. Le présent ouvrage, issu notamment d'un vaste appel à contributions à destination du grand public et d'un public d'étudiant·e·s en architecture et urbanisme, s'inscrit dans la volonté de faire émerger des récits qui témoignent de la manière dont le confinement a transformé, transforme ou transformera notre appréhension des lieux du quotidien, aussi bien au Brésil qu'en France. ● De l'intimité de nos foyers au désert des rues de nos villes, en passant par des usages inédits et des sociabilités nouvelles, *Traversées* se veut le témoin de l'indispensable réinvention de nos modes d'habiter à l'épreuve du confinement.

Acontecimento inesperado e globalizado, o confinamento constitui uma experiência inédita, compartilhada nos quatro cantos do mundo. Unindo o destino de um quarto da população mundial reclusa em casa, virando de ponta-cabeça a vida de milhares de indivíduos presos em espaços fechados, essa experiência foi – e continua sendo – vivenciada antes de mais nada como uma provação. Face às diferentes ondas da pandemia, nós precisamos – e continuamos precisando – nos voltar sobre nós mesmos, num cotidiano familiar, mas inédito. ● Essa situação modificou de modo inapelável a apreensão dos territórios que atravessamos todos os dias, da esfera pública à privada, do âmbito da cidade à escala doméstica. Recompostos, esgotados, expostos em toda sua realidade, os espaços que nos cercam se desvelaram sob um novo dia, uma nova luz. Mais além da experiência efêmera do “confinamento”, eles questionam nossa relação necessariamente renovada com a arquitetura, com a cidade e com a maneira de habitá-la. ● Essa experiência comum se impôs como reveladora de uma infinidade de cotidianos que se cruzam, se contradizem e respondem uns aos outros, de um lado ao outro do planeta. Esta obra, nascida de um amplo apelo a contribuições voltado para o grande público e para um público de estudantes universitários de arquitetura e urbanismo, se inscreve no anseio de fazer emergir relatos que atestem a maneira como o confinamento transformou, transforma e transformará o modo como apreendemos locais do nosso cotidiano, tanto no Brasil quanto na França. ● Da intimidade dos lares ao deserto das ruas de nossas cidades, passando por usos inéditos e novas sociabilidades, *Travessias* quer participar da indispensável reinvenção de nossos modos de viver, sob a provação do confinamento.

● 172
Informations
Informações

● 10
22 textes: 13 récits
& 09 propositions
22 textos: 13 relatos
& 09 proposições

● 132
Zooms: 02 entretiens
03 Architectes
Zooms: 02 entrevistas
03 arquitetos

● 134/140
Pedro Varella

● 150/160
Ferrier Marchetti
Studio

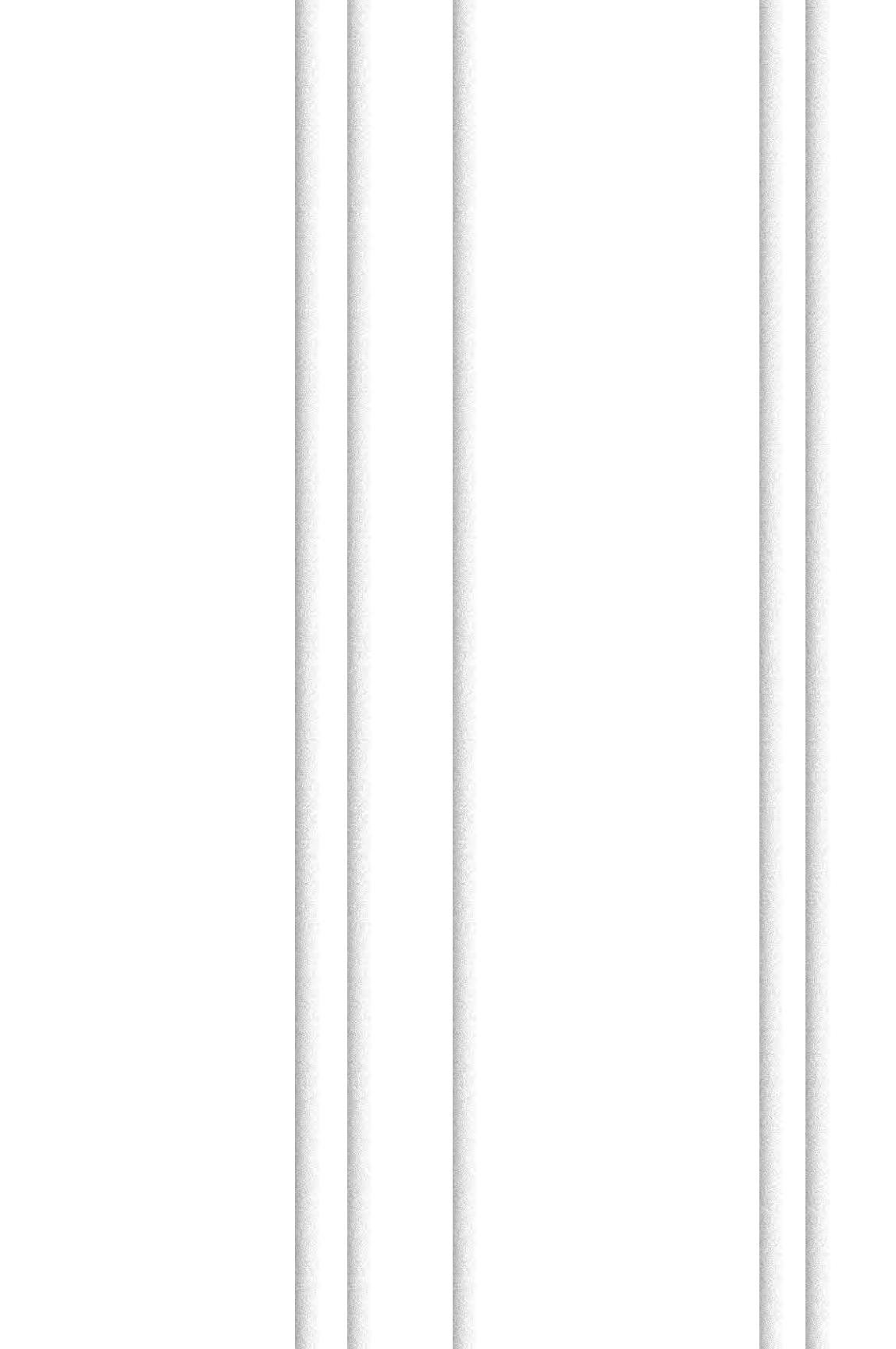
- 14
Deborah Goldemberg
Entrailles
Entranhas
- 20
Alice Plane
Présent continu
Presente contínuo
- 26
Selena Lage
Proposition #01
Proposição #01
- 30
Regina Célia Santos da Frota Matos
Mémoires d'une rue de banlieue
Memórias de uma rua do subúrbio
- 34
Tristan D. Denis
Un jour, boiteux
Um dia, manco
- 40
Gabriel Schincariol Cavalcante
75 rue João Adolfo,
app. 114, centre-ville
Rua João Adolfo, 75, apto.114,
centro da cidade
- 48
Matheus Romanelli
Proposition #02
Proposição #02
- 54
Patrick Dahlet
Alternative capitale
Alternativa capital
- 60
Kamylla Bernardes Conceição Maciel
Proposition #03
Proposição #03
- 66
Luis Maffei
Juste un appel rauque
Convocação só rouca
- 70
Gabrielli Motta
Proposition #04
Proposição #04
- 74
Camille Ruiz
Carte depuis le balcon
Mapa feito do balcão
- 78
Marina Luiza De Valécio
& Thiago Soares da Silva
Proposição #05
Proposition #05
- 84
Marta Valim
la petite princesse des mers
Copacabana, princesinha
do mar
- 88
Natália Barros
Proposição #06
Proposition #06
- 94
Marlice Alfera
Brève de canapé
Nota de um sofá
- 100
Tamara Wolff Bandeira Klink
Proposition #07
Proposição #07
- 106
França Karla
Réinventer les échelles de la vie
quotidienne de/dans la ville
Reinventando as escala da vida
cotidiana na/da cidade
- 112
Lucile Cornet-Richard
Proposition #08
Proposição #08
- 118
Luiza Fraccaroli Baptista da Costa
A dureza da mesma terra
La dureté de la même terre
- 122
Alexandra Pinheiro Kapke
Proposition #09
Proposição #09
- 128
Alexandre Selig
Fenêtre sur rue
Janela para a rua

22 TEXTES:
13 RÉCITS &
09 PROPOSITIONS

TEXTOS:
RÉCITS &
PROPOSIÇÕES

22 TEXTES:
S &
POSITIONS

22 TEXTOS:
13 RELATOS &
09 PROPOSIÇÕES



FR



BR



ENTRAILLES

Deborah Goldemberg

Au réveil, j'ai pensé que ce serait un jour comme les autres. J'ai regardé les fissures de la fenêtre couleur chair, pour deviner l'heure à travers leur lueur rose. Il faisait encore nuit, mais le chant des oiseaux annonçait que c'était l'heure ; ce serait juste un jour nuageux. J'ai posé les plantes de mes pieds sur le sol pour sentir la texture du bois. J'ai marché jusqu'à la salle de bains en évitant les échardes, j'ai atterri sur le marbre et me suis regardée dans le miroir. À ce moment-là, j'aurais peut-être pu anticiper qu'il avait quelque chose de différent en moi, mais non. Tout paraissait normal. J'ai roulé mes boucles en chignon comme à mon habitude et mis le cap sur la cuisine.

C'est au milieu du couloir, après la gravure sur bois et avant le plan de l'Amazonie, que m'est venue l'étrange sensation. Comme un éclair, la sensation d'être déjà allée ailleurs. Ailleurs que la chambre, la salle de bains, le couloir, la cuisine, vous comprenez ? J'ai rapidement balayé cette idée de ma tête, j'ai désinfecté avec du gel l'endroit où elle a germé et je me suis concentrée sur ma routine. Il serait bon de savourer du café agroécologique torréfié au feu de bois du sud de Minas. J'ai commencé à préparer des crêpes, puisque mardi c'est le jour des crêpes. Cependant, quand le lait a coulé dans la tasse, ce flux m'a transportée de nouveau ailleurs. Un endroit où les eaux brillent au soleil, dans le courant des eaux.

14

São Paulo, BR

apartamento

un jour de 2020

ENTRANHAS

Deborah Goldemberg

Ao despertar, pensei que seria um dia como os outros. Olhei para as frestas da janela cor-de-carne, para adivinhar o horário através da luminosidade rosada. Estava ainda escuro, mas o canto dos pássaros anunciou que era hora; seria apenas um dia nublado. Coloquei as plantas dos pés no chão para sentir o toque da madeira. Evitando farpas, caminhei até o banheiro, aterrizei no mármore e me olhei no espelho. Nessa hora, talvez, eu pudesse ter antecipado que havia algo diferente em mim, mas não. Parecia tudo normal. Enrolei meus cachos no coque habitual e rumei para a cozinha.

Foi no meio do corredor, depois da xilogravura e antes do mapa da Amazônia, que me veio a sensação estranha. Como um raio, a impressão de já ter estado em outro lugar. Que não fosse o quarto, o banheiro, o corredor, a cozinha, entende? Varri essa ideia da cabeça rapidamente, desinfetei o lugar de onde ela brotou com o gel e foquei na rotina. Seria gostoso saborear café agroecológico torrado à lenha no sul de Minas. Comecei a preparar panquecas, afinal, terças-feiras são dias de panquecas. Quando o leite jorrou da garrafa para a tigela, no entanto, o fluxo me remeteu a outro lugar de novo. Um lugar onde as águas reluzem no sol, no fluxo das águas.

Cela m'a énervé. J'ai vérifié si j'avais bien pris mes floraux, c'était le cas. C'était peut-être une baisse de tension. Oui ça devait être ça. J'ai mis une playlist entraînante pour secouer la matinée, j'ai préparé du café sans trop le surveiller, je me suis assise à table avec une détermination redoublée, mais quand j'ai plongé mon couteau dans le beurre, j'ai eu la nette sensation d'avoir déjà été ailleurs. Que mon corps eût déjà traversé la porte par laquelle on me livre des aliments. Pas seulement des sacs qui rentraient à l'intérieur, mais moi qui sortais aussi en dehors, vous comprenez? J'ai laissé le café chaud couler dans ma bouche, pour être sûr que ce n'était pas un rêve.



La caféine n'a fait qu'attiser la fantaisie. Comme dans un rêve étrange, j'ai vu mon corps traverser la porte sans chaussures et pire encore – sans masque. Je marchais dans la rue devant mon immeuble. Il y avait d'autres personnes, également sans protection. J'étais agitée, je n'arrivais pas à éviter ces pensées. Je suis restée le regard vitreux, me voyant saluer ces gens, et croyez-le ou non, une femme rousse s'est arrêtée et, toute souriante, m'a embrassée. Elle m'a demandé comment allait mon boulot. C'est alors que j'ai avalé de travers et j'ai dû lever les bras et respirer profondément pour reprendre pied. J'ai déjà travaillé? J'ai tartiné un morceau de crêpe avec de la confiture de

15

São Paulo, BR

appartement

um dia de 2020

Aquilo me deixou nervosa. Conferi que havia tomado meus florais e estava tudo certo. Talvez fosse pressão baixa. Sim devia ser isso. Coloquei uma playlist animada para sacudir a manhã, preparei café sem olhar muito para ele, me sentei na mesa com uma determinação sem tamanho, mas quando cravei a faca na manteiga, tive a sensação nítida de já ter estado em outro lugar. De que o meu corpo já tinha atravessado a porta através da qual eu recebo os alimentos. Não apenas as sacolas passavam para dentro, mas eu também passava para fora, entende? Deixei o café quente escorrer na minha boca, para ter certeza de que não era um sonho.



A cafeína só atiçou a fantasia. Como num sonho estranho, vi meu corpo atravessar a porta sem sapatos, e pior - sem máscara. Eu caminhava pela rua que fica na frente do meu prédio. Havia outras pessoas lá, igualmente desprotegidas. Fiquei agitada, mas não consegui evitar aqueles pensamentos. Fiquei ali com o olhar vidrado, me vendo cumprimentar as pessoas e, acredite, uma mulher ruiva parou e, toda sorridente, me abraçou. Me perguntou como ia o meu trabalho. Nessa hora, engasguei feio e tive que erguer os braços e respirar fundo para ganhar pé. Eu já trabalhei?

Recobri um pedaço da panqueca com geléia de amora,

BR

mûres, mais je ne l'ai pas mise en bouche. Ces images avaient une odeur de mémoires passées, pas de rêves. Les rêves n'ont pas d'odeur. De toute façon, est-il possible de rêver de quelque chose que l'on n'a jamais vu? Serais-je allée dehors? Aurais-je marché devant mon immeuble? Alors ces images se sont multipliées et je me suis vue dans un avion, comme ceux qui volent dans le ciel depuis la terrasse. Une séquence d'images de moi qui arrive dans une ville couleur marron, différente de la mienne qui est grise. J'ai manqué d'air. Je rencontrais des gens qui me saluaient joyeusement. Quand j'étais sur le point d'hyperventiler, Antônio est apparu à côté du mixeur.



Il m'a demandé pourquoi je m'étais réveillée si tôt et s'est dirigé vers le garde-manger. J'ai dit que je m'étais réveillée comme d'habitude, à l'heure où les oiseaux chantent. Je ne savais pas si je me taisais ou si je lui racontais mon impression d'avoir déjà été ailleurs. J'ai eu peur de lui raconter et qu'il pense que je deviens folle. Il m'est arrivée de lui dire, « Mon amour, la plage me manque » et qu'il se mette à rire, à rire très fort. « Ah, quelle rêveuse. Tu as toujours été comme ça. C'est pour ça que je t'aime tant. ». Alors, j'ai préféré les garder pour moi, même si elles me paraissaient si réelles...

16

Antônio a commencé à compter des haricots. Il a pris cette

São Paulo, BR

apartamento

un jour de 2020

mas não levei à boca. Aquelas imagens tinham cheiro de memórias passadas, não sonhos. Sonhos não tem cheiros. De toda forma, seria possível sonhar com algo que nunca se viu? Será que eu já tinha estado fora de casa? Andado na rua na frente do meu prédio? Então, aquelas imagens começaram a se ampliar e eu me vi dentro de um avião, desses que voam no céu da varanda. Uma sequência de imagens minhas chegando numa cidade marrom, diferente da minha que é cinza. Fiquei sem ar. Eu encontrava pessoas e elas me saudavam alegremente. Quando eu estava quase hiperventilando, Antônio apareceu ao lado do liquidificador.



Me perguntou porque eu acordei tão cedo, e caminhou rumo à dispensa. Eu disse que acordei na hora de sempre, quando os pássaros cantam. Fiquei sem saber se contava para ele ou guardava para mim a suspeita de já ter estado em outro lugar. Tive medo de contar e ele achar que estou ficando louca. Já aconteceu de eu dizer para ele, "Amor, eu sinto falta da praia" e ele dar uma gargalhada, alta de verdade. "Ah, sua sonhadora. Você sempre foi assim. É por isso que eu te amo tanto." Então, achei melhor guardar para mim, ainda que elas me parecessem tão vividas...

Antônio começou a contar feijões. Ele adotou essa prática,

habitude, avant le petit déjeuner. Il prend un sac de haricots et il compte combien il y en a dedans. Après il prend un carnet et il note combien il y en a dans ce sac. Son estimation, c'est qu'il y a une variation de 5% en plus ou en moins, en fonction de la marque. Pour la même marque, il y a une variation de 2,3% du nombre de haricots, ce qui nous amène à penser que chaque fabricant a une mesure différente pour remplir un sac de haricots, même s'ils marquent tous 1 kg. Il est important de se maintenir occupé, dit-il.

Antônio est un bon compagnon, je ne pourrais jamais trahir sa confiance, mais l'autre jour le coursier de l'immeuble m'a regardé d'un air entendu en m'apportant les sacs. Je n'ai pas su dire exactement ce que signifiait ce regard. Il n'était pas séducteur. Il n'était pas menaçant. C'était la matinée où on réorganise les chaussures dans l'ordre inverse de la semaine précédente. Je me rappelle que cette fois-ci, je les classais des plus claires aux plus foncées. Une autre fois, je l'avais fait par hauteur des talons – des plus bas aux plus hauts, puis l'inverse. J'ai pensé au coursier. Que pour arriver à ma porte, il doit monter des escaliers. Avant les escaliers, l'entrée principale. Donc, il est certainement déjà allé dans la rue. Le jour suivant, quand on a sonné à la porte, Antônio défaisait un tricot qu'il avait fait la semaine précédente pour le refaire aussitôt après. Il était si concentré que j'ai dit, « Laisse, j'y vais ».



São Paulo, BR

appartement

um dia de 2020

antes do café. Ele pega um saco de feijões e conta quantos feijões tem nele. Depois, ele pega um caderninho e anota quantos vieram naquele saco. A estimativa dele é que haja uma variação de 5% para mais ou para menos, de acordo com a marca. Dentro da mesma marca, há uma variação de 2.3% no número de feijões, o que o leva a crer que em cada fábrica há uma medida diferente para encher um saco de feijões, ainda que todos venham como sendo de 1 kg. É importante a gente se manter ocupado, ele me diz.

O Antônio é muito companheiro, eu não poderia jamais traír a confiança dele, mas outro dia o mensageiro do prédio, ao trazer as sacolas, olhou para mim de comprido. Eu não soube dizer exatamente o que significava aquele olhar. Não era sedutor. Não era ameaçador. Aquela era a manhã de reorganizar sapatos na ordem inversa da semana anterior. Me lembro que daquela vez, eu ordenava-os dos mais claros para os mais escuros. Outrora, já fizera pela altura dos saltos – dos mais baixos aos mais altos, depois o inverso. Fiquei pensando no mensageiro. Que para chegar na minha porta, ele deve subir escadas. Antes das escadas, o portão. Ou seja, ele certamente já esteve na rua.



No dia seguinte, quando a campainha tocou, Antônio estava

Je sais que l'on doit laisser le moment le plus divertissant de la journée à notre compagnon, mais il était si absorbé qu'il ne m'a même pas entendu. Alors, j'ai posé mes talons sur le lino et j'ai avancé fermement, le cœur battant. J'ai dépassé la frontière du salon, réservée aux activités nocturnes, j'ai mis un masque, des gants, J'ai regardé par l'oeilleton pour être sûre et j'ai tourné la clé. Le coursier était là et m'a dit, « Bon après-midi. ». J'ai fait écho « Bon après-midi » et j'allais fermer la porte, quand le courage m'est venu.

« Hé... », je l'ai appelé. « Je peux vous poser une question ? », il a paru surpris. « Bien sûr. » J'ai regardé le bout du couloir, pour être sûr qu'Antônio ne nous entendrait pas et j'ai dit tout bas, « Par hasard, m'auriez-vous déjà vu en bas ? ». J'ai rougi de partout. Il a regardé de côté aussi, paraissant incertain de sa réponse. À ce moment, Antônio a surgi à côté du piano près de la porte. Eh bien, mon cœur s'est affolé et, même si je voulais beaucoup connaître la réponse, j'ai eu peur. Peut-être que le coursier a balbutié quelque chose, mais j'ai scellé mes yeux et mes oreilles, je l'ai remercié d'avoir apporté les courses et j'ai claqué la porte.

Antônio a levé son tricot dans une main et une pelote dans l'autre et m'a demandé, « Mon amour, tu penses que ce ton de jaune est le même que celui-ci ou il est ton sur ton ? ». J'ai

18

São Paulo, BR

apartamento

un jour de 2020

desfazendo um tricô que fizera na semana passada para refazê-lo em seguida. Estava tão compenetrado que eu disse, “Pode deixar que eu atendo.” Sei que a gente deve deixar o momento mais divertido do dia para o nosso companheiro, mas ele estava tão focado que nem me ouviu. Então, pousei os calcanhares no chão de linóleo e segui com firmeza, o coração pulsando. Ultrapassei a fronteira da sala, reservada para atividades noturnas, coloquei a máscara, as luvas, olhei no olho mágico para ter a certeza e girei a chave. O mensageiro estava lá e disse, “Boa tarde.” Eu ecoei “Boa tarde” e já ia fechando a porta, quando a coragem se ergueu.

→
“Ei...”, eu o chamei. “Posso te fazer uma pergunta?”, ele pareceu surpreso. “Claro.” Olhei para o final do corredor, para ter a certeza de que Antônio não nos ouviria e falei baixinho, “Você, por acaso, já me viu lá embaixo?” Meu corpo inteiro enrubeceu. Ele olhou para os lados também, parecendo incerto sobre o que responder. Nessa hora, Antônio surgiu ao lado do piano que fica ao lado da porta. E, bem, meu coração trepidou e, apesar de querer muito saber a resposta, tive medo. Talvez, a boca do mensageiro tenha balbuciado algo, mas eu lacrei meus olhos e ouvidos agradeci por ele trazer as compras para casa e bati a porta.

Antônio ergueu o tricô com uma mão e um novelo com a

regardé les laines. Elles étaient absolument identiques. C'est un mec vraiment unique, Antônio. Le calme qu'il transmet est contagieux. À ses côtés, mes sentiments étranges disparaissent. Je me suis sentie de nouveau moi-même, alors, j'ai répondu, « Ils sont identiques, mon amour. ». Il m'a souri enthousiaste. Et j'ai rajouté pour finir, « Maintenant, je vais défaire la couette en patchwork et la remonter en suivant un autre schéma ! ». Il a exulté, « Quelle excellente idée ! » et il m'a prévenue, « N'oublie pas qu'à 14h32 nous avons notre partie de cartes sur la terrasse. »

19

São Paulo, BR

appartement

um dia de 2020

outra e perguntou, “Amor, você acha que esse tom de amarello é o mesmo desse ou é um ton-sur-ton?” Eu olhei para os novelos. Eram absolutamente idênticos. Ele é um cara especial, Antônio. A calma que ele transmite contagia. Ao lado dele, meus sentimentos estranhos desaparecem. Me senti eu mesma de novo, então, respondi, “São idênticos, amor.” Ele sorriu para mim animado. Arrematei, “Agora, vou desfazer a colcha de retalhos e montá-la toda em outro padrão!” Ele vibrou, “Que ótima ideia!” e, ainda, me lembrou, “Não se esqueça que as 14:32 temos nosso jogo de cartas na varanda.”

PRÉSENT CONTINU

Je suis là. Je suis encore là.

On disait que « l'eau a coulé sous les ponts », mais désormais il faut dire que l'eau a séché sous les ponts, ou bien qu'elle a débordé et emporté les ponts. Tout dépend si on parle de l'été, écrasant, qui évapore chaque goutte de sueur, ou de l'hiver, glacial, de ses tempêtes qui absorbent le son pour ne laisser qu'un silence interminable.

Sur le toit végétalisé, un goutte-à-goutte maintient la chaleur à des niveaux acceptables au sein de l'immeuble en ce mois de juin 2070. L'eau imprègne un épais alignement de pots en terre cuite depuis le toit et le long des façades. L'humidité ainsi entretenue est un barrage efficace aux vagues d'air brûlant, elle permet aussi de faire pousser des légumineuses et quelques légumes. Chaque immeuble dispose d'une base alimentaire autonome.

Les enfants crient. Ils courrent, toujours le même cercle, inscrit dans le sol à force d'avancer encore et encore au sein des mêmes murs, sur ce même sol, comme moi avant eux et leurs enfants après eux. La canicule dans laquelle nous sommes entrés le 12 mai n'entame pas leur énergie. Chaque nuit, je les autorise à descendre et remonter les escaliers, une dizaine de fois de suite, pour évacuer leur trop-plein de

20

Boulogne-
Billancourt, FR

rua de Silly,
100, 5º andar

été 2070

PRESENT
CONTÍNUO

Eu estou aqui. Eu continuo aqui.

Costumava-se dizer que “muita água correu por baixo da ponte”, mas agora é o caso de dizer que a água secou embaixo da ponte, ou então que ela transbordou e levou a ponte junto. Tudo depende se falamos do verão, esmagador, que evapora cada gota de suor, ou se falamos do inverno, glacial, com suas tempestades que absorvem o som, deixando somente um silêncio interminável.

Sobre o telhado vegetalizado, umgota-a-gota mantém o calor em níveis aceitáveis no interior do prédio, neste mês de junho de 2070. A água impregna um espesso alinhamento de vasos de terracota, descendo do telhado e ao longo das fachadas. A umidade assim mantida é uma barreira eficaz contra as ondas de ar ardente e ainda permite que cresçam as leguminosas e algumas verduras. Cada prédio dispõe de uma base alimentar autônoma.

As crianças gritam. Elas correm e percorrem sempre o mesmo circuito, inscrito no chão à força de circularem ainda e uma vez mais no espaço interior das mesmas paredes, sobre o mesmo chão, como eu antes deles e os filhos deles depois deles. A onda de calor na qual mergulhamos no dia 12 de

Alice Plane

tout. Les voisins n'aiment pas, on pourrait se transmettre des choses. Les enfants, leur joie innocente, leur énergie, pour une raison étrange, font peur. Surtout aux vieux.

On a trouvé cette solution : des plages horaires que nous nous répartissons au prorata du nombre d'enfants et d'adultes bien portants. En échange, on se rend service. On est le relais de la vieille du quatrième, mes enfants montent et descendant ses affaires.

Ce sont des drones qui déposent ou récupèrent les choses en bas de l'immeuble. Parfois un humain, mais même après septembre, lorsque la canicule s'estompe, c'est vraiment rare. Il faut se faire livrer sur la plage horaire allouée pour les escaliers, et récupérer la livraison quasi immédiatement. Sinon, tout est fichu. Avec un peu d'organisation, ça se fait très bien.



On ne communique que par messagerie instantanée, avec le groupe du 100, rue de Silly, comme avec tous les autres, d'ailleurs. Pour ce qui est des amis, on se rencontre dans des forums en ligne, ou bien sur des plateformes de vie virtuelle. Les extrêmes de température sont tels qu'une autre approche, un autre lien, ne serait pas envisageable.

Pour les escaliers, on a trouvé un système de réfrigération

21

Boulogne-
Billancourt, FR

100 rue de Silly,
5^e étage

verão 2070

maio não diminui em nada sua energia. Toda noite eu os autorizo a subir e descer as escadas umas dez vezes seguidas, para assim liberar o excesso de tudo que os preenche. Os vizinhos não gostam, pode acontecer alguma transmissão. Por alguma razão estranha, em sua alegria inocente, em sua energia as crianças assustam. Sobretudo os idosos.

A solução encontrada foi a seguinte: intervalos que dividimos proporcionalmente entre as crianças e adultos em bom estado de saúde. Em troca, nos ajudamos uns aos outros. As crianças colaboraram, nos revezamos subindo e descendo as coisas da senhora do quarto andar.



Drones depositam e depois recolhem tudo no piso térreo. Umas poucas vezes, um ser humano, mas mesmo depois de setembro, quando a onda de calor perde força, é fato raro. As entregas têm quer ser feitas no intervalo atribuído à utilização das escadas e somos obrigados a pegar a entrega praticamente na mesma hora. Do contrário, dá tudo errado. Com um pouco de organização, as coisas acontecem direitinho.

Só nos comunicamos por mensagens instantâneas, entre nós, o grupo do número 100 da rua de Silly, aliás como com todos os outros. Quanto aos amigos, os encontros são feitos

BR

→ naturelle. On utilise les égouts comme des « qanâts », ces réseaux souterrains d'eaux profondes qui ventilent un air relativement frais. C'est une technique ancestrale des Perses du désert. Combinés avec nos anciennes cheminées, élargies et réaménagées, les « qanâts » forment un système d'échange d'air entièrement mécanique, naturel, entre le sous-sol et l'immeuble. Pas besoin d'électricité, d'ailleurs l'air conditionné est interdit depuis ma naissance, le 11 décembre 2037. Les gaz fluorés des climatisations, il y a moins d'un siècle, ont contribué à faire de ce monde ce qu'il est aujourd'hui. Grâce à notre système, il fait presque meilleur dans la cage d'escaliers que dans les appartements. Pour autant, personne ne garde sa porte ouverte. Trop risqué.

Les vieux sont angoissés. Tout à une fin, ils le savent. Mais plus ils s'en approchent, moins ils se sentent prêts. 50 ans c'est pourtant déjà long. Lorsqu'ils étaient jeunes, ils ont connu autre chose, même si c'est là que le confinement a commencé. 50 ans c'était à peine plus que la moitié d'une vie, la « fleur de l'âge ». Dans notre présent continu, 50 ans, c'est sans doute trop. Ce qu'ils appelaient liberté, cela incluait prendre l'avion, la voiture, le bus, le train, faire des footings dehors... Ça paraît un peu fou, comme vie, et franchement, ça ne me fait pas envie.

22

Boulogne-
Billancourt, FR

rua de Silly,
100, 5º andar

été 2070

em fóruns online, ou então em plataformas de vida virtual. Os picos de temperatura são tais que qualquer outro tipo de contato ou ligação não é sequer considerado.

→ Quanto às escadarias, encontramos um sistema de refrigeração natural. Utilizamos os esgotos como “qanat”, essas redes subterrâneas de águas profundas que ventilam um ar relativamente fresco. É uma técnica ancestral utilizada pelos persas do deserto. Combinados com nossas antigas chaminés, aumentadas e adaptadas, os “qanats”, formam um sistema de renovação de ar inteiramente mecânico, natural, entre o subsolo e o prédio. Não é preciso eletricidade, que aliás é proibido ter desde meu nascimento, em 11 de dezembro de 2037. Os gases fluorados dos aparelhos de ar condicionado, há menos de um século, contribuíram para fazer do mundo o que ele é hoje. Graças ao nosso sistema, no vão das escadas é quase mais agradável e ameno do que dentro dos apartamentos. E, no entanto, ninguém deixa a porta aberta. Muito arriscado.

Os idosos se angustiam. Tudo tem um fim, eles sabem. Mas quanto mais eles se aproximam do fim, menos eles se sentem prontos. E 50 anos já é bastante tempo. Quando eles eram jovens, tudo era diferente, mesmo que tenha sido

Moi, je suis bien chez moi, je ne ressens aucun besoin d'en sortir. Mais pour eux, ça résonne comme un paradis perdu. Ils supportent mal la perte. L'enfermement. Ils ont beau être connectés, comme tout le monde, il leur manque quelque chose. Moi, ça m'est bien égal. Je suis là. Je suis toujours là. J'ai grandi comme ça.

C'est comme ça pour tout le monde. Même pour faire les enfants. J'ai accompli mon devoir national; ça dure 4 ans, c'est long et dur. Les deux premiers nourrissons sont remis à la loterie nationale pour être distribués à d'autres. Les suivants sont au choix de la mère porteuse. J'ai été méritante : j'en ai fait quatre. C'est rare. Alors, j'ai pu en élever deux. Plus, toute seule, ce ne serait pas possible, de toute façon.

Eux, les plus de 60 ans, ils ne savent penser leur vie que dans le passé ou le futur : dans les souvenirs ou dans les projets. Le présent est absent de leur mode de pensée. Ils n'envisagent tout simplement pas le présent continu, au point que plusieurs ont fini par se laisser aller. Ils sont sortis et ont marché, le peu qu'ils pouvaient encore, et puis voilà. L'été, même en s'hydratant en permanence, un humain en pleine santé ne tient pas 72h dehors par ces chaleurs, le corps ne le supporte pas. Tant pis. C'est sans doute un drame individuel, mais collectivement, c'est ok : l'essentiel de leur savoir



Boulogne-
Billancourt, FR

100 rue de Silly,
5^e étage

verão 2070

nessa época que o confinamento começou. 50 anos era pouco mais da metade de uma vida, a “flor da idade”. Atualmente, 50 anos é sem dúvida demais. O que eles chamavam de liberdade incluía viajar de avião, de carro, de ônibus, de trem, dar caminhadas ao ar livre... Pode parecer um pouco maluco, como vida, e francamente não tenho vontade.

Eu fico bem em casa, não tenho a menor necessidade de sair. Mas para eles isso soa como um paraíso perdido. Eles lidam mal com a perda. Com ficarem trancados em casa. E apesar de estarem conectados, como todo mundo, falta alguma coisa. Quanto a mim, tanto faz. Eu estou aqui. Estou sempre aqui. Cresci desse jeito.



É assim para todo mundo. Mesmo para as crianças. Eu cumprí meu dever cívico: faz 4 anos que isso dura, é longo e duro. Os dois primeiros bebês foram entregues para sorteio nacional, para serem distribuídos a outras pessoas. Os seguintes puderam ser escolha da barriga de aluguel. Eu mereci: fiz quatro. É raro. Por isso, pude criar dois. Além disso, como sou sozinha, de todo modo não seria possível criar os quatro.

E eles, os que têm mais de 60 anos, só sabem pensar a vida em termos de passado ou futuro: nas lembranças ou nos

est consigné et enregistré, sauvegardé dans de multiples centres de données numériques répartis sur tout le globe, à diverses latitudes.

Ce n'est que leur expérience individuelle qui disparaît. Leurs savoirs sont là, ils sont là pour toujours. Je m'y rends souvent, je suis un peu nostalgique. Je fais partie de la première génération qui a grandi avec un seul parent, répartie par loterie. Le stockage des données me permet de créer les racines que je n'ai pas. Je m'invente un passé, puis un autre, chaque fois différents, sur la trame de mes souvenirs ou des objets restés dans l'appartement.



Je me considère comme une voyageuse, même si jamais, du plus loin que je m'en souvienne, je n'ai quitté cet appartement du 100, rue de Silly, à Boulogne-Billancourt. L'immobilité physique est parfaitement compatible avec l'ubiquité numérique.

Je suis là mais je suis partout ailleurs, là où je le souhaite, lorsque je le souhaite. Je navigue sur le fleuve Amazone en pêchant des piranhas, je campe avec des girafes et plonge dans des eaux profondes parmi les baleines à bosse. Et au sous-sol, je cours un marathon en 6h12, un exploit.

Je suis heureuse car je dispose de tout ce que je souhaite.

24

Boulogne-Billancourt, FR

rua de Silly,
100, 5º andar

été 2070

projetos. O presente está ausente do modo de pensar deles. Eles simplesmente não consideram o presente contínuo, a ponto de que muitos deles acabaram desistiram. Eles saíram a andaram o pouco que ainda podiam e pronto. No verão, mesmo se hidratando em permanência, um ser humano gozando de boa saúde não suporta 72 horas na rua, por causa do calor, o corpo não aguenta. Azar. É sem dúvida um drama individual, mas coletivamente está tudo bem: o essencial do saber deles está consignado e gravado, salvo em inúmeros centros de dados informatizados espalhados pelo mundo todo, em diversas latitudes.



Só o que desaparece é a experiência individual. Os saberes estão aí, estarão aí para sempre. Eu vou consultá-los com frequência, sinto uma certa nostalgia. Faço parte da primeira geração que cresceu com um único progenitor, atribuído por sorteio. O estoque de dados me permite criar as raízes que não tenho. Invento para mim mesmo um passado que não tenho e depois outro, a cada vez diferente, sobre a trama das minhas recordações ou de objetos que ficaram no apartamento.

Eu me considero uma viajante, mesmo que nunca, por mais que recue nas minhas lembranças, eu me lembre de ter

Mes enfants m'apportent à la fois leur douceur physique, leur intensité émotionnelle et leur sens de l'apprentissage permanent. J'aime être avec eux.

Lorsqu'il sera temps, je leur laisserai l'appartement. L'un des deux devra sans doute partir pour que l'autre puisse fonder sa famille ici. Une génération après l'autre, chacun son tour.

Je préviendrai les drones puis j'irai marcher, moi aussi, un été, par une nuit à 50°C. J'irai sentir sur ma peau la brûlure d'un lever de soleil et là, à un moment incertain, mon présent prendra fin, pour la première fois.

25

Boulogne-Billancourt, FR

100 rue de Silly,
5^e étage

verão 2070

saído deste apartamento do número 100 da rua de Silly, em Boulogne-Billancourt. A imobilidade física é perfeitamente compatível com a ubiquidade digital.

Eu estou aqui, mas estou em toda parte, onde quiser, quando quiser. Navego no rio Amazonas pescando piranhas, acampo com girafas e mergulho em águas profundas entre baleias jubarte. E no subsolo, corro uma maratona em 6 horas e 12 minutos, uma proeza.

Estou feliz, porque tenho tudo o que quero. Meus filhos me trazem ao mesmo tempo a suavidade física deles, sua intensidade emocional e seu sentido de aprendizado permanente. Eu adoro estar com eles.

No momento certo, porei o apartamento no nome deles. Um deles vai seguramente ter que ir embora, para que o outro possa fundar uma família aqui. Uma geração depois da outra, cada um a seu turno.

Eu avisarei os drones e em seguida também irei caminhar, num verão, numa noite em que faça 50°C. Sentirei na pele a queimadura de um amanhecer e então, num momento de incerteza, meu presente chegará ao fim, pela primeira vez.

proposition
#01

Selena Lage

UNICAMP

26

proposição
#01

Selena Lage

UNICAMP

L'expérience d'une pandémie dans ce début du XXI^e siècle explicite et optimise deux voies possibles pour le processus de (re)production et (ré)organisation des espaces privés et publics. La première est traversée par la pensée d'un biais communautaire et envisage l'amélioration des espaces et des services d'usage commun. En suivant cette voie, les résidences, les rues, les villes et tout le territoire habité seraient repensés comme une unité, et la distribution d'assainissement adéquat, les espaces ouverts, ensoleillés et arborés constituerait un bien commun et universel. La seconde voie est projetée par l'intensification de la pensée individualiste tant diffusée par l'idéologie néolibérale. Sur la piste du « sauve-qui-peut », les besoins et les intérêts individuels de ceux qui ont les moyens de les exprimer, de les exiger ou de les payer, se démarquent. Au Brésil, c'est historiquement la direction suivie par ceux qui ont la possibilité de choisir.

Dans cette perspective, l'expérience de la pandémie et du confinement conséquent, laissent entrevoir un scénario de nombreuses avancées, surtout technologiques, pour l'amélioration des espaces privés. À commencer par l'invention et la distribution des appareils ménagers ; les plus communs sur le marché actuellement, tels que les aspirateurs et les machines à laver, ont déjà vu leurs prix

A vivência de uma pandemia neste início do século XXI explicita e potencializa dois caminhos possíveis no processo de (re)produção e (re)organização dos espaços privados e públicos. O primeiro deles é atravessado pelo pensamento de viés comunitário e vislumbra melhorias nos espaços e serviços de uso comum. Por este caminho, as residências, as ruas, as cidades e todo o território habitado seriam repensados como uma unidade, e o provimento de saneamento adequado, espaços abertos, ensolarados e arborizados constituiriam um bem comum e universal. O segundo caminho é vislumbrado pela intensificação do pensamento individualista tão difundido pela ideologia neoliberal. No percurso do “salve-se quem puder”, sobressaem as necessidades e os interesses individuais daqueles que têm condições de expressá-los, exigí-los ou custeá-los. No Brasil, historicamente tem sido este o caminho escolhido por aqueles que têm a chance de escolher.

Por esta perspectiva, a experiência da pandemia e consequente confinamento desponha um cenário de muitos avanços, especialmente os tecnológicos, para benfeitoria dos espaços privados. A começar pela invenção e difusão das máquinas de facilitação dos serviços domésticos; as mais comuns nos mercados atuais, como aspiradores de pó e

augmentés ces derniers mois, en fonction du surcroît de demande. On observe aussi un accroissement de la recherche de services de divertissement liés à la technologie de l'information. Il y a une tendance à ce que l'éventail d'options de services de cette nature continue de croître durant les prochains mois et les prochaines années. Nous prévoyons ainsi que de nouveaux équipements et dispositifs seront rapidement et définitivement à disposition sur le marché dans le but d'améliorer la vie domestique, comme, par exemple, un mécanisme qui puisse offrir les bénéfices de l'énergie solaire à ceux qui vivent dans des appartements et qui ne disposent pas de ce privilège (une situation récurrente au Brésil, un pays pourtant très ensoleillé).



De cette manière, nous avancerons sur la voie de l'avancée technologique mercantile dédiée à la résolution des problèmes ou des inconvénients de la vie privée au quotidien. Les espaces publics constitueront le « reste », là où personne n'investira de ressources. Chaque résidence, équipée en dedans selon le pouvoir acquisitif de ses habitants, ressemblera extérieurement à un véritable « coffre-fort », dûment isolé de l'espace hostile de l'altérité. L'espace public – espace résiduel – sera si abandonné par l'homme qu'il sera envahi par la vie sauvage. Après tout, sans interférences anthropiques, la Nature reprend petit à petit ses droits. Les petites fentes

27

verão 2070

máquinas de lavar roupa, já tiveram seus preços elevados nos últimos meses em função do aumento da demanda. Também já se verifica um aumento na procura por serviços de entretenimento relacionados à tecnologia da informação. A tendência é de que o leque de opções de serviços desse tipo continue aumentando nos próximos meses e anos. Assim, vislumbra-se que, em breve e permanentemente, novos equipamentos e dispositivos sejam disponibilizados no mercado visando à melhoria da vida doméstica, como, por exemplo, algum mecanismo que ofereça os benefícios da luz solar para aqueles que vivem em apartamentos que não disponham desse privilégio (situação recorrente mesmo em um país tão ensolarado como o Brasil).



Dessa forma, seguiremos pelo caminho do avanço tecnológico mercantilizado para resolução dos problemas ou inconveniências da vida cotidiana privada. Os espaços públicos constituirão o “resto”, ou aquilo em que ninguém investirá recursos. Cada residência, tão equipada por dentro quanto economicamente possível aos seus moradores, se mostrará por fora como verdadeira “caixa-forte”, devidamente isolada do espaço hostil da alteridade. O público – espaço residual – ficará tão abandonado pelo Homem que será tomado pelo natural e selvagem.

BR

sur les ruines et la chaussée reçoivent les graines dispersées par le vent, et qui persistent à pousser même dans des environnements hostiles, qui reçoivent peu de pluie et de lumière solaire. Elles grandissent et deviennent des plantes de tous types et tailles et, à mesure qu'elles se reproduisent et croissent en quantité et en densité, prennent des forces et détruisent tout ce qui ne leur appartient pas ou ne les intéresse pas. La renaissance de la flore est suivie par la renaissance de la faune, des êtres minuscules et rudimentaires aux mammifères les plus complexes. Comme il est commun dans les cycles naturels, la vigueur des uns renforce la vigueur des autres.



On entrevoit, donc, un décor de maisons coffre-fort de grande, moyenne et petite taille, soit empilées, soit rapprochées ou dispersées sur le territoire, entremêlées d'abondantes forêts luxuriantes, riches en diversité de flore et de faune. Chaque maison coffre-fort sera aussi isolée du monde sauvage et des autres que possible, même en restant virtuellement connectées. Le monde extérieur sera alors l'espace de résistance, où, outre la Nature, pourront vivre des hommes qui désirent une plus grande connexion avec la vie naturelle, ainsi que ceux qui n'auront pas accès au monde mercantile.

28

Afinal, sem interferências antrópicas, a Natureza vai, aos poucos, retomando seu espaço original. As pequenas frestas nas ruínas e asfaltos recebem as sementes que se espalham com o vento, as quais insistem em crescer mesmo em ambientes desoladores, de pouca chuva ou luz solar. Ao crescerem, vão se tornando plantas dos mais variados tamanhos e tipos e, conforme se reproduzem e aumentam em número e densidade, vão ganhando força e destruindo tudo aquilo que a elas não pertence ou interessa. Com o renascimento da flora, renasce também a fauna, desde os serem minúsculos e simplórios aos mais complexos mamíferos. Como é comum nos ciclos naturais, a pujança de uns reforça a pujança dos outros.



Vislumbra-se, portanto, um cenário de casas-caixas-fortes de grande, médio e pouco volume, ora empilhadas, ora aden-sadas ou dispersas no território, entremeadas por abundan-tes florestas de magnífica variedade de flora e fauna. Cada casa-caixa-forte estará tão isolada do mundo selvagem e umas das outras quanto possível, ainda que virtualmente conectadas. O lugar de fora será então o espaço da resistência, onde, além da Natureza, poderão viver os homens que desejam uma maior conexão com a vida natural, assim como aqueles sem espaço de atuação no mundo mercadológico.

FR

|

29

|

BR

MÉMOIRES D'UNE RUE DE BANLIEUE

Regina Célia Santos
da Frota Matos

30

Rio de Janeiro, BR

MEMÓRIAS DE UMA RUA DO SUBÚRBIO

Regina Célia Santos
da Frota Matos

Je fus ouverte il y a 150 ans, à coup de faux et de machettes en pleine forêt vierge. Au début, j'étais en terre battue, petit à petit arrivèrent les maisons, les habitants, la chaussée, le tout à l'égout et l'éclairage. Certains plantèrent des arbres qui, avec le temps, compétirent avec les fils électriques et attirèrent des petits singes qui enchantent les passants depuis des générations.

Le temps me fit dire adieu à d'anciens habitants, certains me manquent, ceux qui me marquèrent avec leurs histoires et l'affection qu'ils me témoignèrent. Plusieurs maisons furent démolies pour construire des immeubles et des commerces.

Au bout de moi, il y a une petite église au-dessus d'une colline d'où on peut me voir toute entière. Les plus jeunes aiment faire des promenades jusque-là haut. Ma petite église est en bois, bien ancienne et humble. Elle est là depuis 80 ans et me bénit tous les matins et les après-midis avec ses cloches.

Cette année 2020 est bien difficile. Soudain, les gens ont cessé de passer. Les dimanches, il n'y a plus d'enfants qui courrent sur mes trottoirs, ni personne qui monte à la messe. Je suis restée vide pendant des semaines. Les bars et les restaurants, qui m'égayaient tellement, sont désormais

rua

sept mois

Fui aberta há 150 anos, à foice e machados no meio da mata virgem. No início, era de terra batida, aos poucos chegaram casa, moradores, calçamento, esgoto e iluminação. Alguns plantaram árvores que, com o passar dos anos, brigaram com a fiação e atraem miquinhos que encantam os passageiros há gerações.

O tempo fez com que me despedisse de antigos moradores, de alguns tenho saudade, me marcaram com suas histórias e pelo carinho que tiveram comigo. Várias casas foram postas abaixo para a construção de prédios e comércio.

No meu final, tem uma igrejinha que fica em cima de um morro de onde sou vista por inteiro. Os mais jovens gostam de fazer caminhadas até lá. Minha igrejinha é de madeira, bem antiga e humilde. Está lá há 80 anos e me abençoá todas as manhãs e tardes com seus sinos.

Este ano de 2020 tem sido difícil. De repente, as pessoas pararam de transitar por mim. Aos domingos, não há mais crianças correndo pelas minhas calçadas, nem gente subindo para a missa. Fiquei vazia por semanas. Os bares e restaurantes, que me alegravam tanto, fechados. Enfrentei dias chuvosos e escuros, sozinha. Me senti abandonada.

fermés. J'ai affronté des jours pluvieux et obscurs, seule. Je me suis sentie abandonnée.

Au bout de 7 mois, quand les gens sont revenus peu à peu, ils portaient des masques et marchaient si vite qu'ils ne m'accordaient aucune attention. Ils se regardaient les uns les autres et s'évitaient.

Ils ont mis du temps à se rendre compte que la vieille boulangerie avait perdu son vieux patron. Que la dame du premier étage de l'immeuble numéro 10, qui se promenait tous les jours avec son vieux petit chien, avait disparu. Que le ténor du second étage du 25 avait cessé de chanter. Que les arbres eussent besoin d'être taillés et que, avec effort, j'avais empêché que la vieille canalisation déverse des ordures, comme toujours, au coin de moi.

Chicão, mon hôte, que j'abrite dans un recoin du trottoir, près d'un arbre, était le seul à se rendre compte de tout. Il me balaie tous les jours et ne me salit en aucun cas. Il se débrouille pour se laver au moins une fois par semaine, au dispensaire des pauvres, dans la rue d'à côté. Il prend soin de ses affaires : une couverture et un caddie fourré de cartons toujours bien rangés, sans gêner le passage. Il aime vivre en communauté. Il regarde toujours d'un œil critique ceux qui



31

Rio de Janeiro, BR

rue

sete meses

Depois de 7 meses, quando vagarosamente as pessoas voltaram, traziam máscaras e andavam tão rápido, que nem prestavam atenção em mim. Só olhavam umas para as outras e evitavam-se.

Custaram a perceber que a antiga padaria tinha perdido seu velho dono. Que a senhora do primeiro andar do prédio número 10, que todos os dias dava uma caminhada com seu velho cãozinho, tinha desaparecido. Que o tenor do segundo andar do 25 tinha parado de cantar. Que as árvores precisavam ser podadas e que, com esforço, eu não permiti que os velhos encanamentos despejassem esgoto, como sempre acontecia, na minha esquina.



O único que a tudo percebia era o Chicão, meu morador, que se abriga em um recuado da calçada, em frente a uma árvore. Ele me varre todos os dias e não me suja de jeito nenhum. Procura tomar banho pelo menos uma vez por semana, no dispensário dos pobres, que fica na rua ao lado. Mantém seus bens: um cobertor e um carrinho de feira com papelão sempre arrumados, sem fechar a passagem das pessoas. Ele gosta de viver em comunidade. Sempre olha com censura a quem joga lixo no chão, que estaciona na calçada sem deixar que as pessoas transitem em paz.

BR

jettent des ordures par terre ou qui stationnent sur le trottoir en empêchant les gens de marcher en paix. Quand le salon de coiffure de Natércia, qui était depuis plus de 50 ans dans la famille, a fermé, elle et ses employés ont pleuré, ils n'ont pas eu le choix. Chicão les a consolés.

Plusieurs camions de déménagement ont commencé à circuler, mais le plus dur pour moi a été le départ du 22, d'Armando et de sa famille. La dernière maison de la rue qui a vécu : des mariages, des anniversaires, des fiançailles. Des tristesses aussi : des veillées et des séparations. Monsieur Armando est venu me dire adieu, il a dit à mes arbres qu'il avait perdu son emploi et ne pouvait pas garder la maison, qu'il allait la vendre à un constructeur et quand tout sera passé, ils y construiront un immeuble. Je n'ai pas compris ce qui doit se passer. Monsieur Armando a pleuré et m'a envoyé un baiser. Il est parti, masqué, à l'arrière d'un camion.

L'immeuble 33, avec ses 20 étages, m'inquiète, beaucoup de gens âgés y habitent et je me rends compte qu'ils disparaissent, je ne sais pas où.

J'entends de plus en plus de disputes dans la rue. Entre couples, passants et anciens amis, qui maintenant se querellent. Je ne comprends pas bien ce qu'il se passe, je ne suis après

32

Rio de Janeiro, BR

rua

sept mois

Quando o salão da Natércia, que está há 50 anos na família, fechou, ela e os empregados choraram, não teve jeito. O Chicão foi consolá-los.

Vários caminhões de mudança passaram a transitar, mas a que mais me custou foi a do 22, de seu Armando e a família. A última casa existente na rua, que viveu: casamentos, aniversários, noivados. Tristezas também: velórios e separações. Seu Armando veio se despedir de mim, falou com as minhas árvores e disse que não tinha mais emprego para manter a casa, que ia vendê-la para uma construtora, que depois que tudo passasse iria construir um prédio. Não entendi o que tinha que passar. Seu Armando chorou e me jogou um beijo. Partiu, de máscara, na boleia de um caminhão.

O prédio 33, com seus 20 andares, me preocupa, afinal muitas pessoas idosas moram lá e percebo os idosos sumindo, não sei para onde.

Discussão é o que mais tenho ouvido na rua. Entre casais, passantes e antigos amigos, que agora brigam. Não entendo bem esses últimos acontecimentos, afinal sou uma simples rua de subúrbio. Será que o Chicão pode me explicar?

tout qu'une simple rue de banlieue. Peut-être que Chicão
pourrait m'expliquer?

FR

33

Rio de Janeiro, BR

rue

sete meses

BR

UN JOUR, BOITEUX

Tristan D. Denis

Il y a parfois des évidences qu'il est difficile d'apercevoir. Je suis sous la douche ce matin et il est treize heures quand je me fais cette réflexion indirectement. Je me dis que j'aimerais reprendre un travail entrepris il y a déjà longtemps. Je ne l'ai jamais mené à bien, je n'ai jamais réussi à en discerner les contours. Il y a une image insignifiante qui m'habite pourtant quand je me savonne les aisselles. C'est un lacet de chaussure qui se défait insensiblement sous la friction de la brosse d'un escalator. Je ne sais d'ailleurs pas à quoi sert cette brosse noire à l'articulation des marches mouvantes et du parapet qui contient la mécanique.

Peut-être qu'aujourd'hui la plupart des escalators sont à l'arrêt. Cette image que j'essaie d'écrire et qui dans sa petitesse embrasse quelque chose de plus grand est soudainement anachronique. Ces derniers jours, les seuls avions que j'ai vus dans cette retraite forcée de tous sont deux canadiens en entraînement. Je me demande si les aéroports sont vides, si les boutiques détaxées ont leurs rideaux fermés. Je ne sais rien du métro non plus. Un ami m'a dit que dans l'avenue parisienne au-dessus de laquelle il habite, seule une voiture passe tous les quarts d'heure.

34

Soudain ma fascination pour l'esthétique des flux n'a plus de réalité à laquelle s'accrocher. Je ne peux plus en parler. Je ne

Bandol, FR

uma casa estranha
et amigável

une journée
d'incohérence

UM DIA, MANCO

Por vezes, existem evidências que é difícil perceber. Estou embaixo do chuveiro, neste começo de dia e são treze horas quando faço essa reflexão indireta. Eu digo a mim mesmo que gostaria de retomar um trabalho que comecei há muito. Eu nunca terminei, nunca consegui discernir bem seus contornos. Todavia, uma imagem insignificante me habita enquanto ensaboo as axilas. A de um cordão de sapato que se desfaz de modo insensível sob a fricção da escova de uma escada rolante. Aliás, não sei para que serve essa escova preta na articulação dos degraus que se movem e da borda que contém o maquinário.

Tristan D. Denis

Talvez hoje a maioria das escadas rolantes estejam paradas. Essa imagem que eu tento descrever e que em sua pequenez enlaça algo de maior é subitamente anacrônica. Nos últimos dias, os únicos aviões que eu vi, nesse retiro forçado de todos, foram dois de transporte de água em treinamento. Eu me pergunto se os aeroportos estão vazios, se as lojas de tax free estão com as portas fechadas. Do metrô também não sei nada. Um amigo me disse que na avenida parisiense acima da qual ele mora passa um carro a cada quinze minutos.

De repente, meu fascínio pela estética dos fluxos não tem

perçois plus, alors que je sais que c'est partout. Dans la ville, dans les sons, ici et ailleurs. On n'y échappe pas, on n'a pas vraiment le choix de faire partie du grand fluide corporel en perpétuelle agitation. Et tout à coup l'obligation se retourne. On n'a plus le droit. Toutes les injonctions, ces images de villes intubées par les autoroutes en accéléré, n'ont plus lieu d'être. Il paraît que tout cela reviendra à la normale.

On nous parle des grandes épidémies qui, dit-on, ont fait l'histoire, c'est à la radio et l'actualité s'épuise. Les épidémies médiévales ou antiques et tout le mystère, l'incompréhension et ses conséquences. Il y a des morts, des chiffres, des approximations. Mais il y a surtout l'inimaginable, c'est-à-dire le fantasme de l'historien du dimanche. Les villes à moitié vide, les villages déserts, les magouilles, les épidémies de sorcellerie, la peur et les croyances. Le mensonge. Finalement tout ce folklore macabre nous a rattrapés dans un imaginaire technicisé mais à moitié seulement. On ne s'en remet plus à Dieu mais aux modèles mathématiques. C'est peut-être la même chose, un clergé d'ingénieurs.



Le monde des ingénieurs s'est arrêté. Les échangeurs paraissent démesurés quand je les imagine du dessus. Une voiture seule sur cette grande boucle. Je ne sais pas si c'est la même qui est passée hier le long de l'avenue Simon Bolivar. Ça n'a

Bandol, FR

une maison étrangère
et amicaleum dia de
incoerência

mas nenhuma realidade à qual se prender. Já não posso mais falar disso. E não me dou então conta que eu sei que é assim em todo lugar. Não dá para escapar, não podemos escolher fazer parte do grande fluido corporal em perpétua agitação. E, de repente, a obrigação se volta. Não temos mais direito. Todas as injunções, essas imagens de cidade entubadas por estradas em aceleração deixam de existir. Ao que se diz, tudo isso voltará um dia ao normal.

Ouvimos falar de epidemias que, ao que se diz, marcaram data, está no rádio e a realidade se esgota. As epidemias medievais ou antigas e todo o mistério, a incompreensão e suas consequências. Há mortos, números, comparações. Mas há sobretudo o inimaginável, ou seja, o fantasma do historiador de domingo. As cidades semi vazias, as aldeias desertas, os engodos, as epidemias de feitiçaria, o medo e as crendices. A mentira. Afinal de contas, todo esse folclore macabro nos aprisionou num imaginário tecnicizado, mas só pela metade. Não nos remetemos mais a Deus, mas aos modelos matemáticos. Talvez seja a mesma coisa, um clérigo de engenheiros.



O mundo dos engenheiros parou. Os conversores parecem desmesurados quando os imaginamos do alto. Só um carro

pas d'importance. Les films n'ont pas changé entre temps. Ils continuent de montrer ces foules rapides, les travellings, les panoramiques. Les rêves de mes compagnons d'isolement s'adaptent plus rapidement que le divertissement. On y attend des événements affreux reclus dans des maisons de la mémoire. On cherche à retrouver le lieu de l'assurance et du confort et on y trouve l'angoisse. Ils racontent ça en riant et moi aussi je ris.

On est coincé en vacances ou quelque chose comme ça. Le président russe a prolongé le week-end sans savoir pour combien de temps. Ce sont les premières vacances sans fin alors que les trains sont à l'arrêt et les autoroutes désertes. Ici personne ne connaît plus vraiment la date. On est autour de la table et on enquête une minute, on se rassure. D'ailleurs on a oublié de sortir les poubelles. Nous vivons dans un anachronisme qui a surgi parmi d'autres illusions. La piscine est froide et les plages condamnées. Il y a peut-être trois semaines je traversais le Marais sur mon vélo. J'avais sans doute un rendez-vous, un manteau de laine, une écharpe. Et tout autour ces gens déguisés avec leur contenance vont d'une boutique à l'autre. Ils ont des sacs en papier dans les mains. Cette somme d'absurdes me paraît aujourd'hui bien loin. Il paraît que ça reviendra et j'actionnerai ma sonnette pour me faufiler vers les quais.



36

Bandol, FR

uma casa estranha
et amigável

une journée
d'incohérence

nesta grande área. Eu não sei se não é o mesmo que passou ontem, ao longo da avenida Simon Bolívar. Não tem importância. Nesse interim, os filmes são mesmos. Eles continuam a exibir essas multidões apressadas, as filmagens, as tomadas panorâmicas. Os sonhos dos meus companheiros de isolamento se adaptam com maior rapidez do que o entretenimento. Esperamos por acontecimentos horrendos, reclusos nas casas da memória. Tentamos reencontrar o lugar de segurança e de conforto e só encontramos angústia. Eles contam isso rindo e eu também rio.

Estamos oprimidos em férias, ou algo do tipo. O presidente russo esticou o fim de semana sem saber por quanto tempo. São as primeiras férias sem fim, enquanto os trens estão parados e as estradas desertas. Aqui, ninguém sabe realmente por quanto tempo. Estamos em volta da mesa e inquirimos um minuto, nos tranquilizamos. Aliás, esquecemos de pôr o lixo para fora. Vivemos num anacronismo que surgiu junto com outras ilusões. A piscina está fria e as praias interditadas. Faz umas três semanas que atravessei o Marais de bicicleta. Eu tinha seguramente um encontro, um casaco de lã, uma echarpe. E à minha volta, em toda parte, pessoas fantasiadas, contidas, indo de uma loja para outra. Elas seguravam sacolas de papel na mão. Essa soma de absurdos



Les pensées errent dans cette maison inhabitée et pourtant pleine d'un quotidien matériel qui nous est étranger. Les bibelots et les eaux-fortes nous font imaginer vaguement la vie rondement menée dont ils formaient le décor. Celle de Luisa qui est morte l'été passé. On regarde longuement la baie, une fois par semaine un navire avance sur l'horizon. Un supertanker probablement. La mer s'agitte quand il y a du mistral, on voit des moutons blancs un peu partout. On n'a pas l'impression que ça change. Ici je n'ai rien à part quelques livres et quelques cahiers que je feuillette les yeux plus ou moins ouverts et je lis quelque chose comme ça : « Un marasme, semblable à un début de saoulerie, m'éclaire l'âme de bien des choses. En dehors de moi, j'entends s'écouler, dans les pas des passants et la fureur bien réglée des mouvements, la vie évidente et unanime. » Sur la couverture du livre, le portrait de Pessoa. Le regard coupé par les lunettes me fait penser à la démarche impossible des gens quand ils descendent l'escalator en panne dans la réverbération grotesque du métro.

Je demande ensuite dans un rêve qui n'est qu'un souvenir pourquoi le bruit de la route remplit la vallée à cette heure de la nuit et je m'entends répondre qu'il n'y a pas de route mais qu'un torrent grossi par les pluies dans lequel roulent les pierres grises encore impolies. Tout est dit et mon sommeil se tait.

Bandol, FR

une maison étrangère
et amicaleum dia de
incoerência

37

me parece hoje extremamente distante. Ao que se diz, tudo isso voltará um dia ao normal e eu tocarei a pequena buzina da bicicleta para andar à beira do rio.

Os pensamentos erram por essa casa inhabitada e, no entanto, cheia de um cotidiano material que nos é estranho. Os bibelôs e as Áqua-forte nos fazem imaginar vagamente a vida harmônica que eles compunham. A de Luísa, que morreu no verão passado. Olhamos longamente para a baía, uma vez por semana um navio avança sobre o horizonte. Provavelmente um petroleiro. O mar se agita quando sopra o mistral, vemos carneirinhos brancos por toda parte. Não dá a impressão que mudou. Aqui não tenho nada, com exceção de alguns livros e uns poucos cadernos que folheei, com os olhos mais ou menos abertos e leio algo do tipo: “Um marasmo, semelhante a um início de bebedeira, me elucida a alma sobre muitas coisas. Fora de mim ouço (es)correr, nos passos dos passantes e do furor bem regrado dos movimentos, a vida evidente e unâmice.” Na capa do livro, a foto de Pessoa. O olhar cortado pelos óculos me faz pensar no evoluir impossível das pessoas quando descem pela escada rolante parada na reverberação grotesca do metrô.

Em seguida, pergunto num sonho que é só uma lembrança



|

38

Bandol, FR

uma casa estranha
et amigável

une journée
d'incohérence

por que o ruído da estrada enche o vale a esta hora da madrugada e ouço a mim mesmo responder que não há estrada, mas somente uma torrente engrossada pelas chuvas, na qual rolam as pedras acinzentadas ainda não polidas. Tudo está dito e meu sonho se cala.



→

FR



39

Bandol, FR

une maison étrangère
et amicale

um dia de
incoerência



BR

75 RUE JOÃO
ADOLFO, APP. 114,
CENTRE-VILLE

Gabriel Schincariol
Cavalcante

J'ai perdu ma montre, non que cela soit important, peu importe, c'est vrai, presque pas. Le jour se lève et le soleil entre timidement par la fenêtre, en travers de la chambre, suffisamment pour que le vieux rideau ne soit pas capable de contenir sa lumière. Il faut que je m'achète un masque de sommeil. Plus tard, vers l'heure du déjeuner, le lit se transforme en une piscine de soleil, impossible de se coucher. En fin d'après-midi, les rayons du soleil font un angle parfait pour sécher les vêtements du petit étendoir qui est contre le mur, devant la fenêtre, derrière le lit. La nuit, tout est obscur et puis tout recommence de nouveau.

Je n'ai pas besoin de montre, il suffit d'aller dans ma chambre. Il faut que ce soit la chambre. Dans le salon, qui est aussi la cuisine, le soleil ne rentre pas. Il n'y a qu'une fenêtre. Et entre la fenêtre et le salon, il y a une cloison avec un tableau de David Bowie. J'ai pensé à défoncer la cloison, mais, que dirait le propriétaire ? Que je deviens fou ? Oui, c'est sûr. Pour l'instant David Bowie reste ici.

Ce tout petit appartement carré que tout le monde s'accorde à appeler studio dans les sites immobiliers m'a paru idéal à première vue. Un lieu situé dans le centre-ville, à côté du métro, à 10 minutes à grandes foulées de la faculté et à une, deux stations du travail, avec ce petit supermarché ouvert

40

São Paulo, BR

studio

72^e jour du confinement

RUA JOÃO ADOLFO,
75, APTO.114,
CENTRO DA CIDADE

Gabriel Schincariol
Cavalcante

Perdi meu relógio de pulso, não que isso importe muito, não importa, é verdade, quase nada. Amanhece com o sol entrando pela janela do quarto todo tímido, de atravessado, o suficiente para que a cortina velha não seja capaz de conter a luminosidade. Preciso comprar uma máscara de dormir. Depois, lá perto da hora do almoço, a cama vira uma piscina de sol, não dá para deitar. Fim da tarde os raios solares entram na posição perfeita para secar a roupa do varalzinho de chão que fica na parede em frente a janela, depois da cama. A noite é tudo escuro e aí é só começar outra vez.

De relógio não preciso, basta ir até o quarto. Mas tem que ser no quarto. Na sala, que é também a cozinha, o sol não chega. Há só uma janela. E entre a janela e a sala está essa parede de drywall com um quadro do David Bowie. Pensei em marretar o drywall, mas o proprietário ia dizer o quê? Que eu tô ficando louco? Sim, é claro. Por enquanto fica o David Bowie ali.

Esse apartamentozinho de cubículo que a gente toda convencionou chamar de studio nos sites de imóveis me pareceu ideal à primeira vista. Um espaço bem no meio da cidade, do lado de um metrô, a dez minutos de passadas largas da Faculdade e uma, duas estações do trabalho, esse mercadinho vinte e quatro horas no térreo, muito que bem. Preciso comprar leite

24h/24 en bas de l'immeuble, trop bien. Je dois acheter du lait et des œufs. Je ne peux pas oublier. Ça m'a paru parfait. Je l'ai loué, j'y ai installé mes affaires, j'ai rempli mon petit espace, des livres par terre, sur la table, sur l'étagère de la cloison qui sépare la cuisine du salon, à côté du lit, de la télé, de l'ordinateur, des paires de tennis entassées dans l'entrée. C'est un toit, un studio, dans le cœur de la ville.

Et ça l'a été pendant longtemps, ça fait quoi, presque quatre ans ? Dès le matin, j'enfile mon jean et mon t-shirt, je bois mon café et je prends la ligne rouge, j'écoute de la musique sur le chemin, je regarde tous ces gens qui passent tous les jours et on dirait que je ne reconnaissais jamais leur visage pour la deuxième fois, je dévie mon regard de ceux qui dorment sur les petits escaliers près du métro, j'ai honte de dévier mon regard, je me sens stupide d'avoir honte, j'arrive au travail, je travaille, je sors du travail, je vais à la fac en métro, je sors de la fac et à vingt-trois heures je traverse le pont les mains dans les poches et les pieds agiles pour rentrer chez moi et me protéger du danger. C'est la rue, la rue est dangereuse.

Plus maintenant. Ça fait soixante-douze jours.

J'ai d'abord pensé qu'il y en aurait pour quinze, vingt jours, un mois maximum. J'ai installé un second écran à mon



41

São Paulo, BR

studio

72º dia da
quarentena

e ovos. Não posso esquecer. Pareceu perfeito. Aluguei, botei minhas coisas para cá, fui enchendo o espacinho, os livros pelo chão, na mesa, na divisória da cozinha sala, ao lado da cama, a tevê, o computador, os pares de tênis amontoados na entrada. É um teto, um studio, no coração da cidade.

Assim foi por bastante tempo, faz o quê, quatro anos quase? Logo pela manhã me meto no jeans e na camiseta, tomo café e vou para a linha vermelha, ouço música no caminho, olho a gente toda que passa todos os dias e não pareço nunca reconhecer o mesmo rosto duas vezes, desvio o olhar de quem dorme nas escadinhas perto do metrô, sinto vergonha de desviar o olhar, sinto-me estúpido por sentir vergonha, chego no trabalho, trabalho, saio do trabalho, vou para a faculdade de metrô, saio da faculdade e às vinte e três atravesso o viaduto com as mãos no bolso e com os pés rápidos para chegar em casa e me proteger do perigo. Que é a rua, a rua é perigosa.

Agora já não. Faz setenta e dois dias.

Pensei primeiro que era coisa de quinze, vinte dias, um mês no máximo. Arrumei o computador com um segundo monitor, comprei um monte de frango empanado congelado e comecei



BR

ordinateur, j'ai acheté plein de poulets panés congelés et j'ai commencé ma routine, dormir et me réveiller et dormir et me réveiller et dormir et me réveiller sans sortir de l'appartement, sauf pour acheter plus de poulets panés.

Il n'y en a pas eu pour quinze, vingt jours, c'est bien évident. Je me suis trompé.

Ces petits appartements, qu'on s'accorde à appeler studio vu le montant du loyer, sont tout petits, petits, vraiment. Les jours ont passé et on dirait que j'ai grandi sans changer de taille, mais en tenant, chaque fois moins, dans ce minuscule appartement. L'évier a démontré une capacité presque magique, une propriété mystique de se maintenir plein de vaisselle sale, quoi que je fasse. Le poulet pané s'est révélé une option peu durable. Mes aigreurs d'estomac ont recommencé. J'ai arrêté les sodas. J'ai remplacé le poulet pané par des blancs de poulet grillés. Mes aigreurs se sont améliorées.

J'ai repoussé le canapé et la table, chacun dans un coin, en fait tout ce qui existe dans cette pièce, et j'ai fait de l'espace, quoi, environ trois, quatre mètres carrés, une espèce de salle de gym fonctionnelle. Il faut que j'achète un tapis de yoga. Mes serviettes commencent à être immondes.



42

São Paulo, BR

studio

72^e jour du confinement

a rotina de dormir e acordar e dormir e acordar e dormir e acordar sem sair pela porta do apartamento, a não ser para comprar mais frango empanado.

Não foi coisa de quinze, vinte dias, já está evidente. Eu me enganei.

→
Esses apartamentozinhos que se convencionou chamar em prol do valor do aluguel pelo nome de studio sãoinhos, inhos, mesmo. Os dias foram passando e parece que eu fui crescendo sem mudar de tamanho, só não cabendo, cada vez mais, dentro do apartamentozinho. A pia demonstrou uma capacidade quase mágica, uma propriedade mística de se manter cheia de louça suja independentemente do que eu fizesse. Frangos empanados se mostraram uma opção pouco longe-va. Minha azia voltou. Cortei o refrigerante. Substituí o frango empanado por peito de frango grelhado. A azia melhorou.

Afastei o sofá e a mesa, cada um para um canto, tudo que na verdade existe nessa sala, e fiz do espaço vazio, o que, uns três, quatros metros quadrados, uma espécie de academia funcional. Preciso comprar um tapete de yoga. Minhas toalhas estão ficando imundas.

À l'époque, j'avais déjà perdu ma montre. Je me réveillais avec le soleil, je mangeais, je travaillais jusqu'à terminer de faire ce que j'avais à faire, j'allumais la télé, je faisais griller le poulet, je remangeais, je faisais la vaisselle, je râlais, et après tout ça, je faisais une activité physique quelconque.

Dans le salon, sans fenêtres, on ne sent pas la présence du temps. C'est tout le temps le même temps. Un temps arrêté, immobile, on dirait qu'entre les murs de ce minuscule appartement, on est en dehors du monde. Quel monde ? Enfin. J'ai acheté sur le Web des vidéos d'entraînements spéciaux pour le confinement et j'ai commencé à les suivre. Sautez, descendez, flexion, burpee, sautez, descendez, flexion, burpee, puis abdominaux, abdominaux, abdominaux, et mon corps se défait en sueur, les murs chaque fois plus proches, je sentais que j'étais capable d'enfoncer ma tête dans le plafond en plâtre. Jusqu'à ce que l'interphone sonne. J'ai mis la vidéo sur pause et j'ai été répondre. Au fait, où en est la mensualité de mon club de sport ? Je dois vérifier.

Une voix sort de l'interphone, toute gênée de dire que mes voisins du petit appartement juste en-dessous du mien se plaignaient du bruit. Quelqu'un saute, dit la voix de l'interphone. Je ne savais pas quelle heure il était. Dans le salon, on ne peut pas le savoir. Quelle heure est-il, j'ai demandé, et la voix

São Paulo, BR

studio

72º dia da
quarentena

43

Nesse momento eu já havia perdido o relógio. Acordava com o sol, comia, trabalhava até terminar de fazer o que me cabia, ligava a tevê, botava o frango para grelhar, comia outra vez, lavava a louça, reclamava, e aí no fim de tudo me punha a realizar alguma atividade física.

Na sala, sem janelas, não há presença do tempo. Todo tempo é o mesmo tempo. Tempo parado, imóvel, parece que entre essas paredes do apartamentozinho se está apartado do mundo. Que mundo ? Enfim. Achei na internet vídeos de treinos especiais para a quarentena e comecei a seguir. Pula, desce, flexão, burpee, pula, desce, flexão, burpee, depois abdominal, abdominal, abdominal, e meu corpo se desfazendo em suor, as paredes cada vez mais próximas, sentia como se fosse capaz de enfiar a cabeça pelo teto de gesso. Até que o interfone tocou. Pausei o vídeo e fui atender. Como ficou a mensalidade da academia? Preciso ver isso.

A voz da portaria eletrônica estava toda constrangida ao dizer que os vizinhos do apartamentozinho logo abaixo do meu reclamaram do barulho. Alguém tá pulando, disse a voz da portaria eletrônica. Eu não sabia que horas eram. Da sala não dá para saber. Que horas são, perguntei, e a voz respondeu que já se passava das dez. Da noite. Eita. Agradeci e desliguei.

BR

a répondu qu'il était dix heures passées. Du soir. Oups. J'ai remercié et raccroché. Je suis rentré sous la douche et j'ai voulu crier, mais je n'ai pas crié, parce qu'il était tard et que les voisins s'étaient déjà plaints une fois.

Dans l'immeuble d'en face, quelqu'un a commencé à compter les jours à sa propre fenêtre avec du ruban adhésif. Ça a commencé le trente-neuvième jour. Ou alors, c'est la première fois que je l'ai remarqué, le trente-neuvième jour. Ça m'a ému. Je me suis mis à suivre le décompte et j'ai remarqué que généralement quelqu'un changeait le numéro plutôt en fin d'après-midi, quand le soleil était parfait pour sécher le linge. Je n'ai pas beaucoup de linge à sécher. J'utilise les trois mêmes vêtements presque tout le temps. Je vérifie à chaque moment, par la lumière du soleil qui entre dans la chambre, si c'est déjà l'heure où le voisin met à jour son décompte. Quand ça arrivait, je me remplissais d'espoir.

Quelque chose comme être ensemble. Quelque chose comme reconnaître le même visage deux fois dans le métro. Quelque chose comme ne pas dévier les yeux, enfin.

Les murs du petit appartement s'écartaient ainsi, le temps où mon voisin et moi sommes restés complices, sachant que ça allait passer parce que tout passe. Nous ne sommes pas finis,

44

→ São Paulo, BR

studio

72^e jour du confinement

Entrei no chuveiro e quis gritar, mas não gritei, porque era tarde e os vizinhos já tinham reclamado uma vez.

No prédio da frente alguém começou a contar os dias na própria janela usando fita crepe. Começou no dia trinta e nove. Ou foi a primeira vez que eu vi, no dia trinta e nove. Fiquei comovido. Passei a acompanhar a contagem e reparei que geralmente atualizavam o número mais para o fim da tarde, quando o sol estava perfeito para secar as roupas. Não tenho muita roupa para secar. Uso as mesmas três peças quase todo o tempo. Verificava a todo momento, pela luz do sol entrando no quarto, se já era o momento de o vizinho ter atualizado sua contagem. Quando acontecia eu me enchia de esperança.

Algo como estarmos juntos. Algo como encontrar o mesmo rosto duas vezes no metrô. Algo como finalmente não desviar os olhos.

As paredes do apartamentozinho se alargavam dessa forma, enquanto eu e meu vizinho mantínhamos essa cumplicidade de quem sabe que vai passar, porque tudo passa. A gente não está terminado, igualzinho a máxima do Riobaldo. E se a gente não está terminado... não é o fim, então não é definitivo.

tout comme la maxime de Riobaldo¹. Et si on n'est pas finis... ce n'est pas la fin, alors ce n'est pas définitif.

FR

Sauf que. Ah. Sauf que, bon sang, le jour soixante-treize, le soixante-treizième jour, mon voisin a cassé la promesse que nous ne nous étions jamais faite. Le soleil de l'après-midi est passé et le numéro sur le ruban adhésif n'a pas changé de 72 à 73. La nuit est passée puis un nouveau matin est arrivé et il n'a pas changé de 72 à 74. Le soleil est parti, puis est revenu et reparti puis revenu et le 72 est resté là, collé à la fenêtre, immobile comme une lourde pierre sur moi, sur nous tous.



Je ne sais plus combien de jours sont passés depuis que le soixante-douzième jour est devenu tous les autres jours. Je ne sais pas quelle heure il est.

Tous les jours sont le soixante-douzième jour d'isolement. Tous les jours sont pareils. Mon visage se répète dans le miroir tous les matins, même si je ne me reconnaiss plus dans chaque nouveau reflet. Riobaldo, dis-moi, j'ai besoin de le savoir, si c'est vraiment en vivant que l'on apprend à vivre, que me reste-t-il, moi qui suis profondément enfoncé dans le tissu du temps ? Ces murs collés les uns aux autres ne me laissent pas beaucoup d'espace. Soixante-douzième jour.

45

São Paulo, BR

studio

72º dia da
quarentena

Só que. Ah. Só que, poxa, no dia setenta e três, no septuagésimo terceiro dia meu vizinho quebrou nossa promessa já-mais feita. Passou o sol da tarde e o número com fita crepe não mudou de 72 para 73. Passou a noite e a nova manhã chegou e não mudou de 72 para 74. O sol foi e voltou e foi e voltou e o 72 permaneceu lá, estampado na janela, imóvel feito pedra pesada sobre mim, sobre todos nós.

Já não sei quantos dias se passaram desde que o septuagésimo segundo dia se tornou todos os outros dias. Não sei que horas são.

Todos os dias são o septuagésimo segundo dia do isolamento. Todos os dias são iguais. Meu rosto se repete no espelho todas as manhãs, ainda que eu deixe de me reconhecer a cada novo reflexo. Riobaldo, me diz, eu preciso saber, se é vivendo que se aprende mesmo a viver, o que é que resta para mim, que estou fincado fundo no tecido do tempo? Essas paredes coladas umas nas outras não me deixam muito espaço. Septuagésimo segundo dia.

Viver é muito perigoso – tudo nas mãos do vizinho que conta os dias em frente ao meu apartamentozinho.

BR

Vivre est très dangereux – tout est entre les mains du voisin
qui compte les jours en face de mon tout petit appartement.



→

46

|

1. Personnage du roman de João Guimarães Rosa,
Grande sertão veredas. (NDT)

proposition
#02

Matheus Romanelli

Université
de São Paulo

48

proposição
#02

Matheus Romanelli

Universidade
de São Paulo

Le Parc Ibirapuera, inauguré le 21 août 1954 à l'occasion des commémorations du quatrième centenaire de São Paulo, est depuis sa création, un important espace public de la ville. Sa conception, en plein mouvement moderniste, a été fortement marquée par une idéologie de progrès et de gloire qui prétenait projeter São Paulo comme une des villes les plus importantes du monde. L'architecte brésilien le plus remarquable de l'époque, Oscar Niemeyer, a alors été désigné pour élaborer le projet architectural du parc, qui insère des constructions de béton armé au décor de végétation exubérante et des lacs du parc. Le concept était de construire un symbole qui renforçait l'idée d'une « ville du futur ».

En cette année 2020, l'humanité a été frappée par la pandémie de COVID-19, qui a abruptement déstabilisé l'ordre économique global, et a imposé à chaque individu toute une série de restrictions. Nous sommes amenés à freiner nos occupations quotidiennes et à adopter un état réflexif conséquent de la nécessité d'isolement physique. Cette situation improbable nous a néanmoins permis, tout en étant confinés chez nous, d'observer notre propre corps et de repenser notre rapport aux espaces et aux situations qui nous entourent.

Devant un scénario de profondes incertitudes, un sentiment

O Parque Ibirapuera, inaugurado em 21 de agosto de 1954 por ocasião das comemorações do quarto centenário de São Paulo, representa até hoje um importante equipamento público da cidade. Sua concepção está fortemente marcada por um ideário de progresso e glória que, no esteio do movimento modernista, tinha a pretensão de lançar São Paulo como uma das cidades mais importantes do mundo. O arquiteto brasileiro mais proeminente daquele momento, Oscar Niemeyer, foi então convidado para elaborar o projeto arquitetônico do parque, articulando edifícios em concreto armado ao cenário de vegetação exuberante e lagos existentes no local. Tratava-se de construir um símbolo que fortalecesse a ideia de uma “cidade do futuro”.

No presente ano de 2020, a humanidade foi surpreendida pela pandemia da COVID-19, que abruptamente desestabilizou a ordem econômica global, impondo a cada indivíduo uma série de restrições. Fomos levados a desacelerar nossos afazeres cotidianos e adotar um estado reflexivo decorrente da necessidade de isolamento físico. Essa improvável situação fez com que, confinados em casa, pudéssemos observar nosso próprio corpo e repensar nossa relação com os ambientes e as situações que nos cercam.

de peur a fait ressurgir nos instincts les plus primitifs de survie. Nous avons commencé à nous inquiéter de la possibilité de la mort et, par conséquent, de maintenir les ressources essentielles à la vie. Ce processus a mis en évidence une grande inégalité entre les individus qui, reclus dans leurs bulles individuelles, se sont trouvés soumis à de différentes réalités d'accès à la santé et de stabilité matérielle.

D'un autre côté, la lutte contre la pandémie a aussi révélé des conséquences positives, puisque les mesures de contrôle de la dissémination virale ont exigé des attitudes qui ne prennent leur sens que si elles sont adoptées collectivement, par un grand accord social qui a instauré de nouveaux modèles de comportement. L'importance de l'accès universel à la santé publique et à des informations fiables n'a jamais été aussi manifeste. La nécessité de systèmes de transport public confortables et sanitairement sécurisés s'est avérée incontestable, à l'opposition de ce que l'on observe actuellement dans les grandes villes, marquées par la surpopulation. De plus, un contrôle plus important des technologies de relations virtuelles a permis une complète restructuration des relations de travail qui, en indiquant la possibilité du travail non présentiel, ont stimulé un éventuel exode urbain. Il est ainsi probable que l'on observe, ces prochaines années, un allègement de l'agglomération des villes, qui montrent déjà



Diante de um cenário de profundas incertezas, um sentimento de medo trouxe à tona nossos instintos mais primitivos de sobrevivência. Passamos a nos preocupar com a possibilidade da morte e, consequentemente, com os recursos essenciais à manutenção da vida. Nesse processo, se tornou explícita a grande desigualdade existente entre as pessoas que, reclusas em suas bolhas particulares, encontravam-se submetidas a diferentes realidades de acesso à saúde e estabilidade material.

Por outro lado, o enfrentamento da pandemia acabou revelando consequências positivas, uma vez que as medidas de controle da disseminação viral demandaram atitudes que só fariam sentido se adotadas coletivamente, num grande acordo social que implementava novos padrões de comportamento. Nunca antes foi tão patente a importância do acesso universal à saúde pública e a informações confiáveis. Tornou-se inegável a necessidade de sistemas de transporte público confortáveis e seguros de um ponto de vista sanitário, em oposição ao que se observa atualmente nas grandes cidades, marcadas pela superlotação. Além disso, o maior domínio das tecnologias de relacionamento virtual permitiu uma completa reestruturação das relações de trabalho que, com a possibilidade de acontecerem de forma não



des signes de saturation et n'arrivent plus à offrir un logement digne ainsi qu'un assainissement de base à tous leurs citadins.

Quelles sont donc ces conditions qui ne respectent pas les limites de la nature et de l'être humain ? Quels projets futurs peut-on élaborer à partir de l'expérience de la pandémie ? La quête inconséquente du progrès en dit long sur le modèle de ville que l'on s'est efforcé d'instaurer au cours du siècle dernier. Ce modèle a déclenché l'exacerbation du capitalisme, des incessantes demandes du marché de travail sans oublier l'incitation d'un mode de vie insalubre, basé sur l'individualisme et la quête de croissance personnelle en détriment du développement collectif. Il semblerait que les villes ont perdu le principe de base de répondre aux besoins de l'être humain et ont été prises en otage par les institutions de pouvoir contrôlées par l'élite de la pyramide sociale. Nous sommes entrés dans un cercle vicieux qui renforce les inégalités, en stimulant l'accumulation de priviléges entre les mains de quelques élus et en accentuant les conditions précaires de la grande majorité.

Le collectif « Foi à feira », que j'intègre, et qui a pour but d'identifier de nouvelles perspectives par l'observation du présent, a exhibé une installation artistique temporaire

50

presencial, abriram caminho para um possível êxodo urbano. Desse modo, é provável que vejamos nos próximos anos um alívio nas aglomerações das cidades, que já mostram sinais de colapso ao não conseguir prover moradia digna e saneamento básico a todos os cidadãos.

Que ambiente é esse que desrespeita os limites da natureza e do próprio ser humano? Que ideias de futuro podemos elaborar a partir da experiência da pandemia? A busca inconsequente pelo progresso diz muito sobre o modelo de cidade que buscamos implementar ao longo do último século. Esse modelo trouxe consigo o acirramento do capitalismo, as altas demandas do mercado de trabalho e, em última instância, a promoção de um estilo de vida insalubre, apoiado no individualismo e na busca pelo crescimento pessoal em detrimento do desenvolvimento coletivo. Parece que as cidades perderam a premissa básica de atender às necessidades do ser humano e se tornaram reféns das instituições de poder controladas pelos extratos mais favorecidos da pirâmide social. Entramos em um ciclo vicioso em que as desigualdades são reforçadas, ampliando o acúmulo de privilégios nas mãos de poucos e acentuando as condições precárias no outro extremo do espectro.

→



nommée « Objeto horizonte ». Le projet a été sélectionné pour participer à la « 10^e Mostra 3M de Arte – Lugar comum », qui aura lieu en novembre 2020 dans le Parc Ibirapuera, et se trouve actuellement en phase finale de construction. Une structure sphérique étrangère au paysage repose sur le sol et stimule les habitués du parc à l’interaction. Une espèce de bulle perméable dont la superficie est partiellement couverte de fines pièces d’acrylique dotées d’une face interne réfléchissante, formant une spirale concentrique qui immerge le spectateur dans l’œil d’une tornade kaléidoscopique. De cet angle de vue, le paysage voisin se montre fragmenté, intercalant la vision du parc au reflet déformé de l’observateur. Un mystérieux « œuf » lumineux est suspendu en son centre.

L’installation communique avec son visiteur d’une façon presque personnifiée et le stimule à une autoréflexion, en lui suggérant de répondre à haute voix à la question suivante : « comment rêvez-vous la ville du futur ? ». Le témoignage est alors enregistré sur un disque dur, une capsule de temps numérique, laquelle sera scellée à la fin de l’événement et sera seulement rouverte en 2035. Les voix enregistrées seront sélectionnées et diffusées par des haut-parleurs placés sur la face externe de la structure de l’installation, permettant au passant d’écouter les idées d’autres personnes qui ont interagi avec l’œuvre. Il s’agit d’une expérience d’écoute,

51

Com o objetivo de olhar para o presente em busca de novas perspectivas de futuro, o coletivo Foi à Feira, do qual sou integrante, propôs uma instalação artística temporária chamada Objeto Horizonte. O projeto foi um dos selecionados para participar da 10^a Mostra 3M de Arte – Lugar Comum, a ser realizada em novembro de 2020 no Parque Ibirapuera, e já se encontra em fase final de construção. Uma estrutura esférica estranha à paisagem repousa sobre o solo, convidando o frequentador do parque à interação. Uma espécie de bolha permeável cuja superfície é parcialmente coberta por finas peças de acrílico de face interna espelhada, conformando uma espiral concêntrica que coloca o expectador no olho de um tornado caleidoscópico. Deste ponto de vista a paisagem ao redor apresenta-se fragmentada, intercalando a vista do parque com o reflexo distorcido do observador. Ao centro, encontra-se suspenso um misterioso “ovo” luminoso.



De maneira quase personificada, a instalação se comunica com o visitante e o estimula a fazer uma autorreflexão, sugerindo que este responda em voz alta à seguinte indagação: “Como você sonha a cidade do futuro?” O depoimento é então registrado em um HD, uma cápsula do tempo digital, a qual deve ser guardada ao final da exposição e reaberta somente em 2035. O áudio gravado também passa a ser

et de donner la parole à des personnes qui traversent anonymement les espaces publics. Nous prétendons ainsi construire le témoignage d'un moment historique. Les idées de futur émises par le passé, préservées par des registres du quatrième centenaire de São Paulo, nous semblent vraiment obsolètes aujourd'hui. Comment nos propositions actuelles vieilliront? Quel sera l'impact de leur pouvoir de transformation?



Apparemment, une solution viable au défi complexe lancé à l'humanité exigera forcément un renforcement de la collectivité et des espaces d'échange. Il est vital de considérer la perspective de l'autre avant de définir notre prochain pas. L'architecture et l'urbanisme doivent être orientés vers la création de villes vivantes, qui dialoguent avec la société, qui accompagnent son évolution et qui jouent également un rôle éducateur. Nous devons assumer l'engagement d'atténuer les distorsions sociales, d'offrir un plus ample accès aux équipements publics, à la culture, à l'éducation, au transport et à la santé, surtout aux populations fortement vulnérables. Nous devons dépasser la tradition de valorisation des individualités et éliminer les préjugés structurels constitués au fil des siècles et enracinés dans nos sociétés contemporaines. Même si cela semble utopique, la construction d'une réalité de bien-être ne sera pas réalisable

52

randomicamente reproduzido pela própria instalação por meio de caixas de som posicionadas na parte externa da estrutura, permitindo que o transeunte tenha acesso às ideias das outras pessoas que interagiram com a obra. Trata-se de um trabalho de escuta, de dar voz às pessoas que diariamente transitam anônimas pelos espaços públicos. Deste modo, pretendemos construir o testemunho de um momento histórico. As ideias de futuro do passado, preservadas pelos registros das festividades do quarto centenário de São Paulo, parecem mesmo obsoletas para os dias de hoje. Como será que nossas propostas atuais vão envelhecer? Qual será o impacto do seu poder de transformação?



Aparentemente, a saída viável para a complexo desafio posto à humanidade passa necessariamente pelo fortalecimento da coletividade e dos espaços de troca. É vital considerar a perspectiva do outro antes de definir nosso próximo passo. A arquitetura e o urbanismo devem ser direcionados para a construção de cidades vivas, que dialoguem com a sociedade, acompanhem sua evolução e até mesmo cumpram um papel educador. Devemos assumir o compromisso de amenizar as distorções sociais, proporcionando amplo acesso a equipamentos públicos, cultura, educação, transporte e saúde, sobretudo às populações em situação de maior

sans un vrai effort d'inclusion et de valorisation de l'équilibre d'opportunités entre les individus.

FR

53

vulnerabilidade. Precisamos trabalhar com o intuito de superar a tradição de valorização das individualidades e interromper a perpetuação de preconceitos estruturais forjados ao longo da história e tão enraizados nas sociedades contemporâneas. Por mais utópico que esse objetivo seja, não parece haver qualquer outra possibilidade de se construir uma realidade de bem estar social se não houver um verdadeiro empenho de inclusão e de promoção do equilíbrio de oportunidades entre os indivíduos.

BR

ALTERNATIVE CAPITALE

Patrick Dahlet

En ce premier soir de confinement, les deux fois trois voies de la L2, axe de l'est n°2, qui borde la face orientale de Brasilia, sont désertes. Sans comprendre encore à quoi je fais écho, en marche à pied sur ce périphérique longiligne, normalement inaccessible au piéton, je me surprends à glisser sur l'asphalte, comme si c'était un immense velouté en pleine campagne et que l'évidement de l'autoroute formait une pause, qui délivrait une occasion unique, à l'image du kairos grec, de fendre autrement le monde. Je regarde autour de moi et je divague. Je divague.

Et je vois d'abord que ce que j'apercevais naguère comme une pelouse, dont on attendait seulement qu'elle soit tonsurée à date fixe par les agents municipaux, est une prairie qui sert d'aire de contemplation d'un soleil couchant, plus rouge et dilaté que le vrai, à des hommes et des femmes, assis en étoiles, à distance les un(e)s des autres, mais tous ensemble avec la torche qui embras(s)e la terre et le ciel. Les chiens aussi sont nouveaux, je n'avais jamais relevé qu'il y avait autant de chiens entre les humains de la capitale fédérale. À l'écart du champ, une vieille femme, adossée à un arbre, écrit sur un papyrus aussi usé que ses vêtements, et murmure sans discontinuer tout ce qu'elle écoute. Son visage est d'un corps qui se rompt, mais que sa force fait durer. Il y a dans cette femme quelque chose de cassé et d'altier.

54

Brasilia, BR

sqn 212-216,
axe nord

20.03.2020
17h-19h

ALTERNATIVA CAPITAL

Patrick Dahlet

Nesta primeira noite de confinamento, as vias do eixo Leste nº 2 da L2, que circunda a face oriental de Brasília, estão desertas. Ainda sem entender ao que faço eco, caminho a pé na via marginal longilínea, normalmente inacessível ao pedestre e me surpreendo a deslizar sobre o asfalto, como se fosse um imenso aveludado em pleno campo e que evidentemente formava uma pausa da estrada, fornecendo uma ocasião única, à imagem do kairós grego, de fender o mundo de outra forma. Eu olho à minha volta e divago. Eu divago.

Vejo primeiro o que achava que era um gramado, que só se esperava que fosse aparado em dias fixos pelos agentes municipais, e que na verdade é um pequeno campo que serve de espaço de contemplação de um pôr-do-sol, mais rubro e dilatado do que o verdadeiro, pra homens e mulheres, sentados em posição de lótus, afastados uns dos outros, mas todos juntos com a tocha que enlaça a terra e o céu. Os cães também são novos, eu nunca tinha percebido que há tantos cães entre os humanos da capital federal. Fora do espaço verde, uma mulher idosa, encostada a uma árvore, escreve sobre um papiro tão usado quanto suas roupas e murmura sem parar tudo o que escuta. O rosto é o de um corpo que se rompe, mas que a força dessa mulher faz durar. Existe nela algo de quebrado e de altivo, ao mesmo, tempo. Nem

à la fois. Ni pénitente, ni voyante, elle intercède. Exclue du monde, elle est plus que jamais dedans, en train de veiller sur les évocations que rencontrent ceux qui, dans son dos, sillonnent le couchant.

Devant moi à présent, la L2, fourrée de silence, étend Brasilia comme une forêt ventée, décantation à perte de vue de la brousse centrale du cerrado, sur lequel, il y a soixante ans, l'utopie s'est enlevée à marche forcée. Les cigales ne s'y trompent pas. Leur stridulation, comme un phare d'ondes, alternativement mélodie, trilles et vibrations lascives, rouvre tout le plan capital aux cadences vivantes de son « paramaître » végétal. On dirait que même l'asphalte a un patron rythmique. Dans les entours, prodigieuse décaphonie, tout l'habitat en carrés des quadras résidentiels chante lui aussi. Je ne sais pas très bien quoi faire avec ce concert. Sur le grand axe vide, aux antipodes des jours massifs d'accélérations et d'avaries, je suis novice. Pile au cœur d'un moment de pur présent, dissout dans ce mouvement que l'on devient en même temps que ce que l'on sent ou que l'on écoute, je ne souhaite rien d'autre que de me laisser porter. Je ne savais pas alors que, quatre mois plus tard, à repasser encore tous les jours sur mes pas, je serais presque obsédé par la détection de variations dans la bande de fréquence des cigales et la substitution de nouvelles traces à celles



Brasília, BR

sqn 212-216,
asa norte20.03.2020
17h-19h

penitente, nem vidente, ela intercede. Excluída do mundo, ela está mais do que nunca dentro dele, velando sobre evocações que vão de encontro aos que, às costas dela, sulcam o rastro do pôr-do-sol.

Diante de mim, agora, a L2 plena de silêncio, estende Brasília como uma floresta ventosa, decantação a perda de vista do mato central do cerrado, sobre o qual, há sessenta anos, a utopia alçou voo em marcha forçada. As cigarros não se enganam, seu trilar, como um farol de ondas, alternando melodia, trinados e vibrações lascivas, abre o plano capital a um modelo rítmico. Nos arredores, uma prodigiosa cacofonia, todo o habitat do quadrado das quadras residenciais também canta. Eu não sei muito bem o que fazer desse concerto. No grande eixo vazio, contrariamente aos dias cheios de acelerações e avarias, eu me sinto um novato. Bem no coração de um momento de puro presente, dissolvido nesse movimento em que nos tornamos ao mesmo tempo que o que sentimos ou escutamos, não quero nada além de me deixar levar. Eu não sabia então que quatro meses mais tarde, revendo todos os meus dias e passos, eu ficaria quase que obcecado pela detecção de variações na faixa de frequência das cigarros e substituição de novos vestígios aos do dia anterior. Mas, por hora, retomo a caminhada.



du jour précédent. Mais, pour l'heure, je reprends la marche.

Sur les bas-côtés, dans le moindre fragment de pierre et de feuillage, à chaque angle de vue, il y a un monde en miniature, réserve insoupçonnée de teintes et de formes : rouge pourpre des flamboyants, rose fluide des ypés, jaune laiteux du sable dans les vasques creusées par la pluie, brisures des bosquets qui s'empilent les uns sur les autres, morsures du lichen et pans anthracites des roches au sein du parc, jouxtant la route et lui aussi sous clef, que son nom traduit en français, « Œil d'eau » donne comme fait de la matière liquide même. Au loin, bougent les courbes douces des rivages d'un bleu poncé par les vagues, du lac Paranoá. On n'a guère l'habitude de l'apercevoir, depuis la L2, en train de se repaître du crépuscule.

Mais chaque pas arrache des signes différents : à proximité de hardes abandonnées, devant une école primaire assoupie, une couche de mangues gave le sol, qui avertit que quelqu'un est passé par là et qu'on n'est pas tout à fait seul; un autobus sans passagers attend sur l'accotement, d'être dépanné, ou rattrapé par l'horaire programmé, pour cacher qu'il a trop filé; sous l'auvent du prochain arrêt, une voyageuse potentielle feuillette l'un des ouvrages en accès libre, d'une de ces poignantes boîtes à livres qu'abritent les



56

Brasilia, BR

sqn 212-216,
axe nord

20.03.2020
17h-19h

Nas laterais, no menor fragmento de pedra ou de folhagem, em cada ângulo de vista há um mundo em miniatura, reserva insuspeita de tonalidade e de formas: vermelho púrpura dos flamboyants, rosa fluido dos ipês, amarelo leitoso da areia das poças cavadas pela chuva, trincas das matas que se empilham umas sobre as outras, dentadas de musgo em pedaços antracitos de rochas no meio do parque, ao lado da via, ele também fechado. Seu nome, “olho d’água”, dá bem a ideia da própria matéria líquida. Ao longe, se movem as curvas suaves das margens de um azul lixado pelas ondas, do lago Paranoá. Da L2, não se costuma entrevê-lo se refestelando do crepúsculo.

Mas cada passo arranca sinais diferentes: perto de pertences abandonados, na frente de uma escola primária adormecida, uma camada de mangas alimenta o solo, que avisa que alguém passou por ali e que não estamos completamente sozinhos; um ônibus sem passageiros espera no acostamento para ser consertado ou para ser pêgo pelo horário programado, para esconder que ele escapou; embalado da cobertura da próxima parada, uma passageira potencial folheia uma das publicações gratuitas, de uma dessas pungentes caixas de livros colocadas nos pontos de ônibus



stations de bus de la ville; quelque part encore, plus en avant, un attelage chargé de cartons et de carcasses métalliques, avec une enfant allongée sur l'entrelacs, exécute une rotation vers les manguiers.

Arrive le moment où il me faut quitter la L2, à ma droite, pour revenir par le mitan commercial et les chemins de traverse de trois carrés d'habitation, enroulés sur eux-mêmes dans des frondaisons éclairées comme un décor de théâtre. Inutile cependant de tenter le retour d'une seule traite. Rien ne se passe comme prévu dans une solitude exigée. Le détail capture sans relâche, chaque présence est un échantillon de magie, la moindre action devient le summum d'un monde : au seuil d'une pharmacie, ma pesée sur la balance, une toquade a priori tout à fait banale, quand on ne se doute pas qu'elle sera l'initiale d'une hallucinante répétition, à la même heure, dans le même lieu, à chacun des cent vingt autres passages qui ponctueront quotidiennement mon confinement; dans une vitrine, un mannequin plus vrai que nature et au style d'autant plus excentrique qu'il n'y a strictement personne, sur le trottoir, pour s'y projeter – et moi qui passe presque en m'excusant; dans les allées végétales qui cerclent les carrés d'habitation, un enfant, gentiment tancé par sa mère, descend de sa trottinette pour réajuster son masque, et un vieil homme fouille dans des bennes ; un peu partout,



Brasília, BR

sqn 212-216,
asa norte20.03.2020
17h-19h

da cidade; em alguma parte, ainda, mais à frente, um engate carregado de papelão e de carcaças metálicas, com uma criança deitada sobre o entrelaçamento, faz uma rotação na direção das mangueiras.

Chega a hora em que preciso sair da L2, à minha direita, para voltar pelo emaranhado comercial e pelos caminhos de travessas de três quadrados de moradias, voltadas sobre si mesmas em ramagens iluminadas como uma ornamentação de teatro. Mas é inútil tentar voltar de uma vez. Nada acontece como previsto, numa solidão imposta. O detalhe capture sem descanso cada presença é uma amostra de magia, a menor ação torna-se o ponto culminante de um mundo: no umbral de uma farmácia, meu peso numa balança, uma obsessão a priori completamente banal, quando não se desconfia que isso será o princípio de uma alucinante repetição, no mesmo horário, no mesmo local, em cada uma dos cento e vinte outras vezes em que minha passada por aqui pontuará diariamente meu confinamento; numa vitrine, um manequim mais real do que uma pessoa e de um estilo mais excêntrico do que o de qualquer pessoa de verdade, na calçada, para se impor – e eu que passo quase que me desculpando; nas sebes que cercam os quadrados de casas, uma criança delicadamente repreendida pela mãe desce do patinete para



transposition infinitésimale du mouvement tectonique, les plaques de pierre des chemins forment des zones de fracture, certaines éclatantes, d'autres discrètes, toutes perverses. Je ne peux m'empêcher de calculer la probabilité qu'elles ont de causer des chutes et de songer à l'apaisement que procurerait au piéton la revitalisation de la chaussée. Hors de la psalmodie des cigales, toujours différente et toujours la même, il y a maintenant juste le silence. On ne croise personne. S'il n'y avait cette poupée, dans son tissu rouge, qui se balance à une fenêtre et une peinture d'allure cubiste qui lévite derrière elle, je me demanderais où est la ville, et s'il y en a même une, sous la végétation. J'ai l'impression de marcher à l'intérieur de moi-même jusqu'à ce que, dissous dans le paysage, je boucle la boucle. Me voici rendu à mon secteur d'habitation où entre les blocs, évènement exclusif entre tous, ce soir, un musicien bolivien, qui pourrait être un artiste de «rue», s'il y avait réellement des rues à Brasilia, déplie comme un long turban, le plain-chant de son saxo, splendidelement seul, pour conjurer le mauvais œil de tous. C'est terrible comme le centre du cyclone est calme, quand on est contenu, au sein d'un mythe urbain, dans l'immensité d'une quarantaine, dont on ne sait alors encore presque rien, ni si elle finira jamais.



58

Brasilia, BR

sqn 212-216,
axe nord

20.03.2020
17h-19h

ajeitar a máscara e um homem idoso vasculha as lixeiras; em toda parte, transposição infinitesimal do movimento tectônico, as placas de pedra dos caminhos formam zonas de fratura, algumas chamativas, outras discretas, todas perversas. Não posso me impedir de calcular a probabilidade que elas têm, de provocar quedas, e de pensar também na calmaria que o conserto das calçadas propiciada aos pedestres. Fora da salmodia das cigarras, sempre diferente e sempre a mesma, agora só o silêncio. Já não se cruza ninguém. Se não houvesse essa boneca, em seu vestido vermelho balançando numa janela, e uma pintura de ares cubistas que levita por trás dela, eu me perguntaria onde está a cidade, e mesmo se é que existe uma cidade, sob a vegetação. Tenho a impressão de andar no interior de mim mesmo até que, dissolvido na paisagem, eu fecho o ciclo. Eis-me de volta a meu setor de casas onde, entre os blocos, acontecimento exclusivo de todos, esta noite um músico boliviano, que poderia muito bem ser uma artista "de rua", se houvesse realmente ruas em Brasília, desdobra como se fora um longo turbante o cantar de seu saxofone, esplendidamente sozinho, para conjurar o mau olho de todos. É terrível como o centro do ciclone é calmo, quando se está contido, no seio de um mito urbano, na imensidão de uma quarentena da qual ainda não se sabe quase nada. nem se ela vai acabar um dia.



FR

|

59

Brasília, BR

sqn 212-216,
asa norte

20.03.2020
17h-19h

|

BR

L'introspection et la redéfinition des valeurs de l'architecture grâce aux verbes attributifs

proposition
#03

Kamylla Bernardes
Conceição Maciel

UFRGS

60

L'architecture se résumait auparavant à un moyen par lequel nous occupions et nous bénéficiions des espaces pour réaliser nos obligations, devoirs et objectifs. La transgression que le coronavirus a provoquée globalement a eu pour effet de freiner le rythme soutenu de nos vies. Et nous a soumis à une conjecture d'isolement total, qui, dès lors, nous a fait réévaluer les verbes attributifs, être, demeurer et rester, qui ont pris un nouveau sens, traduit par une longue inversion de rôles, passer plus de temps dedans que dehors. L'espace extérieur, autrefois vivant, chaleureux et rythmé, est aujourd'hui silencieux, calme et dangereux. L'espace intérieur, qui était un lieu de passage, devient un synonyme de vie et de protection. Habiter un espace confortable est une façon d'être soi-même.

C'est le moment de repenser l'architecture résidentielle et son impact sur notre vie. L'obligation de rester chez soi nous a tous forcés à nous adapter, et à rechercher de meilleures options de confort et de bien-être. L'architecture assume cette fois le rôle de protagoniste, étant le facteur principal de qualité de vie pendant le confinement. Si les projets ne réunissent pas les facteurs nécessaires à offrir une habitabilité

Introspecção e ressignificação de valores na arquitetura através dos verbos de ligação

proposição
#03

Kamylla Bernardes
Conceição Maciel

UFRGS

Antes a arquitetura era tratada apenas como o meio pelo qual ocupávamos e usufruímos dos espaços com os nossos compromissos, deveres e objetivos. A transgressão que o coronavírus provocou globalmente, surgiu como uma pausa na acelerada condição humana no qual vivímos. E nos submeteu a uma conjuntura de total isolamento, que, por conseguinte nos fez reavaliar os verbos de ligação, ser, estar, permanecer e ficar, que a partir daqui tomam um novo significado que se desdobra a uma longa inversão de papéis, o estar mais dentro do que fora. O lá fora que antes era vívido, caloroso e acelerado, hoje toma o papel de silencioso, calmo e não seguro. O aqui dentro que antes era local de passagem, passa a ser sinônimo de vida e proteção. Habitar um espaço confortável faz parte do ser você.

Inicia-se aí uma prospecção acerca da arquitetura residencial e o impacto da mesma nas nossas vidas. A obrigatoriedade de ter de ficar em casa, forçou todos a se adaptarem, e buscaram da melhor maneira possível o conforto e o bem-estar. Dessa vez a arquitetura entra aqui com protagonismo, sendo o principal fator responsável pela qualidade de vida

essentielle, les logements peuvent, par exemple, présenter des températures extrêmes, ou ne pas garantir les conditions minimales de ventilation, ce qui peut porter préjudice aux habitants, puisque l'aération est un facteur primordial pour éviter que les espaces soient insalubres ou transmettent une sensation de claustrophobie. Le soleil est le principal facteur de l'architecture contre l'isolement, il transmet une sensation de confort visuel, il est nécessaire à la santé, il contribue à l'efficacité énergétique et impacte positivement l'environnement grâce à la réduction de la consommation d'électricité, nous apportant quotidiennement l'énergie pour continuer à vivre.



Être obligé de vivre dans un lieu qui accumule quelques-unes de ces omissions, souvent immuables, contribue négativement à la notion d'« habiter », pouvant se transformer en cauchemar, le « rester » nous a incité à développer pendant le confinement un regard clinique sur l'architecture qui nous suggère diverses altérations fondamentales qui sont à notre portée, comme le simple fait de cultiver des plantes, qui nous apporte un peu du dehors au dedans, ainsi que les murs peints et les décorations qui traduisent un vécu et qui font que ce foyer est le vôtre. Le besoin fondamental d'architecture qui s'exprime dans nos maisons contribue, au-delà du bien-être domestique, à nous rendre plus productifs

61

na quarentena. Morar em ambientes que não configuram a habitabilidade como um dos fatores essenciais na hora de se projetar, faz muitas vezes com o resultado final seja ambientes com temperaturas extremas, assim como não garantiu das condições mínimas de ventilação, que acabam prejudicando os estares, já que o ar entra aqui como fator primordial para manter uma ótima renovação do ar e permitir que os espaços não sejam insalubres ou transmitam sensação de claustrofobia. O principal coadjuvante da arquitetura no isolamento é o sol, que além de transmitir a sensação de conforto visual, auxiliar na saúde, contribuir para a eficiência energética e impactar positivamente no meio ambiente com a redução do consumo de eletricidade, constantemente é o principal responsável por nos dar energia para seguir um dia.



Permanecer indispensavelmente em um lugar no qual possuem algumas dessas omissões que muitas vezes são imutáveis, parecem contribuir de forma negativa para o habitar, de tal forma que beira um pesadelo, mas o olhar clínico à arquitetura que o permanecer nos fez aprender a ter no confinamento expõe diversas alterações que estão no nosso alcance e que fazem toda a diferença neste processo, o simples ato de ter plantas, traz um pouco do fora para dentro, ter paredes pintadas e decorações que acompanham uma

BR

au travail, à être de meilleure humeur, à être en bonne santé et surtout à ce que le temps passe moins lentement, de manière moins pénible et nostalgique.

→

Imaginer la maison dans un monde où les personnes sont déjà immunisées et libérées de l'inquiétude du virus, nous porte à croire que les intenses expériences vécues dans cette période de confinement ne nous impacterons pas seulement socialement, mais aussi dans notre manière de projeter le futur, par des études plus approfondies de l'habitabilité lors du projet d'une nouvelle construction, en pensant à des espaces mieux ventilés et ensoleillés grâce à la reconfiguration spatiale des pièces du logement, comme, par exemple, en rapprochant de l'entrée les pièces qui ont la fonction d'hygiénisation, ou même l'insertion de genkan – souvent utilisé au Japon – pour éviter de rapporter des saletés de la rue, de la poussière ou des toxines grâce à l'installation d'un vestibule où l'on laisse les chaussures et les manteaux, ou en valorisant le design d'intérieur qui contribue au bien-être en assurant un espace plus harmonique et sain. De plus, les contraintes des habitants recevront certainement une attention redoublée dans les projets, par des solutions mutables qui permettent une flexibilisation spatiale plus importante tout en considérant attentivement l'insertion d'espaces de travail dans la maison, en veillant à ce qu'ils soient bien séparés des

62

história ou vivência faz o seu lar ser você. A fundamental necessidade da arquitetura em nossas casas contribui muito além do que com o se sentir confortável em estar nelas, ela é capaz de nos fazer ser mais produtivos no trabalho, ter um humor mais leve, auxiliar na saúde e fundamentalmente contribui para que o tempo não passe tão lentamente, cumprindo o seu ciclo de forma menos dolorosa e cheia de saudade.

→

Imaginar a casa num mundo com a qual as pessoas já estavam imunizadas e livres da preocupação com o vírus, nos faz acreditar que as intensas experiências vividas neste período de confinamento irão nos impactar não só socialmente, mas também na maneira de projetar no futuro, seja nos estudos mais aprofundados de habitabilidade ao se projetar uma nova edificação, buscando ter espaços mais bem arejados e iluminados, seja na reconfiguração espacial dos ambientes, trazendo para mais perto da entrada os cômodos que tem função de higienização, e até mesmo a inserção de genkan já muito utilizado no Japão, como uma forma de não trazer para dentro de casa sujeiras da rua, poeiras ou toxinas com a instalação de uma "pré sala" no qual se remove os sapatos e deixa-se os casacos da rua, e até mesmo no próprio design de interiores que muitas vezes auxilia e contribui para viver bem em um ambiente mais harmônico e saudável.

espaces de vie, suivant le succès du home office de cette période qui a contribué à ce que certaines entreprises ne reprennent pas leur travail physiquement.

Dehors, l'impact du confinement est visible, le rythme a diminué, le bruit des pas, des klaxons et des voix ne s'entendent presque plus et la pollution a diminué. Le vide urbain, désormais banal, a ouvert la discussion d'une réhabilitation des espaces pour pouvoir apporter des réponses aux problèmes préexistants et améliorer la qualité de vie de la population. On observe dans certaines villes un élargissement des voies cyclables et des trottoirs, une priorisation des piétons au détriment des véhicules, ainsi que la valorisation des espaces verts par leur préservation et leur amplification.



Cette restructuration progressive de la mobilité et de l'infrastructure urbaine, peut avoir un grand impact dans un monde post Covid, stimulant les individus à marcher ou à se déplacer à bicyclette et nous offrir ainsi l'opportunité de repenser des habitudes banales. Pour renforcer la qualité de bien-être des espaces, on peut aussi envisager le développement d'un mobilier urbain capables de maintenir les individus en sécurité. Le plus grand défi est de maintenir une connectivité entre les personnes tout en gardant une distance de sécurité. Au-delà de toutes ces questions, nous

Além disso, os espaços possivelmente seguiram um cuidado pleno ao serem projetados, tendo um maior zelo aos seus habitantes, buscando através de soluções mutáveis permitir uma flexibilização espacial maior além de cautelosamente considerar a inserção de escritórios em casa, de modo a ser capaz de separar bem o ambiente de trabalho, do de vivência visto que o êxito do home office neste período, contribuiu para que muitas empresas não voltem fisicamente.

Lá fora, é visível o impacto do esvaziamento urbano, o ritmo diminuiu, o barulho de passos, buzinas e falas quase não existem e a taxa de poluição abaixou. O corriqueiro vazio urbano, abriu discussão acerca de uma requalificação dos espaços para além de solucionar problemas pré-existentes, trazendo maiores melhorias para a população. Algumas cidades utilizaram do advento da ampliação das ciclovias e calçadas, priorizando cada vez mais os pedestres e não os veículos, além de prezarem cada vez mais os espaços abertos verdes com a preservação e ampliação dos mesmos.



Essa reestruturação da mobilidade e infraestrutura urbana, que acontece aos poucos, num mundo pós Covid pode ter um grande impacto, ao influenciar as pessoas cada vez mais a usarem bicicletas ou caminharem e assim nos dar a

pouvons nous demander quel héritage l'urbanisme recevra de ce chaos mondial.

D'autres maladies ont été responsables le long de l'histoire de grandes modifications de l'architecture qui se répercutent encore aujourd'hui, il est même possible d'affirmer que tous les détails et les problèmes que nous avons vécus pendant le confinement impacteront notre manière de projeter le futur et que la réclusion nous permet de repenser et de reformuler les verbes attributifs qui se font chaque fois plus présents ; être prudent, être en bonne condition psychologique, rester chez soi et être en sécurité.



64

opportunidade de repensar hábitos ordinários através deste incentivo de estar em espaços de qualidade, outra medida cabível é o desenvolvimento de mobiliários urbanos capazes de manter as pessoas seguras e protegidas. O maior desafio está em manter um distanciamento seguro e mesmo assim perdurar a conectividade entre as pessoas. E muito além disso, fica o questionamento quanto ao que todo esse caos mundial irá nos deixar como legado para o urbanismo.

Assim como várias doenças no decorrer da história da humanidade foram responsáveis por grandes mudanças na arquitetura que acompanhamos e temos reflexo até hoje, é possível afirmar que todos estes pequenos detalhes e problemas vivenciados por cada um de nós nesse período de quarentena irão impactar na maneira de projetar no futuro, assim a reclusão nos permite pensar e reformular os verbos de ligação que se fazem presente, hoje mais do que nunca em ser precavido, estar psicologicamente bem, permanecer em casa e ficar seguro.



FR

|

65

|

BR

JUSTE UN APPEL
RAUQUE

Luis Maffei

66

Avril 2020

Il n'y a pas de ville, seulement des fenêtres. Pas de visages, que des voix. Aux fenêtres de cet immeuble, de ce bloc, les visages ne sont pas des visages, ce sont leurs spectres. J'entends les voix de cet immeuble. J'entends des traces de stupeur. J'entends l'hypothèse d'un état impossible. Quand il n'y a que la maison, elle n'existe pas. La maison n'existe que quand on en sort. Et quand on y rentre. Nous n'avons pas de maison. Les fenêtres de cet immeuble, de ce bloc, n'ont jamais été aussi lumineuses. Les mauvaises herbes du terrain vague d'à côté n'en finissent plus de pousser.

Mai 2020

Je pense aller vite à ce qu'il reste de ce bloc. Des voitures passent, quelques personnes. Beaucoup d'ombres visitent la vie qui se cache. Je sors. Il y a des fenêtres allumées ce dimanche soir. Ce bloc a toujours été un passage. Aujourd'hui, on n'y passe pas. Moi non plus, je suis sorti pour courir. Mon parcours : mon propre bloc, autour de lui. Il y a une bonne montée, et une très mauvaise descente. Le bloc n'est pas ample, je dois faire beaucoup de tours. Mais il y a des nuances. L'une de ses limites est plus obscure, l'autre, celle de la montée, est éclairée comme les fenêtres. Peu de gens, quelques voitures. La femme que j'aime me fait signe quand elle m'aperçoit. Sérénade suante et muette. Aucune autre

Rio de Janeiro, BR

minha quadra

six mois

CONVOCAÇÃO
SÓ ROUCA

Luis Maffei

Abrial, 2020

Não há cidade, só há janelas. Não há rostos, só há vozes. Nas janelas deste prédio, desta quadra, os rostos não são rostos, são de si mesmos espectros. Ouço as vozes deste prédio. Ouço rastros de espanto. Ouço uma hipótese de impossível estar. Quando só há a casa, não há a casa. Só há a casa quando saímos dela. E voltamos. Não temos casa. As janelas deste prédio, desta quadra, nunca estiveram tão iluminadas. O mato no terreno baldio aqui ao lado só sabe crescer.

Maio, 2020

Penso ir veloz ao que resta desta quadra. Passam carros, alguma gente. Muitas sombras visitam a vida que se esconde. Saio. Há janelas iluminadas nesta noite de domingo. Esta quadra sempre foi passagem. Hoje não passa. Eu, tampouco passo, pois saí para correr. A corrida é a própria quadra, em torno dela. Há uma subida boa, uma descida muito má. A quadra não é farta, preciso dar muitas voltas. Mas tem nuances. Um dos limites é mais escuro, outro, o da subida, iluminado como as janelas. Pouca gente, alguns carros. A mulher que amo me acena quando passo à sua vista. Serenata suada e muda. Nenhuma outra janela me acena. Na zona clara, um entregador de comida me diz, de

fenêtre ne s'allume. Dans la partie éclairée, un livreur de repas me dit, l'air complice, « Quelle montée, hein ? ». Le temps va passer, septembre arrivera. Septembre m'apprendra que je ne pourrai plus être joggeur. Le bloc ne sera jamais plus une piste de course. Je devrai obtenir une autre perception de l'espace, mon espace, un autre espace. Avec mon corps et tout.

Juin 2020

Des voix. Bangu joue contre Flamengo. Pas dans ce bloc, même si c'est à côté. Il n'y a aucun sens à ce match de Bangu contre Flamengo, pas dans ce bloc, ce quartier, ce pays. Quelqu'un crie à une fenêtre. Un cri unique, qui n'a aucun sens. J'entends les voix de cet immeuble, chaque fois moins étonnées. Les mauvaises herbes poussent sur le terrain vague d'à côté. Je vois une rue avec des gens, qui sortent de leur maison pour mieux la récupérer. Mais il est trop tôt. Le bloc doit encore être dans la pénombre. Il y a un peu moins de gens aux fenêtres. Ma rue, ou plutôt, les rues du quadrilatère qui descendant et montent, commencent à m'effrayer par leur manque d'étonnement. Les gens qui marchent dans les rues changent le décor, paraissent encore un peu timides. Mais ils paraissent, apparaissent. Le désert d'une rue sans maison devient un village de rues sans maison – qui sont les gens qui sortent ? Pourquoi sortent-ils ?



67

Rio de Janeiro, BR

mon bloc

seis meses

maneira cúmplice, “essa subidinha, hein?”. O tempo vai passar, chegará setembro. Setembro me dirá que não poderei mais ser um corredor. Jamais a quadra voltará a ser pista de corrida. Eu que obtenha outra percepção de espaço, meu espaço, espaço outro. Com corpo e tudo.

Junho, 2020

Vozes. Jogam Bangu e Flamengo. Não nesta quadra, ainda que perto. Não faz sentido qualquer Bangu e Flamengo, não nesta quadra, neste bairro, neste país. Alguém grita numa janela. Um único grito, que não faz qualquer sentido. Ouço as vozes deste prédio, cada vez menos espantadas. O mato no terreno baldio aqui ao lado cresce. Vejo uma rua com gente, saindo de casa para recuperar a casa. Mas é muito cedo. Ainda era para a quadra estar em penumbra. Há um pouquinho menos de gente nas janelas. A minha rua, ou melhor, as ruas do quadrilátero que desce e sobe, começam a me assustar desse seu menos espanto. As pessoas que andam nas ruas, mudando o cenário, ainda parecem um pouco tímidas. Mas parecem, aparecem. O deserto de uma rua sem casa torna-se numa povoação de ruas sem casa – quem as gentes que saem? Porque saem? Por que são obrigadas a sair? A mulher que amo aniversariou geminianamente triste.



BR

Pourquoi sont-ils obligés de sortir ? La femme que j'aime a eu un triste anniversaire de Gémeaux.

→ Juillet 2020

Penché à la fenêtre, je ne me sens plus étranger à la maison : je me sens étranger au bloc et aux points sans cardinalité où je ne vais plus.

Août 2020

Tout se passe autour d'une maison qui a changé. Avant, l'épicentre d'un deuil ; maintenant, une casemate. Encore des tâches à distance, beaucoup de travail. Encore une relation intense avec l'enfance de ma vie, une référence quotidienne de ce qui est paysage. Encore et toujours l'écriture. Et quelques fuites pour obtenir des vivres, revenir en courant, craindre. L'enfant est ici, la mère aussi, peu de gens nous manquent. Le monde nous manque, peut-être. Mais quelle nostalgie se maintient dans ce monde, celui qui est le mien, que ce bloc représente si bien ? La nostalgie d'un monde qui ne répond à aucune urgence ? Il y a des mois que je ne cours pas, le quartier ne reconnaîtra pas mes tennis violettes.

Septembre 2020

Il n'y a que la ville, il n'y a pas de fenêtres. Il n'y a pas de voix, que du bruit. Mauvaise ville, mauvaise époque. On m'a

68

Rio de Janeiro, BR

minha quadra

six mois

→ Julho, 2020

Debruçado à janela, não me sinto mais estrangeiro da casa: sinto-me estrangeiro da quadra, dos pontos sem cardinalidade aonde não vou mais.

Agosto, 2020

E tudo se passa com uma casa que se moveu. Antes, o epicentro de um luto; agora, uma casamata. Ainda tarefas remotas, muito trabalho. Ainda a relação intensa com a criança da minha vida, referência diária do que seja paisagem. Ainda e sempre a escrita. E alguma fuga para obter víveres, voltar correndo, temer. A criança está aqui, também a mulher, a saudade é de pouca gente. Saudade de mundo, talvez. Mas que saudade se sustenta num mundo, o que me coube, que esta quadra representa tão bem? Que saudade de um mundo que não responde a nenhuma urgência? Há meses já não corro, o quarteirão já desconhecerá meus tênis violeta.

→ Setembro, 2020

Só há cidade, não há janelas. Não há vozes, só há barulho. Cidade errada, errado tempo. Descobriram-me uma hérnia de disco. O tempo passa na quadra que me esqueceu. Toma-me o oblivio. Surgiu logo ali um estabelecimento, parece, de comida mineira. Fica aberto até fechar o bar ao lado,

découvert une hernie discale. Le temps passe dans le bloc qui m'a oublié. L'oubli me submerge. Un restaurant de spécialités de Minas, il me semble, a surgi. Il reste ouvert jusqu'à ce que le bar d'à côté ferme, là où des hommes, toujours des hommes, unissent leur choix graisseux de ne pas avoir le choix. En balayant le salon, j'ai senti une douleur profonde, une douleur paralysante. Je ne courais pas depuis des mois. L'hernie. L'orthopédiste dit que je ne pourrai plus courir. Je pense lui faire un bras d'honneur. L'appel de la rue est rauque. Le quadrilatère ne redeviendra pas une piste de course. Qui garde dans ses coins silencieux le clin d'œil du gars du iFood : « Quelle montée, hein ? ».

Octobre 2020

Je vis dans une ville sans fenêtres. Beaucoup de visages, peu de voix. Dans ce bloc, qui nous mure, les mauvaises herbes ne poussent même plus dans le terrain vague d'à côté. J'entends les voix de cet immeuble. J'écoute ses traces. J'entends des états de complète indifférence. Je vis dans un bloc peu accueillant. Il n'y a pas de sens à aller et venir. Nous n'avons pas de maison. On a à peine une rue. Les fenêtres de cet immeuble, de ce bloc, s'allument et s'éteignent normalement.

69

Rio de Janeiro, BR

mon bloc

seis meses

onde homens, sempre homens, reúnem sua engordurada escolha de não ter escolha. Varrendo a sala, senti uma dor profunda, dor de paralisar. Não corria havia meses. A hérnia. Diz o ortopedista que não poderei voltar a correr. Penso em lhe dar uma banana. A rua exerce-me convocação só rouca. O quadrilátero não voltará a ser uma pista de corrida. Que guarde em seu silêncio com esquinas a piscadela do moço do iFood, “essa subidinha, hein?”.

Outubro, 2020

Vivo numa cidade sem janelas. Muitos rostos, pouca voz. Nesta quadra, que nos empareda, já não cresce o mato do terreno baldio aqui ao lado. Ouço as vozes deste prédio. Ouço rastros do mesmo. Ouço estares de completa indiferença. Vivo numa quadra pouco hospitaleira. Faz pouco sentido ir e voltar. Não temos casa. Mal temos rua. As janelas deste prédio, desta quadra, se acendem e apagam normalmente.

BR

Dans la maison VI de Peter Eisenmann, une fissure divise la chambre et sépare le lit du couple en deux. Les habitants de la maison installèrent deux lits simples, de chaque côté de la fissure qui traverse la maison et durant toutes les années où ils y vécurent, ils obéirent aux contraintes de leur espace en passant leurs nuits dans la même chambre, mais séparés.

proposition
#04

Gabrielli Motta

Penser l'architecture en tant que forme et prétendre à son autonomie accorde sans doute quelques libertés. Quand cette recherche s'exprimait selon un processus conceptuel, on prônait l'absence d'une logique structurelle ou un décalage entre l'espace constitué et son utilisation. Les questionnements auxquels l'architecture offre des réponses sont liés à leur époque et le fait de négliger certains aspects – comme Eisenmann le fait en ce qui concerne la forme et la fonction – montre paradoxalement, une certaine considération par leur propre négation. Un vide existe aussi bien qu'un plein.

Escola
da Cidade

70

La pandémie du COVID-19 inaugure sans doute un modèle contemporain d'interaction avec l'espace, même si le développement de cette dynamique coïncide avec son avènement – il n'y a pas eu de recul de réflexion pour l'élaboration des mesures qui s'appliquent au contexte de l'isolement social. On redécouvre l'importance du soleil, de l'espace entre la rue et la partie interne de la maison, où se trouvent désormais

Na casa VI de Peter Eisenmann, uma fenda divide o quarto e separa a cama de casal em dois. Os moradores da casa dispõem duas camas de solteiro uma de cada lado da fenda que atravessa a casa e por todos os anos que viveram ali, cederam às demandas do espaço e dormiram as noites num mesmo cômodo, mas separados.

proposição
#04

Gabrielli Motta

Pensar arquitetura através de sua forma e buscar sua autonomia certamente concede algumas liberdades. No momento em que essa exploração se dava como um processo conceitual justificava-se a ausência da racionalidade estrutural ou o descompasso entre espaço constituído e seu uso. As perguntas que a arquitetura responde são relacionadas a seu tempo e desconsiderar alguns atributos – como Eisenmann faz relacionado a forma e a função – é, ainda que em negação, considerá-las. Um vazio existe tanto quanto um cheio.

Escola
da Cidade

A pandemia de COVID-19 certamente inaugura uma forma contemporânea de interação com espaço, ainda que o processamento dessa dinâmica aconteça sincronizadamente com sua descoberta – não existiu a chance do afastamento temporal na elaboração de medidas que se apliquem ao contexto de isolamento social. Reafirmou-se a importância do sol, do meio-de-caminho entre rua e parte interna da casa, onde agora talvez fiquem os sapatos e as compras a serem

les chaussures et les achats nécessitant d'être désinfectés et les distances qui avant nous éloignaient seulement de l'indésirable, modèrent aujourd'hui toutes les rencontres.



Les sols que nous connaissons sont tous construits en un seul morceau, les fenêtres et les portes s'ouvrent et leurs bénéfices sont de plus en plus valorisés – la lumière du soleil, la circulation de l'air, le contact visuel à une distance raisonnable. Les habitants des petits appartements qui entourent le centre de São Paulo, des maisons irrégulières dans la banlieue de la ville, et même des résidences pourtant assez confortables ont sans doute tous eu l'opportunité de réaffirmer leur utilisation, de trouver de nouvelles fonctions à des espaces auparavant négligés ainsi que de découvrir des failles à ce qui paraissait stable – le manque d'espace pour profiter du ciel, pratiquer du sport, passer des appels en silence alors que les enfants font leurs cours en ligne ou s'activent dans la même pièce. Des caractéristiques simples de l'architecture, prennent désormais plus d'importance dans les projets – surtout si on découvre, par exemple, que sa maison reçoit un unique rayon de soleil pendant 5 minutes à 16h00 heures ou que la fenêtre qui donne sur un mur voisin ne ventile pas assez d'air (une réalité fréquente dans les villes denses, verticalisées et qui subissent une croissance spontanée). L'espace domestique subit des découvertes et des

71

desinfectadas e as distâncias já não afastam somente do indesejado, mas mediam todos os encontros.



Os chãos que conhecemos são todos inteiros, janelas e portas se abrem e são cada vez mais valorizadas – a luz do sol, a circulação de ar, o contato visual a considerável distância. Moradores de pequenos apartamentos que rodeiam o centro de São Paulo, casas irregulares nas periferias da cidade e até mesmo residências bastante satisfatórias certamente tiveram o momento de serem percebidas junto da necessidade de ressignificar usos, encontrar forças em espaços antes subutilizados e descobrir falhas no que parecia estável – a ausência de espaço para enxergar o céu, praticar exercícios, fazer ligações em silêncio enquanto as crianças assistem aula online ou gastam energia na mesma sala. Características simples da arquitetura relacionadas a seus planos, agora passam receber maior atenção – especialmente se a descoberta foi que sua casa recebe um único feixe de luz por 5 minutos às 16:00 ou que pela janela virada ao muro limítrofe de terreno não se recebe ventilação (realidade facilmente encontrada numa cidade adensada, verticalizada e de crescimento espontâneo). O ambiente doméstico está passando por descobertas e transformações – e o gerúndio é agora recurso que auxilia a expressar aquilo que ainda não pode ser posto enquanto feitiço concluído e superado, é processo que acontece no tempo presente.

transformations – et le gérondif devient un outil pour exprimer ce qui ne peut pas l'être en tant que fait conclu et dépassé, mais plutôt en tant que processus du temps présent.

La maison n'est plus seulement un abri, elle est devenue un lieu sécurisé en ce qui concerne les interactions avec l'étranger. Il s'est avéré nécessaire de compacter une grande partie de ce qui était réalisé dans l'espace urbain et externe, en un espace unique. Un lieu qui flirte avec la non-spécificité est plus apte à répondre aux divers besoins que celui qui constitue un espace statique.



En dehors de l'espace domestique, la proximité n'est pas l'objet d'une volonté intrépide – mais plutôt le désir de l'espace public et des rencontres.

Être ensemble, même séparés : la possibilité des fissures semble être chaque fois moins effrayante.

Si deux lits simples de chaque côté d'une même fissure suggèrent la possibilité d'un « ensemble-séparé », l'actuel moment de retrait social semble se baser sur quelque chose de très similaire à cette fragmentation de l'unité qui extrait de la rupture quelques solutions : on veut être ensemble, mais en même temps, il faut être distant. L'espace devient une contrainte de comportement, mais cette fois-ci, pas seulement

72

Além de abrigo, a casa tornou-se lugar seguro no quesito de interações com o estranho. Existiu a necessidade de compactar muito do que era feito no ambiente urbano e externo dentro de um único espaço. O lugar que flerta com a inespecificidade é mais capaz de suprir as diversas necessidades do que aquele que constitui um espaço estático.

Fora do ambiente doméstico, a proximidade não é vontade destemida – apesar de o desejo pelo espaço público e encontros, ser.

Estar juntos, ainda que separados: a possibilidade de fendas parece ser cada vez menos assustadora.



Se as duas camas de solteiro em cada lado da mesma fenda criavam a possibilidade do junto-separado, o momento de distanciamento social parece se pautar em algo muito semelhante a essa fragmentação de unidade que traz na ruptura alguma solução: se quer estar junto, mas é preciso estar, ao mesmo tempo, longe. O espaço é destacado enquanto condicionante de comportamento, mas dessa vez, não como iniciativa única do que já está construído, mas também a partir da conduta daqueles que experimentam os lugares.

A experiência do isolamento social traz a tona a necessidade de um espaço ser capaz de receber usos diversos, tomando como partido as necessidades desse morador que não é

en fonction de ce qui est déjà construit, mais aussi à partir de la conduite de ceux qui occupent les lieux.

FR

L'expérience de l'isolement inculque à l'espace la nécessité de s'adapter à diverses utilisations, selon les besoins d'un habitant qui n'est pas un sujet universel. Certaines caractéristiques fondamentales sont mises en exergue, la circulation de l'air, les espaces verts, l'éclairage naturel, la vie privée se révèlent très importants pour la constitution d'un espace où on passe la plus grande partie de la journée – le dynamisme des rues s'oppose à la singularité de cet espace. Surtout en ce qui concerne les distances, quand l'architecture devient un critère dans l'évaluation de la sécurité d'une rencontre, alors c'est le moment de trouver des moyens d'être ensemble, même séparés. Les fissures ne seront probablement pas des fentes sur le sol, mais les espaces vides seront, plus que jamais, pris en compte dans la spatialité, les fissures dans leur aspect symbolique, s'ouvriront. Ou plutôt, sont en train de s'ouvrir.

73

um sujeito universal. Características fundamentais recebem atenção redobrada, e a circulação de ar, contato com áreas arborizadas, iluminação natural, privacidade se mostram importantíssimas para constituição de um espaço em que se passa a maior parte do dia – o dinamismo de se estar nas ruas é contraposto com a singularidade desse espaço. Sobretudo quanto às distâncias, a arquitetura passa a ser critério para avaliação do quanto seguro um encontro possa ser, e é momento, então, de buscar medidas que auxiliem a estar juntos, ainda que separados. As fendas muito provavelmente não serão rasgos no chão, mas os espaços vazios serão, mais do que nunca, considerados na conta da espacialidade. As fendas, em uma instância simbólica, se abrirão. Ou melhor, estão se abrindo.

BR

Je n'habite certainement à lire le grisillement des détails le silence de l'immeuble où le moins son se change en signe me tenant fermement à la fenêtre la fenêtre devient l'horizon où tout s'aplatis

et rien ne cesse jamais de bouger la fenêtre devient mon horizon les détails s'y précipitent comme des mouches

		un	grand	ciel	bleu	très espacé
trois immenses urubus leurs ailes déployées font passer sur la scène une ombre						
il y a une personne qui joue du tuba. juste deux trois notes continues, tremblantes, achamées	je sais que c'est une femme parce que je l'ai vue l'autre jour en passant sous sa fenêtre	c'est étrange de l'entendre jouer tous les jours plusieurs heures par jour se joindre au vacarme de 20H – à son sujet j'ai plusieurs hypothèses	étrange de jouer avec tant d'achameinent et que de jour en jour elle ne progresse pas	plurieurs hypothèses aussi pour la silhouette d'en face que l'on peut voir la nuit tombée	quand la lumière est allumée, elle vient à 20H taper sur une casserole et crier <i>fora bolsonaro!!!</i>	dont le corps se découpe au milieu du bruit réel et féroce de la cuillère contre la casseroles à 20H
avec une fourrière qui bouge quand il court, des fâches noires et blanches, j'entends la voix de son maître	le soir à 20H il tape sur un tambour pendant que nous frappons en rythme avec des cuillères	hier soir il a mis la musique très forte l'imagine pourtant il paraît qu'il est de droite, tout est de sa faute alors de quoi est faite sa colère ?	de quelqu'un qui retombe sur le sol je pense qu'il saute à la corde, c'est à lui j'entends parfois des bruits sourds	si jamais ne pas solliciter par exemple la voisine du balcon me l'a montrée depuis le balcon du quatrième étage si jamais	peut-être la cinquante une voix volumineuse quand elle s'adresse aux enfants et une apparence	qui s'efface derrière les endroits où elle se trouve (mais peut-être est-ce parce que je ne la vois jamais ?)
ou quelque'un installé dehors le cri est survi d'un suffit qui initie sa trajectoire et celle de nos propres cris	<i>tutu tutututu tututu tututututu tututu</i> peut-être quelqu'un descendu prendre une bière	et malgré le décret et la situation générale ils restent ouverte malgré le décret municipal	et semblent respirer l'air à pleins poumons et ont l'air très heureux comme s'il n'y avait rien	rien · pas besoin de se laver les mains cent fois par jour de mettre un masque sur sa bouche de crier <i>fora bolsonaro!</i>	où il y a des machines pour l'exercice physique l'un d'eux fait des pompes et son caniche le regarde	et des enfants courrent dans le parc, je pense : il ne faut pas qu'ils s'approchent les uns des autres, cette pensée me fait peur
comme tout est désormais étrange, l'herbe verte est très verte du fait de la pluie, l'autre jour quelqu'un est venu la tondre et il avait un masque, de même que l'homme en train de soulever la plaque d'égout, il s'est arrêté soudain pour prendre un <i>selfie</i> , bras tendu vers le ciel, une photo en plongée qui le montrera lui, le masque qui mange le visage, un grand soleil, l'eau qui s'échappe du sol et vient répandre une fâche sombre sur le goudron uniforme						
des fourmilières avec leurs couloirs étroits et compliqués	des vers de terre	le nid sous-terrain du couple de chouettes que j'essaie vaguement d'apprivoiser	des vers de terre et des chenilles des termitières en parois de terre rouge	beaucoup de chats dorment sur les dalles chaudes en bas de l'immeuble le soir ils restent allongés dans l'ombre on dirait qu'ils sont morts		

CARTE RÉALISÉE
DEPUIS LE BALCON - AVRIL 2020

FR

Camille Ruiz



Brasília, BR

vue depuis le
balcon

le temps de regarder
par la fenêtre



e nada cessa nunca de se mexer a janela se torna meu horizonte os detalhes correm como moscas

eu me acostumei lentamente a ler crepitando detalhes o silêncio do prédio no qual o menor som se transforma em sinal me mantendo firmemente à janela a janela se torna o horizonte no qual tudo se acha

	um grande	céu pequenos pássaros amarelos sobre os fios elétricos	azul três imensos urubus suas asas abertas fazem uma sombra passar sobre a cena	vôos
tem uma pessoa tocando tuba, só duas ou três notas trêmulas, contínuas, impłacáveis	eu sei que é uma mulher porque eu a vi outro dia passando sob a janela	é estranho ouvir la tocar todos os dias por várias horas por dia se barulheira das 20h00	estranho tocar com tanto empenho sem progredir, dia após dia – a respeito dela tenho várias hipóteses	quando a luz da lavanderia está acesa ela vem às 20h00 bater na panela e gritar <i>fora bolsonaro!!!</i>
com uma pelagem que se move quando ele corre	à noite às 20h00 ele bate sobre um tambor enquanto nós batemos em ritmo com as colheres	sobre o rebordo da janela – mas ele parece ser de direita tudo é culpa dele então do que é feita a raiá dele?	ontem à noite ele ouviu música bem alto eu imagino que ele também se aborrecer eu ouço às vezes ruídos surdos	de alguém que cai no chão eu acho que é alguém pulando corda é para ele que vou pedir ajuda se for o caso
ou do piso terreo ou de algénim do lado de fora o grito é seguido de um assobio que inicia sua trajetória a dos nossos próprios gritos	<i>tutu tutututu tutuu</i>	nas mesas pertinho da banquinha branca e azul que continua	é apesar da determinação e da situação geral elas aberta apesar da determinação da prefeitura	e parecem respirar o ar plenos pulmões e têm um super sério como se passam ambos sobre suas bicicletas vestindo pouca roupa
formigueiros com seus corredores estreitos e complicados	como tudo é estranho agora a grama verde está super verde por causa da chuva outro dia alguém veio cortar e estava usando máscara assim como o homem que ergueu a tampa de esgoto para fazer um soliço para a água que brota do chão e espalha uma fio de cima para baixo que vai mostra-lo e a máscara que esconde o rosto um soliço uniforme	<i>tutu tutututu tutuu</i> talvez alguém que deseja tomar uma cereja	nada sem necessidade de lavar as mãos com vezes por dia de usar máscara cobrindo a boca de gritar <i>fora bolsonaro!!!</i>	muitos gatos dormem em cima das lajotas quentes na parte de baixo do prédio à noite eles ficam alinhados no escuro dir-se-ia que estão mortos
	como tudo é estranho agora a janela se torna meu horizonte os detalhes correm como moscas	minhocas	o ninho subterrâneo do casal de corujas que eu tento vagamente domesticar	montículos com paredes de terra vermelha



Brasília, BR

vista do balcão

o tempo de
olhar pela janela

MAPA FEITO DO BALCÃO
- ABRIL DE 2020

Camille Ruiz

BR

La pandémie mondiale instaurée par le Covid-19 s'est révélée une situation sans précédent dans la société contemporaine et provoque diverses conséquences. Parmi elles, le débat et la révision de valeurs sociales, éthiques, politiques et financières, qui nous amène à rompre des paradigmes. Une partie de la population mondiale s'est retrouvée obligée de s'adapter et de considérer les nouvelles conditions imposées.

proposition
#05

Marina Luiza
de Valécio & Thiago
Soares da Silva

UFRJ

78

La restriction de la mobilité et l'augmentation du temps de confinement dans les résidences ont mis en évidence des aspects essentiels tel que, la réhabilitation d'activités indispensables, comme le travail et l'étude à distance, le cadre domestique est alors devenu le principal décor du vécu, provoquant de nouvelles organisations spatiales et la réhabilitation des lieux, ainsi que des modifications des occupations quotidiennes qui impliquaient le corps en dehors de son habitation. Des adaptations ont surgi, conséquentes aux tensions qui ont stimulé la discussion et la nécessité d'espaces privés et qualifiés pour des activités spécifiques, à l'opposé d'espaces plus intégrés, libres et non programmés.

Malgré ces adéquations, selon une étude récente du Royal Institute of British Architects, 25% des interviewés affirment que leur habitation n'était pas adaptée à leur travail, 58% des élèves interrogés ont affirmé avoir développé des problèmes

Configurada como uma situação sem precedentes na sociedade contemporânea, a pandemia mundial instaurada pela Covid-19 tem causado efeitos diversos. Dentre eles, o debate e revisão de valores sociais, éticos, políticos e financeiros, tem levado a quebra de paradigmas, em que parte da população mundial viu-se obrigada a se adaptar e pensar suas novas condições impostas.

proposição
#05

Marina Luiza
de Valécio & Thiago
Soares da Silva

UFRJ

A restrição de mobilidade e aumento do tempo de clausura nas residências focalizou o entendimento do essencial, em que a requalificação de atividades imprescindíveis, como trabalho e estudo à distância, posicionou o ambiente doméstico novamente como o principal palco da vivência, resultando em novas ordens espaciais e na requalificação dos cenários, além das mudanças das performances cotidianas que envolviam o corpo fora do lugar de habitar. Adaptações a partir de tensões que recuperam a discussão e a necessidade de ambientes privados e qualificados para atividades específicas, indo contra a tendência dos ambientes mais integrados, livres e não programados.

Apesar das adequações, segundo o estudo recente conduzido pelo Royal Institute of British Architects, 25% dos entrevistados disseram que o local onde moram não é adequado

de santé mentale dû à l'isolement, en revanche le même pourcentage affirme que la pandémie a été favorable à la préparation d'un futur numérique.



La proximité de l'espace extérieur stimule des relations d'appartenance et d'appropriation plus fortes et récurrentes en fonction de son lieu de vie. À partir d'espaces de transition et d'«espaces-entre» comme les balcons, l'individu se rapproche de l'espace public tout en restant dans les limites de son habitation. Le regard désireux sur la ville, aujourd'hui inoccupée, augmente le temps d'exposition des rues aux regards sensibles des fenêtres, qui offrent un semblant de proximité, un cadre et même une protection, par où il est désormais possible d'observer et d'expérimenter, au plus près, la rue si désirée. Le contexte actuel a donc attiré encore plus de regards sur l'espace public, créant ainsi la notion d'une sphère constamment observée par tous. Le regard civil s'oppose au regard panoptique, regard unique, ample et censeur, en déployant une variété de regards attentifs et sensibles. Comme quand on marche sur un territoire familier sous le regard des autres, la rue peut aussi prendre une dimension plus rassurante, toujours observée et moins solitaire.

La perspective d'une reprise future et le désir de l'espace public apportent des projections d'occupations de ces

79

para trabalhar, 58% dos alunos também afirmaram estar com problemas de saúde mental devido ao isolamento, porém a mesma porcentagem afirma que a pandemia foi benéfica para uma preparação para um futuro digital.



Estar próximo a rua estreita as relações de pertencimento e apropriação, e originando de seu espaço de habitação, apresenta-se como um vínculo mais forte e recorrente. A partir de espaços de transição e ““espaços-entre”” como varandas, o indivíduo se coloca em proximidade ao espaço público, mas ainda no invólucro do que entende como lar. Os olhos desejosos sobre a cidade, antes ocupada, intensificam o tempo de exposição das ruas sobre o olhar sensível das janelas, que se tornam um espectro de proximidade, recorte e até proteção, por onde agora é possível se observar e experimentar, com o máximo de proximidade, a desejada rua. Entende-se, portanto, que o atual cenário trouxe ainda mais olhos sobre o espaço público, e assim, cria-se a noção de uma atmosfera constantemente observada por iguais. Os olhos civis que se opõe ao panótico, em que ao invés de um único, amplo e censurador olhar, vê-se uma variedade atenta e sensível de olhares. Como caminhar em terreno conhecido sob o olhar de outros, a rua pode tomar essa dimensão mais segura, sempre vista e menos solitária.

BR

espaces. Le confinement a réveillé l'urgence de se connecter à la nature, qui, au-delà de son attrait visuel, offre une sécurité adaptée aux circonstances actuelles, en assurant une distanciation sociale confortable.

Cette tendance pourrait être qualifiée d'un nouveau « fugere urbem 2.0 » qui, au lieu de provoquer un exode urbain, favorisera l'installation de modèles ruraux en ville, la récupération d'espaces verts, non seulement les parcs ou les réhabilitations urbaines (qui dépendent majoritairement du pouvoir public), mais aussi par des actions collectives où l'individu agit en tant que transformateur de son paysage. Citons comme exemple de ce type d'appropriation les jardins potagers publics, où l'on récupère la pratique de cultiver la terre, comme défend la PHD Olívia Marra dans son étude « *The garden as a Political Form: From Archetype to Project* ». Elle décrit les « commons », la pratique des jardins collectifs à Londres où une partie de la population participe activement à la plantation et la culture urbaine, une façon de se rapprocher de la nature, une pratique qui attire de plus en plus d'adeptes. Nous pouvons citer comme autre exemple, proche de ce modèle d'appropriation, l'occupation spontanée d'une partie de la voie ferrée de Madureira pour l'installation d'un potager communautaire, avant que la zone soit réhabilitée en tant que Parc Madureira.

80

A ideia de uma futura retomada e o anseio pelo espaço público traz à tona projeções de ocupações desses espaços. O enclausuramento despertou novamente a emergência pelo contato com o natural, além do atrativo visual, por esse representar uma segurança nas atuais circunstâncias, permitindo de forma confortável o distanciamento social.

A tendência poderá ser qualificada como um novo “fugere urbem 2.0”, mas que ao invés de um êxodo urbano, buscará a implantação de vivências campestres para a cidade, recuperação de áreas verdes, e não somente em modelos de parque ou requalificações urbanas (que dependem majoritariamente do poder público), mas através de ações coletivas em que o indivíduo age como transformador da paisagem. Um exemplo desse tipo de apropriação são as hortas públicas, em que se recupera a prática do cultivo da terra, como defende a PHD Olívia Marra em seu estudo “*The garden as a Political Form: From Archetype to Project*”. Discorrendo sobre os “commons”, expõe a prática dos jardins coletivos em que parte da sociedade de Londres participaativamente no plantio e cultivo urbano, como forma de se reaproximar da vida natural, prática essa com cada vez mais adesão. Outro exemplo, próximo a esse modelo de apropriação também foi a ocupação espontânea de parte da linha férrea de

→



D'autres actions culturelles et projets communautaires, comme la place La Petatera du Colima ou le début de l'occupation du « Minhocão » de São Paulo, mettent aussi en évidence l'individu en tant que protagoniste transformateur social et urbain à partir d'initiatives d'origines individuelles mais idéologiquement collectives. L'urbaniste et professeur Roberto Andrés nous dit dans son livre « O Cortejo errante » : « Le cortège fonctionne selon une inversion spatiale basique : les pieds quittent le trottoir pour aller au milieu de la rue. Comme s'ils ne se contentaient plus de marcher sur les latérales, ils se trouvent à la merci des automobiles, comme habités d'une urgence de reprendre le protagonisme urbain. Ce cortège, si petit soit-il, stimule un retour dans la rue, nécessaire à la libération des corps et des mouvements – qui au carnaval débordent dans la joie de la danse ».

Il est aussi fondamental de mettre en lumière le thème de la dispersion des villes et de la « monofonction » des espaces, non seulement en tant que projection, mais comme un mouvement actuel qui a tendance à s'intensifier. Par exemple, la région centrale de Rio de Janeiro, comme le cite le journal « O Globo » du 09/07/2020, détient 40% de ses immeubles inoccupés, pouvant augmenter jusqu'à 53% dans le contexte actuel. La ville se peuple en complétude, les orbites du logement dialoguent maintenant avec des individus qui vivent

81

Madureira como horta comunitária, antes da área ser requalificada como o Parque Madureira.

Outras ações culturais e projetos comunitários, como a praça La Petatera de Colima ou o início da ocupação do minhocão de São Paulo, evidenciam ainda mais o indivíduo como protagonista transformador social e urbanas a partir de iniciativas de base, que apesar de individuais são ideologicamente coletivas. Assim como é dito pelo urbanista e professor Roberto Andrés em “O Cortejo Errante”: “O cortejo opera por uma inversão espacial básica: os pés deixam a calçada e vão para o meio da rua. Como se não se contentassesem mais em andar pelas laterais, à mercê dos automóveis, e sentissem uma urgência em retomar o protagonismo urbano. Por menor que seja o cortejo, a tomada da rua se faz necessária para a libertação dos corpos e dos movimentos – que no Carnaval costuma transbordar na alegria da dança.”



Também é de suma importância trazermos à luz o tema sobre dispersão das cidades e a “monofunção” dos espaços, não como somente uma projeção, mas como movimento que já ocorre e tende a se intensificar. Como exemplo, a região central do Rio de Janeiro, que possui 40% de seus imóveis ociosos, e que devido ao atual cenário pode chegar à 53%,

leur^s espaces en totalité, et les centralités peuvent être fragmentées, non pas par leur déclin, mais par l'ouverture de possibilités.

Ainsi, chaque nouvelle adaptation résulte d'une construction spécifique qui implique beaucoup d'acteurs sans se départir du contexte d'observation et d'application et les nouveaux modèles ne doivent pas s'éloigner de la spécificité latente et d'une ample participation à l'élaboration de propositions. Par exemple, les tendances du marché immobilier se montrent parfois inefficaces à offrir des habitations compatibles avec la culture du logement, offrant des unités de plus en plus petites et monofonctionnelles, appliquant le discours de l'utilisation restreinte de l'espace, suppléé par des propositions d'espaces intégrés et multiples, qui sont, malgré tout, discutables selon leurs adaptations. Nous estimons donc que la réflexion et une nouvelle projection représentent la voie la plus démocratique et viable pour le contexte post Covid-19, et le dialogue entre les divers acteurs impliqués dans les transformations souffertes et désirées est un moteur pour la construction d'un modèle plus égalitaire, intelligent et durable des villes. Une nouvelle projection qui implique un repositionnement de la manière de penser et de désirer. La recherche et la valorisation des espaces où l'on peut apparaître et être vu dans l'espace public, aussi bien par d'autres individus,



82

relatado pelo jornal O Globo em 09/07/2020. A cidade se povoa em completude, as órbitas do habitar agora dialogam com indivíduos que vivenciam espaços em sua totalidade, e centralidades podem ser fragmentadas, não por seu declínio, mas pelas possibilidades.

Assim como cada nova adaptação resultou de uma construção específica que envolveu muitas partes sem se deslocar do contexto de observação e aplicação, os novos cenários não podem se afastar da latente especificidade e ampla participação na construção de propostas. Como por exemplo, as tendências de mercado imobiliário, que se mostram por muitas vezes ineficientes para oferecer habitações compatíveis com a cultura de moradia, oferecendo unidades cada vez menores e mono-funcionais, aplicando o discurso dos usos restritos de espaços, superado pelas proposições de espaços integrados e múltiplos, em que até mesmo esses já são questionáveis por suas adaptações. Portanto, entende-se que a reflexão e reprojeção representem o caminho mais democrático e possível para o cenário pós Covid-19, em que o diálogo com os diversos agentes envolvidos nas transformações sofridas e desejadas sejam a saída para a construção de um modelo mais igualitário, inteligente e sustentável das cidades. Reprojeção como o



que par le regard institutionnel. Comme cela est actuellement fait à Bogota, grâce à la création de plus de 117 km de pistes cyclables, qui représentent plus de 600 km de voies dédiées aux cyclistes, ou encore le projet en cours de réhabilitation à Paris qui prévoit l'élargissement des trottoirs et la création de voies cyclables.

Le contexte développé durant la période de pandémie a offert une multiplicité de dialogues, de transformations et de propositions. Créer cette narration à travers des scénarios plus latents et influents de notre futur contexte semble être un bon moyen de projeter l'avenir.

ato de se colocar novamente em posição de pensar e de desejar. A busca e a valorização dos espaços de aparecer e ser visto do ambiente público, tanto por outros indivíduos quanto pelo olhar institucional. Assim como está sendo feito em Bogotá, com a criação de mais de 117km de ciclovia, totalizando mais de 600km de vias destinadas à ciclistas, ou ainda o projeto em curso de requalificação do centro de Paris, que prevê alargamento de calçadas e implementação de ciclofaixas.

O cenário desenvolvido no período de pandemia ofereceu uma multiplicidade de diálogos, transformações e propostas. Criar essa narrativa pelos enredos mais latentes e influentes no cenário futuro parece uma boa forma de projetar o amanhã.

COPACABANA,
LA PETITE
PRINCESSE DES
MERS

Marta Valim

84

Rio de Janeiro, BR

COPACABANA,
PRINCESINHA
DO MAR

Marta Valim

Cristiano s'est installé dans le quartier en février. Quelques semaines avant le début de la pandémie. Il pense avoir fait une bonne affaire. L'appartement est petit, mais vu le prix... Ça a été bon marché car c'était un arrangement officieux. La propriétaire est décédée et l'inventaire de la succession n'a pas encore été conclu. Depuis plus de dix ans. L'héritier avait besoin d'argent pour payer les frais de l'inventaire. Et pour continuer à vivre. Le genre de choses qui n'arrivent qu'au Brésil. Mais peut-être que ça arrive aussi dans d'autres pays. Un ami français m'a dit que, dans sa ville, la bureaucratie est pire qu'ici. J'en doute.

Cristiano l'a payé 350 mille BRL. Une excellente affaire! Dans un autre État, il aurait peut-être acheté un trois-pièces dûment légalisé. Quelle excellente affaire que cet appartement de 30 m² qui ne lui appartiendra vraiment que quand la justice le décidera, mais peu lui importe, il n'y passe pas beaucoup de temps et il est situé juste à côté de la plage.

Copacabana est un quartier formidable. Un grand succès critique et populaire. Connue dans le monde entier. Un quartier très dense comme les urbanistes aiment à le dire. Ils disent que c'est mieux ainsi, avec les commerces et tout le nécessaire à proximité. Bien démocratique. Avec toute sorte de gens. Y compris ceux qui n'apprécient pas ce mélange. Ces

av. Nossa Senhora de
Copacabana, s/n

octobre 2020

Cristiano se mudou para o bairro em fevereiro. Semanas antes de começar a pandemia. Achava que fez um bom negócio. O apartamento é pequeno, mas pelo preço... Foi barato porque era um contrato de gaveta. A dona morreu e o inventário não saiu ainda. Tem mais de dez anos. O herdeiro precisava de dinheiro para pagar os gastos com o inventário. E para continuar vivendo. Desses coisas que só acontecem no Brasil. Mas talvez aconteçam em outros países também. Um amigo francês disse que, na cidade dele, a burocracia é pior que aqui. Duvido muito.

Cristiano pagou R\$ 350 mil. Um ótimo negócio! Se fosse em outro estado talvez tivesse comprado um apartamento de dois quartos devidamente legalizado. Ótimo negócio é um apartamento de 30 m² que só será dele quando a justiça assim o quiser. Mas ele não liga porque não passa muito tempo em casa e está bem perto da praia.

Copacabana é um bairro ótimo. Sucesso de público e crítica. Famoso internacionalmente. Um bairro muito adensado como os urbanistas gostam de dizer. Dizem que assim é melhor, com comércio perto e tudo mais. Bem democrático. Tem todo o tipo de gente. Inclusive o tipo de gente que não está interessada nessa mistura. Esses dias ouvi que

jours-ci, j'ai entendu quelqu'un comparer Copacabana à Madureira¹, en plus grand, mais avec une plage. Et quelle plage! La petite princesse des mers...

Cristiano habite derrière une place, dans une des avenues principales du quartier. Si on ne vous le dit pas, vous ne saurez même pas que, derrière cette place, il y a un immeuble rempli de minuscules appartements. Et derrière cet immeuble, il y a le Morro de Cantagalo. Il n'ouvre jamais les fenêtres de l'appartement qui donnent sur cette favela². Les rideaux fermés, on ne s'en rend même pas compte.

Cristiano est un homme solitaire. Il a 38 ans et il a eu quelques petites amies. Il a voulu adopter un chien, mais il était trop grand. Depuis mars, Cristiano est dans son appartement de 30m² avec vue sur les rideaux. Il ne sort même pas pour travailler car il n'a plus d'emploi. Son contrat a été suspendu. Ce serait une bonne idée d'aller à la plage. Se réveiller à 5 heures du matin pour y aller quand il n'y a personne, mais il n'a pas la force de sortir du lit. Il allume la télé. Les plages sont bondées. Il n'y va pas.

Le Covid-19 a tué son voisin âgé du 312. La plupart de ses voisins sont âgés. Tout Copacabana appartient au troisième âge. On dit que c'est le futur du pays. Si futur il y a. Il

85

Rio de Janeiro, BR

av. Nossa Senhora de
Copacabana, s/n

outubro de 2020

Copacabana é uma grande Madureira, porém com praia. E que praia! Princesinha do mar...

Cristiano mora atrás de uma praça numa das principais avenidas do bairro. Se você não conhece, nem percebe que, atrás da praça, tem um prédio, cheio de apartamentos minúsculos. E atrás do prédio, tem o Morro do Cantagalo. As janelas nunca abertas do apartamento de Cristiano dão para o morro. Com as cortinas fechadas, nem se percebe.

Cristiano é um homem só. Tem 38 anos e algumas namoradas. Quis adotar um cachorro, mas o bicho era grande demais. Desde março Cristiano está em seu apartamento de 30 m² com vista para as cortinas. Não sai nem para trabalhar porque não há mais emprego. Seu contrato foi suspenso. Seria uma boa ideia ir à praia. Acorda às 5 horas da manhã para ir à praia e não encontrar ninguém, mas não encontra forças para sair da cama. Liga a TV. Praias lotadas. Não vai à praia.

Covid-19 matou o vizinho idoso do 312. A maioria dos vizinhos é idosa. Toda Copacabana é idosa. Dizem que é o futuro do país. Se é que vai haver futuro. Seu Juracir era o nome dele. Ou talvez fosse Jurandir. Josemar era um bom

→

BR

s'appelait monsieur Juracir. Ou peut-être Jurandir. Josemar était un homme bon. Il a pris l'ascenseur avec lui une fois. C'est la façon dont il a dit bonjour. Ou peut-être n'a-t-il pas dit bonjour, mais peu importe maintenant. Les autres voisins âgés continuent à jouer aux cartes sur la place. Sans masque. Il vaut mieux éviter la place.

→

Il a acheté plusieurs plantes. Le manque de soleil a tué les plantes. Il s'est lui-même coupé les cheveux. Ils ont déjà repoussé. Sa barbe est énorme. Il a fait du pain. Il a eu du mal à travailler la pâte à pain dans la cuisine dans laquelle il est difficile de tenir debout. Il a travaillé la pâte sur la table pliante. Il a bu de la bière et regardé des lives. Il dort, se réveille, ne supporte plus les lives. Il a fait des insomnies. Il a cherché du travail. Il a téléchargé tik tok. Il a fait des recherches inutiles sur Google. « Combien d'œufs une poule pond par jour? », « Pourquoi les vieux bavent? », « Les zèbres sont-ils noirs avec des rayures blanches ou blancs avec des rayures noires? ».

Se marier aurait été une bonne option. Il a regretté de ne pas avoir eu d'enfants. Il a remercié Dieu de ne pas s'être marié et de ne pas avoir eu d'enfants dans cet appartement minuscule. Il ne supporte plus la table pliante. Il ne supporte plus

86

Rio de Janeiro, BR

av. Nossa Senhora de
Copacabana, s/n

octobre 2020

homem. Subiu com ele no elevador uma vez. Deve ter sido o tom do bom dia. Ou talvez nem tenha dado bom dia, mas isso também não importa agora. Os outros vizinhos idosos continuam jogando cartas na pracinha. Sem máscara. Melhor não ir à pracinha.

→

Comprou várias plantas. A falta de sol matou as plantas. Cortou o próprio cabelo. O cabelo já cresceu de novo. A barba está enorme. Fez pão. Foi difícil abrir a massa de pão na cozinha que só cabe uma pessoa de lado. Abriu a massa na mesa de armar. Bebeu cerveja e viu lives. Dormiu, acordou, não aguenta mais lives. Teve insônia. Procurou emprego. Baixou o tik tok. Procurou coisas irrelevantes no Google. “Quantos ovos a galinha bota por dia?”, “Por que os velhos babam?”, “As zebras são pretas com listras brancas ou brancas com listas pretas? ”.

Casar teria sido uma boa opção. Se arrependeu de não ter tido filhos. Deu graças a Deus de não ter casado e tido filhos nesse apartamento minúsculo. Não aguenta mais essa mesa de armar. Não aguenta mais essas roupas secando na sala. Não aguenta mais lavar roupas em balde. Não aguenta mais esbarrar nas coisas. Falar sozinho. Não aguenta mais essas paredes que o sufocam, essas paredes invisíveis que

les vêtements qui sèchent au milieu du salon. Il ne supporte plus de laver son linge dans des seaux. Il ne supporte plus de se cogner partout. De parler tout seul. Il ne supporte plus ses murs qui l'étouffent, ses murs invisibles qui sont désormais sa vie. Il aimerait savoir comment des gens arrivent à vivre dans des appartements de 8 m². Il ouvre les rideaux.

À Cantagalo, on s'est débrouillé comme on a pu. Certaines communautés ont installé des éviers collectifs. D'autres ont organisé des grands nettoyages. Des donations de masques et de paniers alimentaires. Derrière les rideaux qu'il n'ouvre jamais, les gens vivent dans des maisons sans rideaux, sans crépi, sans tout à l'égout. Beaucoup de femmes et d'enfants, entassés dans 30 m². Ou moins. Il n'y a peut-être pas eu de pandémie dans la favela. Les gens ont peut-être continué de sortir pour aller travailler. Il n'y a peut-être plus de travail. Il regarde la favela de sa fenêtre à Copacabana et se dit que l'isolement social a toujours existé.

Ils continuent d'être intouchables. Il ouvre le frigo et attend.

1. Quartier populaire de Rio (NDT)
2. Bidonville (NDT)

87

Rio de Janeiro, BR

av. Nossa Senhora de
Copacabana, s/n

outubro de 2020

são sua própria vida. Queria saber como as pessoas vivem naqueles apartamentos de 8m². Abre as cortinas.

Cantagalo se virou como pôde. Algumas comunidades instalaram pias comunitárias. Em outras houve mutirão de limpeza. Doação de máscaras e cestas básicas. Atrás das cortinas que nunca abriu as pessoas moram em casas sem cortina, sem reboco, sem esgoto. Mulheres e seus filhos. Muitos, em 30 m². Ou menos. Talvez não tenha tido pandemia no morro. Talvez as pessoas tenham continuado a sair para trabalhar. Talvez não haja trabalho. Olha o morro de sua janela em Copacabana e pensa que o isolamento social sempre existiu.

Continuam intocáveis. Abre a geladeira e aguarda.

proposition
#06

Natália Barros

UFMG

88

La maison, la ville et la société sont des objets d'étude de l'architecture et de l'urbanisme. En raison de la pandémie, nous subissons des changements dans nos manières de vivre et d'habiter et il est urgent de repenser les relations entre le corps et l'espace dans sa dimension urbaine et domestique. La réponse globale au nouveau coronavirus a été le confinement. Une privation de presque toute forme de mobilité et une série de restrictions, même chez soi. La pandémie est un défi transdisciplinaire. Tandis que d'innombrables essais cliniques pour la création d'un vaccin sont en cours, dans les champs de l'architecture et de l'urbanisme on investigue comment adapter la construction de l'espace à un monde post(inter)-pandémique, ce qui inclut d'autres façons de vivre et d'autres mesures de santé et de sécurité.

L'architecture et l'urbanisme, au fil des siècles, se sont adaptés pour trouver des solutions à des maladies comme la peste bubonique, le choléra et la tuberculose. Actuellement, le confinement redéfinit le flux urbain, les routines, les valeurs de la société, les dynamiques des espaces de travail, les pratiques de sociabilité et le rôle des technologies. Des concepts tel que l'*« home office »* (régime de travail à distance), la flexibilité et la durabilité semblent indispensables dans les *« présent-futur »* qui se dessinent. À mesure que les habitudes personnelles changent et que les recommandations des autorités

proposição
#06

Natália Barros

UFMG

A casa, a cidade e a sociedade são objetos de estudo da arquitetura e do urbanismo. Devido à pandemia, mudanças nas maneiras de viver e habitar estão em curso e é emergencial repensar as relações entre o corpo e o espaço, da escala urbana à doméstica. A resposta global ao novo coronavírus foi o confinamento. Há a privação de quase toda forma de mobilidade e, até dentro de casa, é preciso lidar com restrições. A pandemia é um desafio transdisciplinar. Enquanto inúmeros ensaios clínicos para a concepção da vacina estão em andamento, na arquitetura e no urbanismo investiga-se como adaptar o ambiente construído para um mundo Pós(Inter)-Pandêmico, que inclui outros estilos de vida e medidas de saúde e de segurança.

A arquitetura e o urbanismo, ao longo da história, adaptaram-se para encontrar soluções a doenças como a peste bubônica, cólera e tuberculose. Atualmente, o confinamento redefine o fluxo urbano, as rotinas, os valores da sociedade, as dinâmicas nos ambientes de trabalho, as práticas de sociabilidade e o papel das tecnologias. Conceitos como *“home office”* (regime de trabalho remoto), flexibilidade e sustentabilidade parecem indispensáveis no presente-futuro que se delineia. À medida que os hábitos pessoais mudam e as recomendações das autoridades sanitárias são atualizadas, os projetos

sanitaires sont mises à jour, les projets de construction et la planification des villes étudient des alternatives d'adéquation. On exploite d'autres modes de pensée et de faire l'architecture et l'urbanisme, puisque le modèle néolibéral de production d'espace est contesté : celui où la règle générale est la standardisation des lieux, la dimension spectaculaire de l'image et la domestication des corps.

D'un côté, le concept de domesticité, présent dans le substantif « domestique », signifie « la vie à la maison » ; lieu de la subjectivité individuelle. D'un autre côté, la « domesticité » peut être associée au verbe « domestiquer » : un état d'assujettissement de l'être qui est lié au rationalisme pragmatique et qui impose une architecture déterminée ainsi qu'une manière de vivre. La difficulté à utiliser les espaces quotidiens révèle un projet de contrôle disciplinaire des corps – de la maison à la ville. L'architecte et urbaniste professionnel a la responsabilité critique et le rôle social de dépasser les asymétries provoquées par les intérêts capitalistes dans les espaces construits. Il ne suffit pas de décoder les envies et les besoins ; ou de planifier et construire des espaces fonctionnels qui répondent aux demandes des usagers. Les stratégies des projets doivent évoluer vers une intégration de l'expérience corporelle, à l'opposé des espaces figés et contraignants, dont les conséquences drastiques ont été révélées par la pandémie.



de edificações e o planejamento das cidades estudam alternativas de adequação. São explorados outros modos de pensar e fazer arquitetura e urbanismo, uma vez que o modelo neoliberal de produção de espaços é contestado: em que a padronização dos lugares, espetacularização da imagem e a domesticação dos corpos são a regra geral.

Por um lado, o conceito de domesticidade, presente no substantivo “doméstico”, assume o sentido da vida em casa; lugar da subjetividade individual. Por outro lado, a conotação de “domesticidade” pode ser associada ao verbo “domesticar”: estado de sujeição do ser que se relaciona com o racionalismo pragmático e impõe determinada arquitetura e modo de viver. Os constrangimentos nos usos dos espaços cotidianos são reflexo de um projeto de controle disciplinar dos corpos, da escala da casa à da cidade. O profissional arquiteto e urbanista tem a responsabilidade crítica e o papel social de superar as assimetrias que os interesses capitalistas provocam nos ambientes construídos. Não significa somente decodificar desejos e necessidades; ou planejar e construir espaços funcionais que atendam à demanda do usuário. As estratégias projetuais devem evoluir na integração com a experiência corporal, contra espaços engessados e domesticadores, cujas consequências drásticas foram evidenciadas pela pandemia.



Les espaces construits sont un support de la vie humaine, non seulement physiquement mais aussi dans une dimension intangible et symbolique. La ville est un organisme vivant et dynamique, où l'on vit une expérience collective, grâce à un tissage de lieux, d'histoires et de temporalités. Le dessin urbain est constitué par des schémas qui forment une structure paradoxalement chaotique et ordonnée, un décor de rencontres et de conflits. Occupier la ville est une expérience mentale et corporelle, et elle doit être perçue par tous les sens : les pieds goûtent le sol, les oreilles touchent les portes, les regards respirent l'odeur des rues. L'utilisation de l'espace virtuel ajoute une temporalité différente : le fait de l'occuper est une expérience spatio-temporelle du corps. Les technologies doivent être utilisées pour réinventer les modalités démocratiques de divertissement et d'interaction. La distance physique ne doit pas nécessairement impliquer la mort de la cohabitation sociale. Ville et corps se complètent, se traversent et s'affrontent.

Une architecture sans corps, que ce soit par la dimension de ses édifices ou de la maille urbaine, perd son intention. Le corps est la matérialité qui porte en elle le sujetivo de l'être en conflit avec le collectif du monde. L'architecture et l'urbanisme n'existent que par et pour le corps et ne prennent vraiment leur sens que lorsqu'ils sont capables de

90

Os espaços construídos são o suporte da vida humana, não apenas no viés físico, mas em uma dimensão intangível e simbólica. A cidade é um organismo vivo e dinâmico, onde a experiência coletiva acontece, por meio da tessitura de lugares, histórias e temporalidades. O desenho urbano é constituído pelos traçados que formam uma estrutura parcialmente caótica e ordenada, palco de encontros e conflitos. Ocupar a cidade é uma experiência mental e corporal, e deve ser apreendida por todos os sentidos: os pés sentem o gosto do chão, os ouvidos tocam as portas, os olhares respiram o cheiro das ruas. O uso do espaço virtual agrega uma diferente temporalidade: ocupar é uma experiência espaço-temporal do corpo. Nesse sentido, as tecnologias devem ser usadas a favor da reinvenção de modalidades de entretenimento e interação democráticas. O distanciamento físico não precisa significar a morte do convívio social. Cidade e corpo se complementam, atravessam e confrontam.

Arquitetura sem corpo, seja na dimensão dos edifícios ou da malha urbana, perde a intenção. O corpo é a materialidade que carrega o subjetivo do ser em embate com o coletivo do mundo. A arquitetura e o urbanismo só existem por causa e para o corpo, e só adquirem sentido quando são capazes de incorporá-lo e afetá-lo. Para além das noções de estética,

l'incorporer et d'avoir une action sur lui. Au-delà des notions d'esthétique, d'efficacité et de fonctionnalité, il faut le prendre en compte. Pour que les projets présentent une certaine influence sur le corps et sa relation à l'espace, ils doivent être attrayants, et transformer positivement la perception et l'expérience de l'individu. L'architecte doit penser et construire des espaces qui stimulent la polyvalence, les pratiques de sociabilité et la qualité de vie. Les fenêtres, aussi bien physiques que virtuelles, sont désormais les ouvertures qui connectent les corps à la ville. Elles communiquent au regard ce qui se passe là où on n'est pas.



Les fenêtres des maisons restent ouvertes pour recevoir des aperçus de la ville. Le corps est ainsi capable de se déplacer tout en restant sur place. Ou plutôt il l'était, quand la profondeur du regard n'était pas interrompue par les façades des immeubles, les grilles fermées, les hauts murs, les clôtures électriques, les caméras de surveillance et autres stratégies qui inhibent le regard de et vers la rue. Les relations avec la ville et les relations de voisinage se perdent. Si l'ère de l'image, de l'esthétisation et du spectacle ont réduit l'architecture à une espèce de sculpture vide de sens, à des espaces compactés, à des superficies réfléchissantes de plus en plus distantes du sol, la pandémie nous rappelle que la production des espaces est avant tout un processus artisanal.

91

eficácia e funcionalidade, esses campos têm, necessariamente, uma implicação social. Se os projetos apresentam certo grau de influência sobre o corpo e sua relação com o espaço, que eles possam ser convidativos, transformando positivamente a percepção e vivência do indivíduo. O arquiteto deve pensar e construir espaços que promovam a polivalência, as práticas de sociabilidade e a qualidade de vida.

As janelas, tanto físicas como virtuais, têm sido as aberturas que conectam os corpos e a cidade. Elas comunicam ao olhar o que se passa onde não se está. Janelas das casas estão abertas para receber frestas da cidade. O corpo é capaz de se deslocar sem sair do lugar. Ou era, quando a profundidade do olhar não era interrompida pelas empenas dos prédios, gradis aprisionadores, muros altos, cercas elétricas, câmeras de segurança e estratégias outras que inibem os olhos da e para a rua. A integração com a cidade e as relações de vizinhança se perdem. Se a era da imagem, da estetização e do espetáculo reduziram a arquitetura a um tipo de escultura esvaziada de sentidos, de ambientes compactados, superfícies espelhadas e cada vez mais distantes do chão, a pandemia faz relembrar que a produção de espaços é antes de tudo um processo artesanal.



BR

Au-delà des variables objectives, esthétiques et programmatiques, l'architecture est une expérience qui conserve les marques du temps et de l'histoire, les mœurs et les mémoires de ses habitants. L'architecture n'est pas un substantif. L'architecture est un verbe : cuisiner, dormir, manger, se socialiser, lire... En humanisant les blocs édifiés elle devient une métaphore. Pendant le confinement, notre regard s'est orienté vers le logement. Le corps s'adapte, il est contraint et il subvertit, par des essais de dérèglement et d'adaptation à l'espace. On observe un retour à l'ontologie de l'architecture : la première expérience d'« être dans le monde » est vécu à la maison. La maison est une membrane entre le corps et la ville, elle établit les limites du dedans et du dehors. La construction de l'histoire personnelle, la transformation de l'individu, la configuration de son identité, la sensation d'appartenance et le droit à la ville sont intimement liés au logement. C'est à la maison que demeure l'intimité de l'être ; ses rêves, ses souvenirs et sa subjectivité.

Malgré qu'il s'agisse d'une période historique récente et que l'on ignore encore son évolution, l'expérience du confinement vécue mondialement affecte le modèle actuel de production architecturale et urbaine. Elle révèle les possibilités, les limitations de l'interaction et la manifestation que les espaces imposent aux êtres. Les solutions projetées pour un monde

92

Para além das variáveis objetivas, estéticas e programáticas, a arquitetura é experiência que guarda marcas do tempo e história, hábitos e memórias de seus moradores. Arquitetura não é substantivo. Arquitetura é verbo: cozinhar, dormir, comer, socializar, ler... Ao humanizar os blocos edificados, passa a ser metáfora vivida. Durante o confinamento, o olhar é deslocado para o lugar de morar. O corpo se adapta, é constrangido e subverte, em ensaios de desajuste e acomodação ao espaço. Há o retorno à ontologia da arquitetura: a primeira experiência de ser-no-mundo é mediada pela casa. A casa é a membrana entre o corpo e a cidade; estabelece os limites entre o dentro e o fora. A construção da história pessoal, a transformação do indivíduo, a configuração de identidade, a sensação de pertencimento e o direito à cidade estão intimamente ligados ao habitar. Na casa mora a intimidade do ser; seus sonhos, lembranças e subjetividade.

Embora seja um recorte histórico recente, com um devir ainda desconhecido, a experiência do confinamento atravessada à nível mundial afeta o atual modelo de produção arquitetônica e urbana. Ficou evidente as possibilidades, limitações de interação e manifestação que os espaços impõem ao ser. As soluções projetuais para um mundo Pós(Inter)-Pandêmico ainda estão em aberto, em etapa de teste e

post(inter)-pandémique sont à l'étape de test et de probation, mais l'engagement pour la création d'expériences spatio-temporelles incorporées et non seulement esthétisantes, fonctionnalistes et mercantiles ouvre une voie encourageante. Une voie plus proche de la dimension du corps, qui retrouve une échelle humaine. Le décor Carré, renfermé, de la vie entre les murs et les immeubles, s'ouvre, se plie et se déplie en diverses facettes qui composent un imaginaire de possibilités.

provação, mas o compromisso com a criação de experiências espaço-temporais incorporadas e não apenas estetizadas, funcionalistas e mercantilizadas, indicam um caminho promissor. Caminho este, mais próximo da escala do corpo, em resgate ao humano. O cenário quadrado, fechado em si, da vida entre paredes, muros e edificações, se abre, dobra e desdobra em diversas faces para compor um imaginário de possibilidades.

BRÈVE DE CANAPÉ

Marlice Alfera

Je n'ai pas pour habitude de me déclarer pour les 3-8. Nous autres, canapés, sommes il est vrai les majordomes discrets du confort domestique. Je suis pour ma part en laine lavée grise, mes pieds de bois brossé, d'un design épuré, rond et accueillant (d'après la brochure de l'enseigne qui me vend), et j'ai l'orgueil d'être convertible – sans toutefois beaucoup m'y plier. Je n'ai, au quotidien, rien à revendiquer. Ma tâche est plutôt aisée.

Posté dans l'étroit séjour de mon humaine, entre l'entrée et la cuisine ouverte, face à la table de marbre et perpendiculaire à la fenêtre, j'observe, soir et matin, le bal de ses va-et-vient. J'y apporte, bien sûr, tout mon soutien.

Le matin, je fais gracieusement office de porte-manteaux ou secrétaire. Dans la précipitation qui suit immédiatement sa paresse, j'admetts de recevoir tout ce que l'humaine jette pêle-mêle, de l'agenda aux gants en cuir – et je reconnaiss l'avoir parfois punie, en refusant de rendre le téléphone caché dans mes plis.

C'est le soir que j'entre pleinement en action. Là, j'accroisis bravement ma tâche, et dès lors que l'humaine passe la porte, j'accueille dignement sac, courses, manteaux et autres accessoires. Ces artefacts ne pèsent pas bien longtemps, étant

94

Paris, FR

apartamento

confinement

NOTA DE UM SOFÁ

Marlice Alfera

Eu não tenho o hábito de me manifestar quanto os turnos. É bem verdade que nós, os sofás, somos mordomos discretos do conforto doméstico. Quanto a mim, sou feito de lã lavada de cor cinza, meus pés são de madeira escovada, de um design elegante, arredondado e acolhedor (segundo o material de divulgação da loja que me vende) e tenho orgulho de ser convertível – sem, todavia, me dobrar demasiado. No dia-a-dia, não tenho nada a reivindicar. Minha tarefa é bem fácil.

Colocado na estreita sala de estar da minha humana dona, entre a entrada e a cozinha aberta, de frente para mesa de mármore e perpendicular à janela, eu observo, dia e noite, o baile do vaivém. E, claro, dou todo apoio.

Pela manhã, desempenho gentilmente o papel de porta-casacos ou mesinha. Na correria que vem logo em seguida à preguiça, admito receber tudo o que a humana joga rapidamente, da agenda às luvas de couro – e admito puni-la vez por outra, recusando-me a devolver o telefone escondido numa das minhas dobras.

É à noite que entro plenamente em ação. É então que eu cumpro bravamente minha função e assim que a humana passa pela porta eu recebo dignamente sua bolsa, compras,



donné que mon humaine se prête de bonne grâce au rangement, avec peu de rigueur toutefois. Je ne suis pas trop exigeant. L'humaine, ne disposant pas – par dédain ou manque d'espace – d'une table de repas convenable, c'est sur moi qu'elle prend son repas du soir. Elle se cale alors inlassablement à la même place, aux 3/5 de ma longueur depuis mon bord droit, éprouvant à chaque dîner, au même endroit, l'épaisseur de ma ouate. Je suis bien évidemment indéformable, et quelle que soit la posture, l'assise que j'offre est impeccable. Le dîner fini, la posture change un peu, rejetée en arrière, mais mes coussins sont éprouvés à l'avachissement régulier. La tisane du soir finie, j'accompagne le dernier bond vers la chambre, avant de voir l'humaine disparaître derrière la porte entrouverte.

Du reste, la journée, j'ai tout mon temps pour rêvasser. J'observe alors lentement la course du soleil, qui éclaire le matin, depuis l'est, la façade en rasant, avant de disparaître derrière l'angle du bâtiment. Les rayons se reflètent doucement sur la cloison couleur crème, diffusant dans la pièce, orientée nord, une lumière pâle et filtrée. Le soleil reparaît à l'ouest en fin de journée, et je savoure les moments où ses rayons jettent sur moi une dernière once de chaleur bienveillante.

Paris, FR

appartement

confinamento

casacos e outros acessórios. Esses artefatos não pesam por muito tempo, já que minha humana se presta de bom grado à arrumação, mesmo que com pouco rigor. Eu não sou muito exigente. Como a humana não dispõe – por descaso ou falta de espaço – de uma mesa de refeições como deve ser, é em cima de mim que ela faz a refeição da noite. Então ela se aboleta incansavelmente no mesmo lugar, nos 3/5 do meu comprimento, da direita para a esquerda, no mesmo lugar, sentindo em cada jantar a espessura do meu estofamento. Claro que eu sou indeformável, e qualquer que seja a postura, o assento que eu ofereço é impecável. O jantar termina, a posição muda um pouco, mas inclinada para trás, mas minhas almofadas são testadas para ter um amolecimento regular. Quando o chá da noite termina, eu acompanho o último pulo até o quarto, antes de ver a humana desaparecer atrás da porta entreaberta.



De resto, durante o dia eu tenho o tempo todo disponível para divagar. Observo então lentamente o percurso do sol, que ilumina a manhã, depois vai a leste, rente da fachada, antes de sumir atrás da quina do prédio. Os raios refletem uma suavidade sobre a divisória de cor creme, espalhando no cômodo, orientado para o norte, uma luz pálida e filtrada. O sol reaparece a oeste no fim do dia e eu saboreio os

Les plantes aussi offrent un spectacle fascinant. Le dragonnier sur la table basse exhibe ses feuilles bicolores et larges déployées en jet éclatant, frémissant très doucement pour s'orienter avantageusement. Son charme enfantin et vif toutefois s'éclipse devant la beauté sensuelle du caoutchouc rose sous la fenêtre. Les feuilles épaisse, à demi pliées vers leur centre, offrent à voir leur dessous pourpre profond, tandis que sur le dessus, brillant, se dessinent des aquarelles de tâches colorées, variant du rose soutenu au blanc cassé. L'apparente lourdeur de ses feuilles ne doit pas laisser croire à son attentisme. La tige, apparemment sans vie, croît de temps à autre brusquement, avant de faire éclore la nouvelle feuille. Je guette alors, recueilli, son dépliement lent, son inertie et ses motifs envoûtants. C'est un spectacle qui met également, plus que pour aucune autre plante, très en joie l'humaine, et j'assiste alors, silencieusement, à son affairement autour du spécimen.

Les week-ends, j'accueille régulièrement siestes et lectures. Je crains, pour dire vrai, apéros et soirées. Passe encore le vin blanc et les amis soignés, hors de ma vue, amateurs de rouge et fumeurs invétérés. Je tiens à garder l'unité de ma teinte tout autant que mon intégrité, mise rudement à mal par la cendre mal tombée. Sporadiquement aussi, je suis le témoin des conquêtes de l'humaine, en soirée, prérogative qui



96

Paris, FR

apartamento

confinement

momentos em que seus raios jogam sobre mim uma última pitada de calor benfazejo.

As plantas também oferecem um espetáculo fascinante. O dragoeiro que fica em cima da mesinha de centro exibe suas folhas bicolores e largas, abertas num jato faiscante, fremendo muito suavemente para se orientar melhor. Mas seu encanto pueril e vivo não se destaca, frente à beleza sensual da seringueira rosa sob a janela. As folhas espessas, semi dobradas para dentro, deixam entrever por baixo seu tom púrpura profundo, enquanto na parte de cima, brilhante, desenham-se aquarelas de manchas coloridas que vão do rosa intenso ao esbranquiçado. O aparente peso da folhagem não deve dar a crer em imobilismo. O caule, que pode parecer sem vida, cresce de tempos em tempos bruscamente, antes que dele brote uma nova folha. E então eu espreito, quietinho, seu desdobrar lento, sua inércia e seus motivos sedutores. É um espetáculo que também alegra a humana, mais do que todas as demais plantas, e então eu assisto, silenciosamente, ao seu alvoroço em torno do espécime.

Nos finais de semana, eu dou acolhida regularmente a sonecas e leituras. Na verdade, tenho receio é dos aperitivos e noitadas. Fora do meu alcance visual, vinho branco e amigos



Mon quotidien de devoir et de recueillement, alternance de contemplation et de mise à contribution, s'est pourtant trouvé bouleversé, lorsque mon humaine s'est trouvée confinée. Je reconnais n'avoir pris pas assez tôt la pleine mesure de ce qui m'attendait.



Un matin où l'humaine partit travailler en trombe, je la vis revenir quelques heures après, chargée d'une main d'un sac de courses, pâtes et papier hygiénique, dans l'autre d'un écran d'ordinateur et toute sa connectique. Dans son sac également, un flacon de liquide transparent à l'odeur acré, qu'elle vaporisa avec véhémence sur tout ce qu'elle trouva. Se tournant vers moi, elle eut une hésitation, la main suspendue à l'embout du flacon, et j'eus en cet instant bu tous les vins rouges du monde pour ne pas être aspergé du gel dégoûtant. Elle se ravisa finalement.

Toute une matinée, je vis ensuite l'humaine s'échiner à s'installer pour travailler, car, faute de bureau ou table haute, je dus jouer tout à la fois les bureau, secrétaire, établi, fauteuil de travail et mériddenne. Pour le bureau, il fallut me rehausser sur le côté droit d'un gros livre d'art qui fit office de tapis de souris pour l'ergonomie du bras. Pour la détente, on

Paris, FR

appartement

confinamento

bem vestidos, apreciadores de vinho tinto e fumantes inveterados. Eu faço questão de manter a unidade do meu colorido, assim como minha integridade, posta rudemente à prova com cinza de cigarro que cai fora do lugar. Esporadicamente, eu também sou testemunha das conquistas noturnas da humana, prerrogativa que faz parte das minhas atribuições e que aceito com resignação.



Meu cotidiano de dever e discrição, alternando contemplação e participação, ficou, no entanto, confuso, quando minha humana precisou ficar confinada. Eu admito que não atinei a tempo, completamente, o que me esperava.

Numa manhã em que a humana saiu para o trabalho num rompante, eu a vi voltar algumas horas depois trazendo um saco de supermercado numa mão, com compras, macarrão e papel higiênico, e na outra uma tela de computador e todo o cabeamento. Na bolsa dela, um frasco com um líquido transparente de cheiro acre, que ela vaporizava com veemência sobre tudo que encontrava. Virando-se para mim, ela hesitou, com a mão suspensa na ponta do frasco, e naquele instante eu teria aceitado todos os vinhos tintos do mundo, para não ser aspergido com aquele gel asqueroso. Mas ela se recuperou a tempo.

dut déplacer mes coussins d'appui pour faire correspondre dossier et assise.

J'éprouvais alors une certaine dignité à être enfin, au quotidien, utilisé sur toute ma longueur : sur 1/5 ce fut le poste de travail, les 2/5 correspondaient à la détente et la couture, les 3/5 restaient au repas et la dernière part réservée à l'ordinateur portable. Cet orgueil d'utilité qui me prit au début fut bien éphémère, car ce fut dès lors un labeur incessant de mise à contribution, contraintes, mises en pression, où je ne trouvai de répit que lorsque l'humaine s'en allait dormir. Le matin, d'abord, il fallut endurer les débordements du thé qu'elle ne prenait d'habitude pas ici. Le travail ensuite, à peine interrompu par le déjeuner, durait irraisonnablement jusqu'au dîner, sans que l'humaine ne daigne bouger. Ce fut ensuite l'heure de la couture ou du bricolage, jusqu'au coucher, les chutes de tissus ou la quincaillerie. Le fauteuil en face de moi se mit à rire doucement, mais je ne lui en tins pas ombrage. Son design effilé ne lui servant qu'à faire office de porte-sac, lorsque l'humaine daigne lui laisser ses pieds, on comprend aisément qu'il s'en sente humilié.

Mes horaires d'emploi m'épuisèrent vite, ramollissant l'assise de l'espace de travail, salissant les côtés à force de repas, prenant la poussière dans ses lubies de bricolage, sans



98

Paris, FR

apartamento

confinement

Durante toda uma manhã eu vi a humana se matar para conseguir se instalar e trabalhar, pois na falta de uma escrivaninha ou uma mesa alta, eu fui escrivaninha, mesa, cadeira de trabalho e divã. Para que eu fosse escrivaninha, foi preciso aumentar minha altura do lado direito, com um enorme livro de arte que serviu de mouse pad, em favor da ergonomia do braço da humana. Para relaxar, foi preciso tirar minhas almofadas de apoio de cabeça, para o encosto e o assento ficarem no mesmo nível.

Senti uma certa dignidade por ser finalmente utilizado em todo meu comprimento, no dia-a-dia: 1/5 como mesa de trabalho, 2/5 para relaxar e costurar, 3/5 para as refeições e a última parte para o computador portátil. Esse orgulho de utilidade que eu senti no início durou pouco tempo, pois rapidamente foi um labor incessante de ajuda, imposições, pressões, em que eu só tinha uma folga quando a humana ir dormir. De manhã, para começar, era preciso aguentar os respingos do chá, que normalmente ela não toma aqui. Em seguida, o trabalho, que ela mal interrompia para almoçar, ia – de modo bem pouco razoável – até a hora do jantar, sem que a humana se dignasse a se mexer. Depois, era hora da costura e da bricolagem, com pedaços de tecido e quinquilharias caindo em cima de mim. A cadeira na minha frente



possibilité de renouveler toute ma fermeté tout autant que sans égards, et j'admetts avoir frôlé le burn-out, lorsqu'après plusieurs semaines de dur travail, j'entendis qu'on songeait à me remplacer par un modèle « plus scandinave ».

Quand finalement, avachie et hagarde, l'humaine se résolut à retourner sur son lieu de travail, j'éprouvai la gratitude de retrouver ma quiétude, et nous trouvâmes plus de plaisir à nous retrouver gaiement le soir.

Paris, FR

appartement

confinamento

começou a rir de mansinho, mas ela não me ofusca. Seu design alongado não permite que ela sirva de porta-bolsa e quando a humana resolve pôr os pés e cima dela, é fácil entender que ela se senta humilhada.

Meus horários de trabalho me cansaram depressa, amolecendo a base do espaço de trabalho, sujando as laterais ao ritmo das tantas refeições, ficando empoeirado nas estrepolias de bricolagem, sem poder renovar toda minha firmeza, sem consideração, e eu admito que passei perto de uma crise de nervos, quando, após várias semanas de trabalho duro, eu ouvi que se estava pensando em me substituir por um modelo “mais escandinavo”.

Quando, finalmente, sem forças e esgazeada, a humana decidiu retornar ao seu local de trabalho, eu me senti grato por recuperar minha quietude e nós dois voltamos a ter mais prazer em nos rever alegamente à noite.

Nantes, le 1^{er} octobre 2020

Chère Laura,

Il est tard de ce côté-ci de l'océan. J'ai essayé mille coins du lit, mille positions pour trouver le sommeil qui glisse et me fuit. Mes pensées voyagent et se demandent comment va la vie sur ta rive de l'Atlantique. Ici, en France, la vie court comme si de rien n'était : des brassées confuses dans la mer opaque et des méthodes précises pour respirer. On essaie de vivre comme avant, mais l'avant n'a plus sa place.

proposition
#07

Tamara Wolff
Bandeira Klink

USP / ENSAN

Il fait nuit noire. Par la fenêtre, je vois plus que les feuilles des peupliers, plus que la voiture du voisin qui va au supermarché une fois par jour, plus que le ciel que j'oublie d'admirer à force de regarder vers le bas. À force de les regarder. Tous ces écrans. Qui m'aspirent désespérément vers leurs multiples ciels, vers leurs voisins avec d'autres voitures et d'autres horaires, vers leurs fenêtres qui paraissent plus intrigantes que la mienne. Vers d'autres villes où je voudrais être et je ne le peux pas maintenant, comme la tienne.

Aujourd'hui tu me manques beaucoup plus, chère jumelle. Parce qu'il y a un abîme entre ne pas voir et ne pas pouvoir voir. Entre être séparées et ne pas pouvoir être ensemble,

100

Nantes, 01 de outubro de 2020

Querida Laura,

É tarde do lado de cá do oceano. Já tentei mil cantos, mil posições para pegar num sono que escorrega e foge de mim. Meus pensamentos viajam se perguntando como anda a vida na sua borda do Atlântico. Aqui na França, a vida corre como se nada: braçadas confusas no mar opaco e métodos precisos para respirar. A gente busca viver como antes, mas o antes já não tem lugar.

proposição
#07

Tamara Wolff
Bandeira Klink

USP / ENSAN

É noite escura. Pela janela, vejo mais do que as folhas dos 'peupliers', mais do que o carro do vizinho que vai ao mercado uma vez por dia, mais do que o céu que desaprendi a admirar de tanto que olho pra baixo. De tanto que olho para elas, tantas telas. De tanto que me sugam desesperadamente para seus múltiplos céus e 'ciels', para seus vizinhos com outros carros e outros horários, para suas janelas que parecem tão mais intrigantes que a minha. Para outras cidades onde tenho vontade de estar e não posso agora, como a sua.

Hoje, você me faz muitas vezes mais falta, gêmea querida. Porque existe um abismo entre não ver e não poder ver.

pour le moment. Il a suffi que les frontières ferment et le manque s'est propagé, plus encore que le virus. Les manques se multiplient, frénétiques, secrets, même sans toucher, créant des vides à l'intérieur des gens, changeant nos manières de voir les mêmes lieux. Ce n'est pas seulement le manque des personnes aimées qui contamine, mais aussi celui des personnes qui nous importaient sans que nous le sachions : des collègues de classe, des petits vieux sur les places, des voisins de table au restaurant, qui, en fin de compte, faisaient partie de l'architecture du restaurant, tout comme les lumières allumées, les bruits des équipements de la cuisine, les odeurs de parfum et de cigarettes à l'entrée. Et tu sais bien que je n'aime même pas les cigarettes, Laura...



À l'école d'architecture, nous avons étudié des structures. Des formes de murs, des types de revêtements. On a appris à résoudre les problèmes des immeubles instables, dangereux, laids, mal entretenus. Mais comment guérir la solitude des espaces sans personne ? Comment soigner la tristesse d'une école sans collègue de classe ? Comment soulager la peine d'une place sans petits vieux et animaux de compagnie ? Laissons, un instant, les architectures statiques. Notre époque nous amène vers les architectures vivantes, vers de nouveaux dessins et de nouvelles façons de dessiner.

101

Entre estarmos separadas e não podermos estar juntas, por enquanto. Bastou as fronteiras fecharem e a saudade se alastrou mais que o vírus. As saudades se multiplicam frenéticas, secretas, mesmo sem tocar, criando buracos dentro das pessoas, mudando os jeitos de ver os mesmos lugares. Não são só as saudades das gentes amadas que contagiam, como também as das gentes que importavam sem a gente saber: dos colegas de classe, dos velhinhos nas praças, dos vizinhos de mesa no restaurante, que, ao final, faziam parte da arquitetura do restaurante, assim como as luzes acesas, os barulhos das máquinas da cozinha, os cheiros de perfume e cigarro na entrada. E você sabe que eu nem gosto de cigarro, Laura...



Na escola de arquitetura estudamos estruturas, formas de paredes, nomes de revestimentos. Aprendemos a resolver os problemas dos prédios instáveis, inseguros, feios, mal-tratados. Mas como curar da solidão dos espaços sem ninguém? Como tratar a tristeza de uma escola sem colegas de classe? Como sanar a pena de uma praça sem velhinhos e bichos de estimulação? Deixemos, por um instante, as arquiteturas estáticas. Nosso tempo chama atenção para as arquiteturas vivas, para novos desenhos e jeitos de desenhar. Ele nos convoca a projetar encontros, mais do que lugares

BR

Elle nous convoque à projeter des rencontres, plus que des lieux où se rencontrer; à projeter des échanges plutôt que des lieux d'échange; à projeter de la tranquillité, plus que des places, des parcs, et des rues sans issue.

Les architectes, les spécialistes de la beauté des lieux, du bien-être des lieux, du bien-être des villes, devraient aujourd'hui marcher dans les rues pour chercher des animaux de compagnies perdus, réciter des poèmes d'auteurs inconnus aux arrêts de bus, inviter des musiciens à jouer dans les rues obscures et les rendre festives. Plutôt que de concevoir de nouveaux immeubles en béton, on devrait concevoir la vie de ces immeubles en béton. Plutôt que de signer des plans et des élévations, on devrait planter de nouvelles plantes, provoquer des élévations. L'architecture a tant de dimensions autres que les concrètes. Le temps est la quatrième dimension. Impossible de démolir, de restaurer, de peindre d'une autre couleur. Le temps est rare, est précieux, démesuré. Seul le temps reste quand les autres dimensions sont désertes. Le temps de sauver des bêtes perdues, le temps d'écouter des poèmes, le temps de traverser des rues en fête, le temps de se calmer, d'échanger, de rencontrer. Qui, à part les architectes, pourrait projeter la réforme des temps? Proposer de nouvelles traversées pour les vies existantes? Dessiner le paysage d'une journée jumelée à l'autre?

102

para encontros; a projetar partilhas mais do que lugares para partilhas; a projetar sossego, mais do que praças, parques e ruas sem saída.

Arquitetos, especialistas na beleza dos lugares, no bem estar nas cidades, deveríamos hoje andar pelas ruas procurando bichos de estimação perdidos, recitar poemas nos pontos de ônibus de autores ainda desconhecidos, convidar músicos para tocar nas ruas escuras e torná-las festa. Mais do que propor novos prédios de concreto, deveríamos propor a vida dos prédios de concreto. Mais do que assinar plantas e elevações, deveríamos plantar novas plantas, causar elevações. Tantas dimensões tem a arquitetura além das concretas. A quarta dimensão é o tempo. Impossível de demolir, de restaurar, de pintar de outra cor. O tempo é raro, é precioso, incontinente. É o tempo que sobra quando as outras dimensões estão desertas. O tempo de salvar bichos perdidos, o tempo de ouvir poemas, o tempo de atravessar ruas em festa, o tempo de sossegar, de partilhar, de encontrar. Quem, senão arquitetos, para projetar a reforma dos tempos? Para propor novas travessias para vidas existentes? Para desenhar a paisagem de um dia geminado a outro?

Hoje não podemos estar juntas, Laura, mas também nunca

Aujourd’hui nous ne pouvons pas être ensemble, Laura, mais il est vrai que nous n’avons jamais été si équidistantes du reste du monde. Dans le monde virtuel, les amis de France sont aussi distants de moi que de toi, là-bas, au Brésil. Assise sur le lit, j’ouvre mon ordinateur et je suis aussitôt à la faculté, au musée, au dîner de mamie, à l’anniversaire de Fabrício. Je lis sur la pandémie, je m’attriste des chiffres, je ressens beaucoup de choses sans nom. Je dévie les yeux de l’ordinateur et les arbres de la rue et leurs nouvelles feuilles sont là, l’encadrement de la fenêtre, le ciel qui, à force de changer, continue d’être le même.

La fenêtre a changé d’attrait pendant l’isolement. Je n’ai pas besoin d’elle pour voir les rues, pour voir la mer, pour voir les voisins. Il suffit de glisser mon pouce sur mon portable et je trouve vite d’autres vues. Mais la fenêtre encadre deux côtés. La nuit, quand le ciel sera éteint et moi allumée, la rue saura que je suis ici. Même déconnectée de tous les appareils qui existent, j’existerai encore en un lieu. Aujourd’hui, une partie de la vie habite les écrans (le travail, l’école, les rencontres), et la fenêtre est compagne de notre traversée solitaire d’une journée à l’autre.



Je quitte la maison pour acheter du pain. Je cherche à maintenir une distance physique, mais les villes sont des lieux

103

estivemos tão equidistantes do resto do mundo. No campo virtual, os amigos da França estão tão distantes de mim quanto de você, aí no Brasil. Abro o computador sentada na cama e já estou na faculdade, no museu, no jantar da vovó, no aniversário do Fabrício. Leo sobre a pandemia, me afijo com dados, sinto muitas coisas sem nome. Tiro os olhos do computador e lá estão as árvores da rua e suas novas folhas, a moldura da janela, o céu que de, tanto mudar, continua o mesmo.

A janela mudou de graça durante o isolamento. Não preciso dela para ver ruas, para ver o mar, para ver vizinhos. Basta deslizar o dedão no celular e logo acho outras vistas. Mas a janela emoldura vistas para dois lados. De noite, quando o céu estiver apagado e eu acesa, a rua vai saber que estou aqui. Mesmo desconectada de todos os aparelhos que existem, eu ainda existirei em algum lugar. Hoje, uma parte da vida morar dentro das telas (o trabalho, a escola, os encontros), e a janela é companheira da nossa travessia solitária por entre os dias.



Saio de casa para buscar pão. Busco manter distância física, mas as cidades são lugares de tocar e ser tocado. São lugares indesligáveis, incaláveis, que forçam a convivência

BR



104

pour toucher et être touché. Ce sont des lieux qu'on ne peut débrancher, qu'on ne peut faire taire, qui forcent une coexistence avec l'étrange, l'imprévu, l'indésiré. Pour traverser une rue, il faut transporter son corps en même temps que ses pensées, il faut solliciter tous ses sens, être présent à l'instant où l'on traverse. On ne peut pas mettre sur pause, sauter une page, débrancher le microphone pour s'échapper. Il faut s'exposer et se confronter aux dangers imminents : tomber sur quelqu'un par hasard, écouter l'autre, oublier l'heure, se sentir attiré par l'odeur du café, d'être vu comme on est. Les vitres, les murs, les grillages, les miroirs ne sont pas capables de partager et contrôler les vies qui traversent les espaces urbains. Il faut être entier et être ouvert dans la ville.

Les centres urbains ne servent plus à nous servir. Pour manger japonais il suffit de commander japonais. Pour voir les œuvres du Louvre, il suffit de taper "Louvre" sur internet. Plus que jamais, les villes sont des lieux de sens. Des lieux à traverser et à être traversé. Des lieux pour rencontrer l'inintéressant, l'amour frugal, l'ennui, les boulangères impatientes, les corps imparfaits comme les nôtres, les choses qu'on ne cherche pas mais que l'on doit trouver. Il faut se rappeler qu'il existe plus que ce qu'on veut bien percevoir : la poussière qui s'accumule sur le sol des salons, les rats sur

com o estranho, o imprevisto, o indesejado. Para atravessar uma rua é preciso carregar o corpo junto aos pensamentos, é preciso lançar mão de todos os sentidos, é preciso estar presente no instante em que se atravessa. Não dá para pausar no meio, para pular a página, para desligar o microfone e escapar dali. É preciso se expor e enfrentar os perigos iminentes: de trombar por acaso, de ouvir o outro, de perder a hora, de ser atraído pelo cheiro do café, de ser visto como se é. Vidros, muros, grades, espelhos não dão conta de dividir e controlar as vidas que atravessam os espaços urbanos. É preciso estar inteiro e estar aberto na cidade.

Os centros urbanos não servem mais para nos servir. Para comer japonês basta pedir japonês. Para ver as obras do Louvre basta buscar "Louvre" na internet. Mais do que nunca, as cidades são lugares de sentidos. Lugares de atravessar e ser atravessado. Lugares para encontrar o desinteressante, o amor frugal, o tédio, as boulangères impacientes, os corpos imperfeitos como os nossos, as coisas que não buscamos mas temos de achar. Precisamos lembrar que existe mais do que o que queremos notar: o pó que se acumula sobre o piso dos salões, os ratos no trilho do bonde, os sinais vermelhos, a vitrine que causa uma saudade infinita. Tem muitas camadas uma viagem à padaria.

les rails du tramway, les feux rouges, la vitrine qui provoque une nostalgie infinie. Une sortie à la boulangerie a beaucoup d'aspects.

Tu me manques, Laura. Mais chaque petit morceau de ce manque va inonder notre prochaine rencontre de signification. Internet a rendu possibles beaucoup d'impossibles, mais n'a pas été capable d'annuler l'absence que quelqu'un nous cause. C'est aussi à ça que servent les distances géographiques : pour que des corps traversent l'océan, désirant se rapprocher.

Ta sœur,

Tamara

105

Você me faz falta, Laura. Mas cada pedacinho da falta vai inundar nosso próximo encontro de sentido. A internet tornou possíveis muitos impossíveis, mas não foi capaz de anular a ausência que causa alguém. Também para isso servem as distâncias geográficas: para corpos atravessarem o oceano desejando estar lado a lado.

Sua irmã,

Tamara

RÉINVENTER LES ÉCHELLES DE LA VIE QUOTIDIENNE DE/DANS LA VILLE

França Karla

La ville et ses espaces publics, lieux de rencontres et d'échanges sociaux, est actuellement en constante transformation physique et sentimentale. De même, notre relation aux espaces privés s'est modifiée et nous sommes maintenant spectateurs, dans l'attente constante d'un ailleurs, au-delà des frontières de notre maison, désormais connectés à nos relations sociales numériques, en suivant les actualités sans réussir à différencier la réalité des fake news, partagés entre les hypocondriaques et les négationnistes.

Je vis mon quotidien dans la ville-modèle, référence mondiale du modernisme, qui a fêté ses 60 ans en 2020, en plein confinement. Mon expérience sur la scène de la vie publique a rapidement redéfini mes échanges sociaux avec quatre échelles importantes (les quatre échelles du projet de Brasília).

L'échelle monumentale de mon quotidien consiste à des réunions ministérielles à Esplanada dos Ministérios; puis l'échelle grégaire, toujours vécue à un rythme frénétique, celle de l'art urbain, du quotidien, de lieux de rencontres comme le quartier du Secteur Commercial Sud, la gare routière du Plan pilote et sa plateforme connue pour réunir les foules, pour ses agglomérations, ses rendez-vous, manqués ou non; l'échelle résidentielle des promenades le long des superquadras

106

Brasília, BR

cidade

mars 2020

REINVENTADO AS ESCALA DA VIDA COTIDIANA NA/DA CIDADE

França Karla

A Cidade e os seus espaços públicos lugares de encontros e trocas sociais agora estão em constante transformação física e sentimental, até mesmo a nossa relação com os espaços privativos foram modificados, oscilamos entre momentos de espectadores a expectadores do mundo para além da nossa casa, passamos a acompanhar os acontecimentos conectados por meio das nossas relações sociais digitais, acessando noticiários e sem saber diferenciar a realidade, os hipocondrismos e os negacionismos.

O meu cotidiano na cidade-modelo, referência do modernismo na escala global, a cidade que em 2020 completou 60 anos em quarentena. O meu vivenciar no palco da vida pública em curto espaço-tempo ressignificou minhas trocas sociais com as quatro mais famosas escalas do país.

A escala monumental que no meu cotidiano é o ir e vir de reuniões ministeriais na Esplanada dos Ministérios; a escala gregária do ritmo frenético, da arte urbana, do cotidiano, do lugares de encontros nas quadras do Setor Comercial Sul, na rodoviária do Plano Piloto e sua Plataforma conhecida como o lugar das multidões, das aglomerações, dos encontros e desencontros; a escala residencial dos passeios nas superquadras, do flanar, das conversas debaixo do bloco (os

(grandes unités d'habitations), en flânant, les conversations sous les célèbres pilotis, les rendez-vous avec les voisins à l'aire de jeux ou sur le terrain de sport. Puis l'échelle bucolique des matins ensoleillés – toujours une faible humidité (30% en moyenne) – et de nos sorties pour aller dans les parcs : « Olhos D'água », « da Cidade », « Ana Lídia » (avec sa petite fusée) et le jardin Botanique... ou simplement marcher dans les espaces verts, incorporés aux unités d'habitations.

Toutes ces échelles ont été réduites à mon logement, mon salon s'est transformé en bureau, salle à manger, salle de ballet, espace de loisirs, espace public, et à prendre des bains de soleil à la fenêtre, ce qui m'apporte des petits moments de simplicité et de bonheur.

Mon habitation – mon espace personnel, de refuge – est devenue un espace public où mes collègues de travail et mes gestionnaires interagissent, m'observent, m'évaluent, analysent la vastitude de ma privacité, qui se dévoile par mes tableaux, la mappemonde à la Torres-García, le violon, les livres rangés à l'envers sur l'étagère, l'intensité de la lumière du soleil dans le salon, les plantes, les objets, la disposition des meubles que je change chaque semaine pour que ma micro-échelle, désormais monumentale, résidentielle, grégiaire et bucolique, soit plus confortable.

107

Brasília, BR

ville

março 2020

famosos pilotis), dos encontros com vizinhos no play ou na quadra de esporte; a escala bucólica das idas pelas manhãs ensolaradas e umidade sempre baixa (em média 30%) aos Parques: Olhos D'água, da Cidade, Ana Lídia (o foguetinho), Jardim Botânico... ou simplesmente um caminhar por entre as áreas verdes das superquadras.

Todas essas escalas foram reduzidas ao meu espaço do morar, a minha sala se transformou em escritório, local de almoço, studio de ballet, lazer, espaço público, o famoso tomar Sol próximo da janela que remete aos pequenos momentos de simplicidade e felicidade.

O meu habitat de espaço privado, de refúgio tornou-se espaço público em que colegas de trabalho, gestores interagem, me observam, julgam, analisam o meu infinito particular, seja por meio dos quadros, do mapa-mundi à la Torres-García, violino, livros com a lombada invertida na estante, a intensidade da luz do Sol na sala, plantas, objetos, a disposição dos móveis que a cada semana é alterada para que a minha microescala agora monumental, residencial, gregária e bucolica seja mais confortável.

A minha casa como de tantos outros brasileiros foi



Mon logement, comme celui de tant d'autres brésiliens, a été transformé en bureau et/ou garderie, école, lieu pour déjeuner. Le temps linéaire d'une routine de travail de 44 heures par semaine s'étend et semble infini. Chaque jour nous fait découvrir de nouvelles plateformes, ressources technologiques, configurations, et nous ne savons plus quel jour on est, quelle heure, quel mois. Les différences entre le lundi et le dimanche, autrefois marquées par nos relations quotidiennes, ne sont plus visibles.



La sensation de répétition des jours et des nuits, issue de la consigne de « restez à la maison », me rappelle la célèbre chanson de Chico Buarque [...] Tous les jours elle fait tout de la même façon [...], l'incertitude, l'anxiété, l'optimisme, le besoin de (re)prendre nos relations quotidiennes par les réseaux numériques, les nouvelles formes ou tentatives d'empathie, entre masques, écrans, smartphones ; trouver le juste ton et la clarté de la parole est devenu un défi.

Gérer son nouveau moi dans une nouvelle société de caméras débranchées, jour après jour, d'écrans noirs, seulement peuplés de voix, de pauses, du silence des micros débranchés, ou des voix qui se chevauchent. Le retrait social exige des (re)connexions sociales et l'apprentissage des pauses, des silences et réflexions.

108

Brasília, BR

cidade

mars 2020

transformada em escritório e/ou creche, escola, local de almoço. O tempo linear de uma rotina de trabalho 44 horas semanais foi ampliada e parece não ter fim. A cada dia conhecemos novas plataformas, recursos tecnológicos, configurações e não sabemos mais que dia é hoje, a hora, o mês. As diferenças da segunda para o domingo que marcam as relações cotidianas já não são mais visíveis.



A sensação de repetição de dias e noites seguindo as orientações de “Ficar em Casa”, me remete a famosa canção de Chico Buarque [...] Todo dia ela faz tudo sempre igual [...], a incerteza, ansiedade, otimismo, a necessidade de (re) estabelecer relações cotidianas por meio de redes digitais, novas formas ou tentativas de empatia entre máscaras, telas, smartphones, buscar um tom e clareza na fala tem sido desafiante.

O lidar com o novo eu e uma nova sociedade de vídeos não habilitados, dias e dias com telas pretas, apenas vozes, pausas, silêncios de microfones não habilitados, vozes sobrepostas em tempos de distanciamento social requer (re) conexões sociais e aprendizados para pausas, silêncios e reflexões.

Je vois l'autre au travers d'un écran vidéo, mon nouveau moi sur une caméra branchée, même si cela me met mal à l'aise de m'exposer ainsi, le fait de le permettre est une tentative de trouver une forme empathique de dire à l'autre « hello », « je suis là ».

Nous réinventons des territoires au moyen de la technologie, celle qui nous asservit pendant toute une journée de travail sans linéarité, qui nous bombarde d'informations, causant fatigue et surmenage intellectuel. Notre vie est globalement suivie, surveillée de l'intérieur de chez nous par le biais de la connectivité et des données de portables à la Foucault (courants de Foucault). En même temps, la technologie favorise les unions, les gentillesses, les réseaux d'empathie, d'amour, de solidarité et renforce le rôle de la science dans le combat contre la pandémie.

Je suis la géographe rebelle qui cherche à reconstruire des échelles quotidiennes et de nouveaux espaces d'espoir à la Harvey à partir de ces espaces collectifs virtuels et de ces nouvelles expériences. Je respecte les mesures d'isolement social depuis le mois de mars en restant chez moi le plus possible, j'ai restreint ma vie dans la ville à des allers-retours rapides, une fois par semaine, pour aller au supermarché, ce qui est devenu l'événement le plus attendu de la semaine, la

Brasília, BR

ville

março 2020

109

A forma de ver o outro é pela tela do vídeo, meu novo eu de vídeo habilitado, ainda que tal ação me cause desconforto pela exposição, mas também o vídeo habilitado é uma tentativa de buscar uma forma empática de dizer ao outro “oi”, “estou aqui”.

(Re)inventamos territórios por meio da tecnologia, aquela que escraviza uma jornada de trabalho sem linearidade, bombardeia-nos de informações, ocasionando desgaste e cansaço mental, em que a vida global passa a ser acompanhada, vigiada e monitorada de dentro de casa por meio da conectividade e dos dados de celulares à la Foucault. Ao mesmo tempo ela – a tecnologia –, oportuniza união, gentilezas, redes de empatia, amor, solidariedade e fortalece o papel da Ciência para o enfrentamento da pandemia.

Desses espaços coletivos e novas vivências, eu, geógrafo rebelde buscando reconstruir as escalas cotidianas e os espaços de esperança à la Harvey cumprindo medidas de isolamento social desde o mês de março em casa, tive o meu viver a/na/da cidade em sua potência restringida a idas rápidas uma vez por semana ao supermercado, que tornou-se o evento mais aguardando e esperado da semana, a ida ao supermercado, requer preparação mental e corpórea.

BR

sortie au supermarché, et qui me demande une préparation mentale et physique.

Le supermarché se situe à un peu moins de 2 km de mon logement. C'est la limite, la frontière où je me reconnecte avec les espaces de la ville; la liberté de sentir le vent, le soleil qui brûle ma peau, les bruits de la ville et, pour quelques instants, la possibilité de flâner entre les blocs.



Le regard géographique me connecte avec la créativité et l'innovation d'un peuple, mais le retour à la rue me permet aussi de vivre de nouvelles formes de contrôle de l'espace et du corps; où devons-nous marcher? À quelle distance de l'autre? Quels sont les nouveaux comportements à respecter dans les espaces publics? Les nouvelles formes de relations affectives? Les embrassades et les poignées de main sont substituées par de nouvelles formes de salutations, avec les coudes ou les pieds, je choisis la révérence japonaise – Ojigi –, par des sourires invisibles, par la peur de la proximité physique de l'autre. Un geste cependant, maintes fois répété par d'innombrables personnes, attire l'attention – leurs têtes courbées, insérées dans une bulle cybernétique.

110

La réalité est de plus en plus dure sur divers aspects, la pandémie et ses retentissements ont renforcé les inégalités et

Brasília, BR

cidade

mars 2020

A saída da minha casa ao supermercado pouco menos de 2km do meu bloco é o limite da fronteira e a reconexão com as escadas e a liberdade de sentir o vento, o Sol queimar a minha pele, os barulhos da cidade e, em um lapso de tempo a possibilidade de flanar por entre as superquadras.

O olhar geográfico me conecta com a criatividade e a inovação de um povo, mas também o retorno a rua permite viver novas formas de controle do espaço e corpórea , onde devemos pisar, a distância do outro, novos comportamentos esperados nos espaços públicos, novas formas de relações afetivas, da substituição de abraços e apertos de mãos para novas formas de cumprimentos, com cotovelos ou com os pés, opto pela a reverência japonesa - Ojigi -, sorrisos não visíveis, o medo do outro que está ao lado fisicamente No entanto, por vezes um gesto repetido por inúmeras pessoas chamam atenção, - as cabeças curvadas em um vivenciar na bolha cibernetica .



A realidade tem sido dura em distintas escalas, a pandemia e seus desdobramentos escancaram desigualdades e aprofundam condições: fome, desemprego, despejos, as desiguais condições de acesso ao direito à Cidade.

les maux de la société : la faim, le chômage, les expulsions de locataires, la limitation du droit à la ville.

FR

De nouvelles relations de consommation se sont aussi renforcées, une société d'information en réseau à la Castells et une prolifération d'amours liquides entre désirs et restrictions à la Bauman, menaçant la diversité des sujets collectifs qui s'oppose aux besoins individuels, issus de la mercantilisation de la vie mise en évidence par de lamentables images de non-respect des mesures d'isolement social dans le village mondial.



Les villes de la post-pandémie, leurs nouvelles relations et rythmes sont incertains, mais moi, à partir de mes coordonnées géographiques : Latitude : 15° 46' 48" Sud, Longitude : 47° 55' 45" Ouest – Brasília – Capitale Fédérale du Brésil –, je m'éclipse avec une déclaration d'amour aux villes, en souhaitant que mes reconexions et les vôtres avec la ville stimulent des réformes urbaines pour des villes plus participatives, accessibles, créatives, inclusives, innovatrices et affectives.

Même si, officiellement, les quatre échelles se référant au Projet Urbanistique de Brasilia sont universelles, chacun de nous les vit à sa manière.

111

Brasília, BR

ville

março 2020

Também fortalecem novas relações de consumo de uma sociedade da informação em rede à la Castells e um aprofundamento de amores líquidos entre desejos e restrições à la Bauman, colocando em cheque a diversidade dos sujeitos coletivos versus as necessidades individuais, por meio da mercantilização da vida evidenciado em tantas imagens deploráveis nessa aldeia global de não cumprimento das medidas de distanciamento social.

As cidades pós-pandemia e as novas relações e ritmos são incertos, mas eu, da minha coordenada geográfica: Latitude: 15° 46' 48" Sul, Longitude: 47° 55' 45" Oeste – Brasília – Capital Federal do Brasil –, me despeço com um legado de amor às cidades, que as minhas e as suas reconexões com a Cidade sejam oportunidades de reformas urbanas para cidades mais participativas, acessíveis, criativas, inclusivas, inovadoras e amorosas.

Ainda que oficialmente as quatro escalas remete ao Projeto Urbanístico de Brasília, todos vivenciam à sua maneira essas escalas.

BR

Ce confinement a chamboulé, à bien des égards, nos vies, paysages et pensées.

Nos diplômes ont aussi été teintés de ce virus, malmenés par endroits. Ils ont parfois fleuri grâce à ce contexte. Le virus a été comme de la levure à injustices et folies, marges et précarités. Il a ramolli quelques idées pour finalement confirmer mes intuitions initiales et me guider vers un projet plus sensé.

proposition
#08

Lucile Cornet-Richard

ENSAD

En effet, j'ai vu dans cette actualité 6 points majeurs :

- la vulnérabilité de tou-te-s
- la solidarité comme un mode d'échange viable
- la quête de la « Nature » comme médicament, contre l'épidémie et les flux de la ville
- le rapport à l'apprentissage, très théorique dans l'enceinte de l'école et détachée des savoir-faire
- le confinement a aussi mis en avant notre besoin de rassemblement, notre besoin vital du groupe social
- et enfin, les métiers du soin (médical, social, relationnel) réapparaissent comme primordiaux

C'est effectivement un temps accordé au soin des corps, au soin des jardins, végétaux ou intérieurs, au soin de son entourage, voisinage, comme autant de relations précieuses. Cette dernière période complète la liste des crises,

112

Esse confinamento virou de ponta cabeça nossas vidas, paisagens e pensamentos, sob muitos aspectos. Nossos diplomas também se matizaram de vírus, aqui e ali. Mas graças a esse contexto, em alguns casos eles floresceram. O vírus foi um levedo para injustiças e loucuras, margens e precariedades. Ele amoleceu algumas ideias, para finalmente confirmar minhas intuições iniciais e me guiar na direção de um projeto mais sensato.

proposição
#08

Na verdade, eu vi nessa atualidade 6 pontos de primeira importância:

- a vulnerabilidade de todo(a)s
- a solidariedade como um modo de troca viável
- a busca da “Natureza” como medicamento contra a epidemia e os fluxos da cidade
- a relação com o aprendizado, muito teórico no perímetro da escola e separado dos saber-fazer
- o confinamento também ressaltou nossa necessidade de reunião, nossa necessidade vital do grupo social
- e, por fim, as profissões de cuidados (médico, social, relacional) reapareceram como primordiais.

É efetivamente um tempo concedido aos cuidados do corpo,

écologiques ou migratoires, qui toutes s'imbriquent, pour se questionner et se résoudre. Daniel Dérivois écrit d'ailleurs dans « Rejets de la mondialisation, rejetons de la mondialité », que ces adolescents « qui arrivent par bateau, traversent terre, mer, et mutilations » sont « l'avenir de l'humanité, le renouvellement de la généalogie du monde, la possibilité d'un changement ». Je vois dans ses mots un optimisme vertueux, qui transforme les lourdes lignes de l'actualité en une possibilité de nouvelle route, à déployer et emprunter. Comme une bonne nouvelle à construire. À plusieur·e·s.



J'ai porté mon attention sur le collège Travail Langevin à Bagnolet : un territoire concret, pour être en prise avec ses contraintes et ses potentialités. À partir de mars, nos diplômes ont dû se développer hors des murs de l'école. Sans les outils, les machines, les ateliers et les professeur·e·s à notre chevet. Il nous restait les surprises de nos garages, les oubliés dans la cave, les ressources perdues du haut de placard, pour expérimenter. Je me suis alors dit que l'intelligence du projet ne résidait pas dans les maquettes en résine et autres représentations qui finiraient d'ailleurs par être jetées, mais dans la manière de faire du projet.

Ce confinement a figé la ville. L'architecture a constraint. Coincé dans de trop petits mètres carrés. Superposé.

113

aos cuidados dos jardins, vegetais ou interiores, aos cuidados de quem nos cerca, da vizinhança, como relações preciosas. Esse último período completa a lista de crises, ecológicas ou migratórias, todas elas se imbricando, para se questionar e se resolver. Em seu “Rejets de la mondialisation, rejetons de la mondialité” (Rejeitos da globalização, rebentos da mundialidade), Daniel Dérivois escreve aliás que esses jovens “que chegam de barco atravessam terra, mar e mutilações” e são “o futuro da humanidade, a renovação da genealogia do mundo, a possibilidade de mudança”. Eu vejo nessas palavras um otimismo virtuoso, que transforma as pesadas linhas da atualidade numa possibilidade de novo rumo, a desenvolver e tomar emprestado. Como uma boanova a construir. A várias mãos.



Voltei minha atenção para o colégio Travail Langevin em Bagnolet: um território concreto, para estar em fase com suas imposições e potencialidades. A partir de março, nossos diplomas foram obrigados a se desenvolver fora dos muros da escola. Sem ferramentas, máquinas, ateliês e professore(a)s ao nosso lado. Para improvisar, restavam as surpresas de nossas garagens, das coisas esquecidas nos porões, os recursos perdidos no maleiro dos armários. Eu disse a mim mesma então que a inteligência do projeto não

BR

Resserré. Parce que nos modes de vies et d'habiter sont individualisés et rentabilisés. Au-delà du besoin nécessaire et vital pour chacun d'avoir un toit (comment être confiné sans domicile ?), d'avoir un chez-soi décent et rassurant (l'écart entre les confinements « instagrammables » et les précarités installées est insupportable), il nous faut nous questionner sur notre manière d'être aux mondes.

« À la question “Quel monde allons-nous laisser à nos enfants ?” – question qui reste plus que jamais d'actualité – il est donc urgent d'en ajouter aujourd'hui une autre : “Quels enfants allons-nous laisser au monde ?” » (P. Meirieu)

→ Je me dis que le soin apporté aux lieux des savoirs, de la connaissance de soi, des autres et du monde, est une réponse. Et je pense alors que la solution se trouve dans le maillage des individus autour et vers l'extérieur d'un collège, par exemple, pour former un nous. Ce « nous » dont parle Marielle Macé : « Nouons-nous ; nouons encore, imaginons d'autres façons d'être à plusieurs, de se lier, ... le “nous” d'amour pourrait, si on l'écoute, s'infinir en politique ».

Chaque collège est un microcosme, un paysage, où il n'y a pas de « mauvaise herbe », mais, au contraire, comme dans

114

residia nas maquetes de resina e outras representações, que aliás acabariam sendo jogadas fora, mas sim no modo de fazer do projeto.

→ Esse confinamento imobilizou a cidade. A arquitetura [sofre] imposições. Espremida em exígios metros quadrados. Sobreposta. Apertada. Porque nossos modos de vida e de habitar são individualizados e rentabilizados. Mais além da necessidade verdadeira e vital para cada um, de ter um teto (como se confinar sem domicílio?), de ter um cantinho seu decente e protetor (a diferença entre os confinamentos “instagramáveis” e as precariedades instaladas é insuportável), cumpre que nos questionemos sobre nosso modo de estar nos mundos.

“À pergunta ‘Que mundo vamos deixar para nossos filhos?’ – pergunta mais atual do que nunca – é portanto urgente acrescentar outra, agora: ‘Que filhos vamos deixar para o mundo?’” (P. Meirieu).

Digo a mim mesma que o cuidado que se tem para com os lugares de saber, do conhecimento de si mesmo, para com os outros e o mundo é uma resposta. E penso que a solução está na trama dos indivíduos em torno e fora de um colégio,

un jardin en permaculture, dans lequel on associe, et on considère la diversité du territoire pour créer des écosystèmes. Le projet? Repenser le lieu, pour agir, pour fabriquer, en association, activant le lieu par le tissage entre humains, paysage végétal ou compétences locales. Pour contrer les fractures, amplifiées par le confinement. Il me semble nécessaire de suivre la méthode mise en place par la permaculture, définie par l'acronyme OBREDIM : Observation, Borders, Ressources, Evaluation, Design, Implementation, Maintenance.



Trois références me semblent fondamentales pour aller en ce sens. L'écoféminisme : pour mettre en relation toutes formes de vivant. Les écrits d'Ivan Illich : pour repenser la place du savoir dans la société, hors d'un schéma savoir = scolarité / résultat / production (société capitaliste). Et Fernand Deligny, éducateur des années 1960, qui était contre les institutions pour personnes autistes. Il prônait non pas un lieu, mais un milieu soignant.

Débuter donc par les étapes O, B et R, observation bordures et ressources, à travers les yeux des habitant·e·s d'un lieu. Portée par les mots de la journaliste Jade Lindgard qui dit : « Deviens le territoire que tu défends ». Ce temps long,

115

por exemplo, para formar um nós. Esse “nós” do qual fala Marielle Macé: “Atemo-nos, atemos nós; atemo-nos uma vez mais, imaginemos outros modos de ser no plural, de nos ligarmos, [...] o ‘nós’ do amor poderia, se dermos ouvidos a ele, se tornar política”.



Cada colégio é um microcosmos, uma paisagem onde não há “ervas daninhas”, mas, ao contrário, é como num jardim em permacultura, no qual associamos os elementos e consideramos a diversidade do território para criar ecossistemas. O projeto? Repensar o local para agir, para fabricar, em conjunto, ativando o lugar pela trama entre humanos, paisagem vegetal ou competências locais. Para cercear as fraturas, amplificadas pelo confinamento. A mim parece necessário seguir o método aplicado pela permacultura, definido pelo acrônimo OBREDIM: Observation, Borders, Ressources, Evaluation, Design, Implementation, Maintenance.

Considero três referências fundamentais, para irmos nesse sentido. O eco feminismo: para associar todas as formas de vida. Os escritos de Ivan Illich: para repensar o lugar do saber na sociedade, não no esquema saber = escolaridade / resultado / produção (sociedade capitalista). E Fernand Deligny, educador dos anos 1960 que era contra as instituições para

confiné dans le projet, invite à regarder de près la manière de fabriquer, les outils prêtés à l'architecte.

En arpantant cet environnement, guidée par les collégien·ne·s, nous avons établi des cartes de ressources : humaines, végétales, structurelles. J'ai initié des ateliers hebdomadaires avec les collégien·ne·s qui ont été le lieu d'expérimentation et d'activation des ressources et matières glanées dans la ville. Cette tentative d'ouvrager des matériaux locaux est une première étape collaborative vers la restauration du collège. Le but : être le catalyseur de ces ressources locales, réussir à les activer pour transformer cet établissement scolaire en un milieu d'apprentissage.

→

En 1991, Veneta Avramova, architecte bulgare, a complété le collège Travail Langevin, datant de 1930. Elle a proposé des structures démontables, accompagnant la pédagogie si celle-ci était vouée à changer. J'ai donc proposé de les démonter et les faire habiter les alentours du collège. Parmi ces gestes, une rotonde est déplacée vers le parc, devenant ainsi un arbre à palabres dans le parc Josette et Maurice Audin, un lieu de savoir ouvert à tou·te·s, scolarisé·e·s ou non. Le but est de retisser la vie de ce lieu avec son environnement, et (re)créer des interactions, faune, flore, minéral et humain – se réapproprier des savoir-faire, des compétences. Tous

116

pessoas autistas. Ele defendia a ideia não de um local, mas de um meio de tratamento.

Assim, começar pelas etapas O, B e T, observação, bordas e recursos, através do olhar dos habitantes de um lugar. Usando como vestes as palavras da jornalista Jade Lindgard: “Transforma-te no território que defendes”. Esse período longo, confinado no projeto, convida a olhar de perto a maneira de fabricar e também as ferramentas emprestadas ao arquiteto.

→ Explorando esse ambiente, guiada pelo(a)s aluno(a)s, estabelecemos mapas de recursos: humanos, vegetais, estruturais. Iniciei ateliês semanais com aluno(a)s que foram o local de experimentação e de ativação dos recursos e materiais recolhidos pela cidade. Essa tentativa de trabalhar materiais locais é uma primeira etapa de colaboração rumo à reforma do colégio. Objetivo: ser o catalizador desses recursos locais, conseguir ativá-los para transformar esse estabelecimento escolar num meio de aprendizado.

Em 1991, Veneta Avramova, arquiteta búlgara, terminou os estudos no colégio Travail Langevin, de 1930. Ela propôs estruturas desmontáveis, acompanhando a pedagogia se esta

ces objectifs se rassemblent sous le terme Reclaim, beaucoup utilisé par les écoféministes. En reprenant les mots de Marielle Macé, il s'agit pour ces mouvements architecturaux, de « jardiner les possibles », de « ménager plutôt qu'aménager ». J'espère que ce confinement aura calmé les égos et les projets démesurés, et rappelé aux architectes et urbanistes de construire avec ce qu'il y a sur place.

Je finirai sur un vers d'Aragon, qui résume et rappelle, à mon avis, ce qui devrait être la visée de nos futurs projets d'architecture ou d'urbanisme. Aragon imprime dans ma rétine, ce que le confinement m'a enseigné sur la pratique d'architecte.

Il écrit : « le lieu de nous où toute chose se dénoue. »

117

mudasse. Assim, eu propus desmontá-las e colocá-las nos arredores do colégio. Dentre esses gestos, uma rotatória foi deslocada para o parque, se transformando numa árvore de palavras no parque Josette e Maurice Audin, um local de saber aberto a todo(a)s, escolarizado(a)s ou não. O objetivo é tecer a vida desse local com o meio que o cerca e (re)criar interações, fauna, flora, mineral e humano – se apropriando dos savoir-faire, das competências. Todos esses objetivos se reúnem sob o termo Reclaim, muito utilizado pela eco feministas. Fazendo minhas as palavras de Marielle Macé, trata-se, para esses movimentos arquiteturais, de “jardinar os possíveis”, de “conservar, mais do que equipar ou adaptar”. Eu espero que esse confinamento tenha acalmado os egos e os projetos desmedidos, e lembrado aos arquitetos e urbanistas [o que é] construir com aquilo de que se dispõe.

Termino com um verso de Aragon que resume e nos lembra, a meu entender, o que deveria ser a visão de nossos futuros projetos de arquitetura e de urbanismo. Aragon imprime em minha retina o que o confinamento me ensinou na prática de arquiteta.

Ele escreve: “o local de nós em que todas as coisas se desatam”.

LA DURETÉ DE LA MÊME TERRE

Luiza Fraccaroli
Baptista da Costa

J'ai une sacrée envie de poser les pieds sur terre. De sentir l'herbe s'infiltrer entre mes doigts de pieds. Plaine, planure, « baixada » (terrain peu élevé), « chapada » (plateau élevé), prairie, champ, steppe, vallée, pampa, « chanura » (rase campagne). Comme c'est triste de léviter par ces temps déments. Comme c'est triste de ne pas pouvoir être « chã » (plaine).

Mes pieds connaissent désormais en détail toutes les textures, températures, rayures, recoins et plinthes du plancher. Planches de parquet, carrelage en porcelaine, sol en vinyle, deck en bois. De temps en temps, mes pieds se cognent contre le coin de la table et souffrent copieusement, évoquant l'indifférente routine du cloître.

Je me réveille, une fois de plus, dans la même chambre, comme je le fais depuis des mois. Tout me manque.

Ça me manque d'observer les gens tracer leurs chemins. « Marcher au gré des vents, des courants et des directions. » Se rendre à l'imprévisible danse des pieds le long des rues. « Je ne veux pas dire adieu. Les choses passent... Je veux ! Je veux juste passer avec elles », comme le chante Jards Macalé.

118

São Paulo, BR

meu quarto e
minha rua

un après-midi

A DUREZA DA MESMA TERRA

Luiza Fraccaroli
Baptista da Costa

Sinto uma falta danada de pôr os pés no chão. Vontade de sentir os entre-dedos dos pés competindo espaço com a grama. Planície, planura, pradaria, baixada, chapada, campina, campo, estepe, várzea, pampa, chanura. Como é triste levitar nessa loucura. Como é triste não poder ser chã.

Meus pés agora conhecem precisamente todas as texturas, temperaturas, arranhões, cantinhos e rodapés do chão dessa casa. Chão de taco, porcelanato, piso vinílico, deck de madeira. De vez em quando, topam na quina da mesa e choram copiosamente, fazendo lembrar a desemocionante rotina do claustro.

Acordo, mais uma vez, no mesmo quarto, como tenho feito há meses. E tudo que sinto é saudade.

Saudade de observar as pessoas inventarem suas rotas. “Estar sujeito ao vento, à todas as flutuações e direções”. Abraçar a inventividade da dança imprevisível dos pés que andam pelas ruas. Não quero ficar dando adeus. As coisas passando... Eu quero! Eu quero é passar com elas, como quis também Jards Macalé.

Eis que decido me atrever a andar na rua. Só um pouquinho, com cuidado, distância, desconfiança. Abrir a porta de casa

D'un coup, je décide de prendre le risque de marcher dans la rue. Juste un petit peu, avec prudence, méfiance, à distance. Ouvrir la porte de sa propre maison est un risque. Quel danger de sortir de cet espace hermétique et contrôlé ! Mais quel plaisir d'être dehors !

Marcher, cheminer, défiler, parcourir, flâner, déambuler, ambuler. Errer. Errer... Errer me manque. Errer de-ci de-là, comme la nomade que je suis. Je marche les pieds en dedans. Je monte les escaliers sur la pointe des pieds. Je me déplace le dos penché en arrière. Mes amis se moquent de ma façon de marcher. Une façon de marcher de travers bien à moi.



J'aime la sensation de ne pas savoir son chemin, et ensuite de le parcourir plusieurs fois pour me donner l'impression de le connaître depuis longtemps. J'aime ne pas savoir où aller et... Boum ! Rencontrer quelqu'un que je ne connais pas très bien et dévier le regard, toute honteuse, et après regretter de ne pas avoir dit « Salut ». J'aime aussi marcher, l'allure décidée, avec l'assurance de celle qui a déjà foulé ce chemin de l'enfance à la vieillesse. D'ailleurs, je ne sais pas vraiment ce que je préfère.

J'aime surtout être en mouvement, oser un geste dynamique,

119

São Paulo, BR

ma chambre
et ma rue

uma tarde

significa um risco. Que perigo sair daquele ambiente hermético e controlado. Mas que delícia estar fora dele!

Andar, caminhar, marchar, percorrer, vaguear, perambular, ambular. Errar. Errar... Sinto falta de errar. Errar por aí toda errante do jeito que sou. Eu caminho com os calcanhares abertos. Eu subo as escadas nas pontas dos pés. Eu me desloco com as costas inclinadas para trás. E meus amigos costumam fazer piada do meu jeito de andar. Um andar todo torto que é só meu.

Gosto da sensação de não saber o caminho, e depois percorrê-lo mais outras vezes para sentir como se o conhecesse há tempos. Gosto de não saber pra onde ir e... Putz! Encontrar alguém que não conheço muito bem e desviar o olhar toda envergonhada pra depois me arrepender de não ter dito um "oi". Gosto também de caminhar com decisão, com a confiança de quem já traçou esse percurso da infância até a velhice. Aliás, não sei o que gosto mais.



Eu gosto mesmo é de estar em movimento, de arriscar um gesto dinâmico, muito mais do que ficar com a segurança de permanecer parada. Quero mesmo é que o mundo possa experimentar isso. O vento no rosto da gente vagante.

BR

beaucoup plus que rester dans ma zone de confort sans bouger. Je désire à tout le monde d'essayer la chose suivante. Errer, le visage offert au vent.

Non ! Ce n'est pas moi qui resterai au port, à pleurer, désolée devant l'éternel mouvement des bateaux.

Il y a longtemps que je n'ancrais pas mes pieds dans le sol !

Il y a longtemps que je n'enracinais pas mes doigts de pieds dans la terre !



Maintenant que je le peux, c'est drôle, on ne dirait pas la même terre dont je me souviens. En fait, c'est la même terre, bien sûr. Le même lieu.

C'est peut-être quelque chose dans l'air, alors ? De nouveaux airs, d'autres airs.

Dans la rue, des regards de suspicion, absents, vides. L'asepsie totale. Sans étreinte, sans caresse. De plus en plus reclus, introspectifs. Enfin, je parle des costards-cravates.

120

São Paulo, BR

meu quarto e
minha rua

un après-midi

"Não! Não sou eu quem vai ficar no porto chorando - lamentando o eterno movimento dos barcos."

Há tempos não fincava os pés no chão!
Há tempos não enraizava meus dedinhos!

Agora que posso, engracado, não parece a mesma terra que tinha em memória. Quero dizer, é a mesma terra, claro. Mesmo endereço.

Talvez seja algo no ar, então? Ares novos, ares outros.



Na rua, olhares de suspeição, ausentes, vazios. Assepsia total. Sem abraço, sem afago. Andam muito mais reclusos, introspectos. Digo, os engravatados andam assim.

Na outra margem da rua, avisto capacetes de obra em movimento. E sinto algo de familiar. O mesmo frenesi da vida operária. Cheiros que já senti, cenas que já presenciei.

Os que trabalhavam em pé, continuam em pé. Os que trabalhavam sentados, continuam sentados. Torno à minha casa com os sentimentos revolvidos. Deito em minha cama por um minuto.

frénésie de la vie ouvrière. Des odeurs que j'ai déjà senties, des scènes déjà vues.

FR

Ceux qui travaillaient debout sont toujours debout. Ceux qui travaillaient assis sont toujours assis. Je rentre chez moi dans un tourbillon d'émotions. Je me mets dans le lit pendant une minute.

Voilà, rien n'a changé. Je me suis trompée. L'illusion de nouveaux airs, la dureté de la même terre.



121

São Paulo, BR

ma chambre
et ma rue

uma tarde

É, nada mudou. Engano meu. A ilusão dos novos ares, a dureza da mesma terra.



BR

Dans la perspective de l'évolution urbaine, depuis l'émergence des premières villes, des vagues pandémiques dévastent les populations. On considère généralement, pour analyser ces contextes, le manque d'assainissement, la précarité de la médecine d'une période historique et la grande densité de la population comme les causes, ou au moins, comme des facteurs d'aggravation d'une épidémie. Il est inévitable, cependant, dans le contexte actuel du confinement, de prendre le temps de réfléchir à ces origines et repenser des stratégies.

proposition
#09

Alexandra Pinheiro
Kappke

UFRGS

L'immense dimension de ressources contemporaines des secteurs les plus variés et l'avancée technologique en croissance de plus en plus accélérée nous portent à croire à tort que nous vivons aujourd'hui le sommet d'une nouvelle ère de notre évolution, que nous sommes désormais supérieurs à nos ancêtres, et que nous détenons toutes les réponses ou les moyens de les trouver. La vérité, cependant, est que malgré ce vernis brillant, nous faisons encore face à un contraste désolant, à nos vieilles difficultés : ségrégation, manque d'accès aux services de santé et leur mauvaise qualité, densité de population, et précarité de milliards d'individus.

122

L'urbanisme est une activité aussi ancienne et primordiale dans l'histoire de l'humanité que l'architecture ou la médecine.

Por uma perspectiva da evolução urbana, desde o surgimento das primeiras cidades, surtos pandêmicos avassalam populações. Comumente, ao pensar nessas situações, consideramos a falta de saneamento, a precária medicina de um período histórico e o alto adensamento da população como causas ou pelo menos como fatores de agravamento para uma epidemia. É inevitável, no entanto, em situação atual de confinamento, não parar para refletir sobre essa raiz e repensar suas abordagens.

proposição
#09

Alexandra Pinheiro
Kappke

UFRGS

A imensa vertente de recursos contemporâneos nas mais diversas áreas e o avanço tecnológico com crescimento cada vez mais acelerado nos ilude de que hoje vivemos o ápice de uma nova era de nossa escala evolutiva, onde já somos muito superiores comparado a nossos antepassados, já possuímos as respostas ou meios de encontrá-las. A verdade, no entanto, é que em meio a esse brilho promissor, ainda vivemos, em desolador contraste, com velhas dificuldades: segregação, falta de acesso a serviços médicos e sua má qualidade, adensamento populacional, e subcondições de vida para bilhões de habitantes.

O urbanismo é uma atividade tão antiga e primordial na história da humanidade quanto a arquitetura ou a medicina.



Depuis les ébauches des premières civilisations nous témoignons de tentatives – ratées ou pas – d'assurer de bonnes conditions de vie aux populations. Depuis les cimetières, les égouts et aqueducs romains à l'insertion des fontaines et places de la Renaissance, sans oublier les mouvements hygiénistes, comme la réforme d'Haussmann à Paris et celle de Pereira Passos à Rio de Janeiro. Des réponses claires, souvent radicales, aux questions du manque d'assainissement des villes et de la qualité médiocre des espaces publics. Des idéaux en partie repris par les participants des CIAMs, dans l'ère moderne. Leurs urbanistes ont reçu des critiques similaires, car leurs modèles ne prenaient pas en compte la complexité socioculturelle et spatiale des villes en développement, les décrivant plutôt fixes qu'évolutives, plutôt fermées que dans une logique d'ouverture, d'inclusion et d'espaces connectés.

Quelle serait alors une approche plus cohérente, inclusive et disruptive pour garantir la sécurité, le bien-être et la santé dans nos villes et nos espaces partagés, sans tomber dans les mêmes erreurs ? Ces mêmes réponses issues des difficultés ancestrales, auxquelles nous nous confrontons toujours ? Nous pouvons repenser les notions de logement et de partage dans les espaces de la ville post pandémie. Comme en témoignait déjà Jane Jacobs, la maison en tant que

123



Dos primórdios dos tempos civilizatórios atestamos tentativas – falhas ou não – de assegurar boas condições de vida à população. Dos cemitérios, esgotos e aquedutos romanos à inserção das fontes e praças renascentistas, sem excluir as abordagens higienistas, tais como A Reforma de Haussman em Paris e a Pereira Passos no Rio de Janeiro. Respostas claras, muitas vezes radicais, à questão do saneamento escasso nas cidades e a baixa qualidade dos espaços públicos. Ideais que em parte foram reaproveitados pelos participantes dos CIAMs, na era moderna. Seus urbanistas obtiveram críticas semelhantes, por seus modelos desconsiderarem a complexidade sociocultural e espacial das cidades crescentes, tê-las mais fixas do que evolutivas, mais segregadas do que coerentemente amplas, inclusivas e de espaços conectados.

Que seria então uma abordagem mais coesa, inclusiva e disruptiva para garantir segurança, bem-estar e saúde em nossas cidades e espaços compartilhados, que não caia nesses mesmo erros? Nessas mesmas respostas provindas da ancestral necessidade que ainda enfrentamos? Que podemos realocar no habitar e no dividir os espaços da cidade na vida pós pandemia?

BR

« machine à habiter » et la ville fonctionnelle de Le Corbusier sont des modèles voués à l'échec, reproducteurs d'espaces complètement isolés en contraste à la densité des autres. Des modèles plus contemporains, comme ceux proposés par des urbanistes comme Richard Rogers, Smart Cities et Compact Cities, similaires en partie à la théorie moderne des cités-jardins, ne paraissent pas plus viables et peuvent se montrer encore plus défaillants, car ils isolent la population en lots équidistants, ce qui pourrait paraître utile pour freiner la propagation épidémique mais ne prend pas en compte la complexité et la vitesse de croissance des villes et leurs rapports au temps présent.



Peut-être que la réponse serait de viser l'équilibre de ces facteurs, de recréer de nouvelles politiques à l'échelle globale en suivant le Green New Deal, qui projette dans la sphère architecturale des espaces plus coopératifs, systémiques et intégrés, complètement durables, surtout dans la sphère environnementale, et qui vise à l'insertion urbanistique de stratégies qui stimulent l'équité entre la densité de la population et la diminution de gaz toxiques dans nos villes. Mary Prunicki, chercheur de l'Université de Stanford, a récemment publié une recherche qui montre que les décès du Covid-19 sont plus nombreux chez les Afro-américains et Hispano-américains des États-Unis en raison des espaces où ces groupes

124

Como já atestava Jane Jacobs, a casa como “máquina de morar” e a cidade funcionalista de Le Corbusier são meios fadados ao desastre, prorrogadores de áreas completamente isoladas em contraste ao adensamento de outras. Modelos contemporâneos, como os propostos por urbanistas como Richard Rogers, Smart Cities e Compact Cities, semelhantes em parte à teoria moderna das Cidades Jardim, também não parecem viáveis e poderiam se demonstrar ainda mais falhos, pois isolam a população em verdadeiros lotes equidistantes, o que apesar de parecer útil em termos de diminuir a propagação epidêmica, não parecem compreender a complexidade e a velocidade do crescimento das cidades e suas conexões nos tempos atuais.



Visando o equilíbrio desses fatores, talvez a resposta esteja em redirecionar em escala global novas políticas dentro do Green New Deal, que na esfera arquitetônica visa espaços mais cooperativos, sistemáticos e integrados, completamente sustentáveis, em especial em esfera ambiental, e que urbanisticamente visa inserção de estratégias que estimulem a equidade entre a população e a diminuição de gases tóxicos em nossas cidades. Isto, a luz de que Mary Prunicki, pesquisadora da Universidade de Stanford, recentemente publicou uma pesquisa que demonstra como as fatalidades

habitent (des zones périphériques précaires). Elle démontre que la transmission du coronavirus est liée à l'exposition à la pollution de l'air, et que la mauvaise qualité de l'air est donc un facteur d'augmentation des cas. Ce n'est donc pas une coïncidence qu'au Brésil, la ville de Manaus, qui est une zone de climat chaud et pourvue de peu de ventilation, soit leader en décès.

Ainsi que d'autres épidémies récentes (grippe espagnole, grippe porcine, salmonelle, etc.), l'apparition du Covid-19 est liée à la consommation de produits d'origine animale. La ville de Duplin, aux États-Unis, comme le montre le documentaire *Cowspiracy*, détient un taux élevé de mortalité infantile, d'asthme et de cancer, dû à la proximité d'un élevage de porcs, un problème de manque de planification urbaine et sanitaire et de séparation de cette population d'afro descendants pour la plupart. Nous ne pouvons continuer d'ignorer que les «espaces périurbains» sont, non seulement un grave problème esthétique et instigateur de spéculation immobilière, mais aussi un problème de santé publique. De même en ce qui concerne l'insertion de zones industrielles ou l'extraction de minéraux lourds à proximité de nos villes ou agglomérations indigènes.



Il semble alors que la solution pourrait être de contrôler l'ampleur de dissémination d'une future pandémie à ses

125

de Covid-19 são maiores entre negros e hispano-americanos nos Estados Unidos por conta dos espaços que esses grupos habitam (zonas periféricas de baixa infraestrutura). Ela comprova como a transmissão do Corona vírus está relacionado com a exposição à poluição do ar, ou seja, a qualidade do ar é fator de aumento dos casos. Não coincidentemente no Brasil, Manaus, uma zona de clima quente e pouca ventilação, é líder em fatalidades.



Não diferente de outras epidemias recentes (gripe espanhola, gripe suína, salmonela, etc), a Covid-19 está correlacionada ao consumo de produtos de origem animal. A cidade de Duplin, Estados Unidos, conforme aponta o documentário *Cowspiracy*, possui elevada taxa de mortalidade infantil, asma e câncer, devido à proximidade à um criadouro de porcos, um problema da falta de planejamento urbano e sanitário e da segregação dessa população, em maior parte afrodescendente. Não podemos continuar ignorando que os “espaços periurbanos” sejam não somente um grave problema estético e instigador da especulação imobiliária, mas um problema de saúde pública. O mesmo pode ser atestado para a inserção de áreas industriais ou à extração de minérios pesados às margens próximas de nossas cidades ou assentamentos indígenas.

BR

débuts, grâce à une architecture saine et renouvelable, bien avant d'implanter puis d'éliminer les indispensables dispositifs d'isolement social propres à chaque vague. Nous devons, avant tout, repenser l'organisation de nos villes et leurs activités, définir des modèles d'occupation individuelle plus compacts et porteurs de bien-être, des occupations d'espace public plus centrées sur la spatialité entre les individus, la bonne circulation de l'air et l'éclairage naturel, ainsi que la réévaluation des orientations de notre plan directeur afin de garantir une utilisation plus consciente des espaces.



Certaines stratégies se basent par exemple sur la substitution de la climatisation artificielle par des techniques de ventilation naturelle suivant les modèles vernaculaires; inclure des balcons et des terrasses aux projets; l'introduction de parcs internes et de ceintures vertes aux frontières urbaines pour le renouvellement de l'air; privilégier les trottoirs amples; repenser la distribution des centres de services publics ainsi que le transport collectif, dans le but d'éviter la densité de la population; garantir le droit d'accès à la ville des habitants des zones périphériques, et la distribution de services et d'assainissement dans sa région; la délimitation des zones rurales et industrielles; la fin des encouragements fiscaux à l'élevage de bétail, qui stimulent les spéculateurs immobiliers à régulariser et occuper des parcelles de zones

126

Parece, portanto, que a chave poderia estar em controlar a larga escala de disseminação de uma futura pandemia em seu início através de uma arquitetura salubre e renovável, muito antes de meramente implementar e depois descartar os indispensáveis dispositivos de distanciamento social a cada crise. Precisamos acima de tudo repensar a organização de nossas cidades e nossas atividades nela, definir padrões de ocupação individual mais compactos e de maior bem-estar, e públicos mais preocupados com a espacialidade entre os indivíduos, a boa circulação do ar e iluminação natural, assim como reavaliar nossas diretrizes em plano diretor para garantir uso mais consciente dos espaços.



Algumas estratégias se baseiam por exemplo em substituir a climatização artificial por técnicas de ventilação natural de referência vernacular; incluir sacadas e terraços em projetos; a introdução de parques internos e cinturões verdes nas margens urbanas para renovação do ar; a preferência por calçadas amplas; repensar a distribuição dos postos de serviços públicos assim como o transporte coletivo, visando evitar o adensamento; garantia de direito dos habitantes das áreas periféricas à cidade, com acessibilidade de serviços e saneamento em sua região; o zoneamento das áreas rurais e industriais; o fim dos incentivos fiscais à criação de gado,

urbaines pour l'élevage d'animaux sans aucune planification sanitaire. C'est le moment de repenser la manière dont nous avons l'habitude de vivre et lutter pour la réglementation et l'incitation de ses nouveaux modèles. Nous devons repenser nos édifications à la lumière de nos racines ancestrales; nos villes dans une perspective plus ample, qui considère la sphère globale des aspects socioculturels, infrastructuraux, naturels, politiques et économiques de la zone urbaine en question, surtout où il existe encore une urbanisation croissante (pays en développement); et nos habitudes individuelles dans ses espaces d'une manière plus consciente, renouvelable et empathique.

127

que levam os especuladores imobiliários à regularizar e ocupar ociosamente lotes em áreas urbanas com a inserção dos animais no espaço, sem qualquer planejamento sanitário. Esse é o momento de repensar a maneira com a qual estamos acostumados a viver, e lutar pela regularização e incentivo desses novos padrões. Precisamos repensar nossas edificações na raiz ancestral; nossas cidades através de uma perspectiva mais ampla, que considere o quadro geral dos aspectos socioculturais, infra estruturais, naturais, políticos e econômicos da área urbana em questão, especialmente naqueles onde ainda há crescente de urbanização (países em desenvolvimento); e nossos hábitos individuais dentro desses espaços de uma maneira mais consciente, sustentável e empática.

FENÊTRE SUR RUE

Alexandre Selig

Lorsque le monde extérieur se réduit subitement à la portée visuelle d'une ou deux fenêtres donnant sur la rue, tout élément du décor urbain revêt soudainement une signification inédite. Les colosses immeubles autrefois blocs grossiers montrent désormais le raffinement de leurs habits. Combien de fois, combien de temps, mon regard prisonnier a-t-il caressé les aspérités de la façade travaillée de mon vis-à-vis ? La contemplation au temps long m'a révélé une balustrade esseulée au rez-de-chaussée, des encadrements de fenêtre sculptés et des fers forgés aux motifs compliqués différents à chaque étage. Des tuiles noires percées de fenêtres, posées comme un feutre sur la tête de l'édifice, complètent la silhouette élégante et étudiée du bâtiment haussmannien que je croisais tous les jours sans y accorder une once d'attention. Une mince bande de ciel bleu arrive péniblement à s'ériger plus haut que l'ensemble de pierre et d'ardoise pour toucher ma rétine. Jouxtant le gentleman du Second Empire s'étale le chantier de construction interrompu d'un jeune lot de bureaux dynamiques. Le ballet des ouvriers s'agitant dans une confusion ordonnée de bruits et de poussière a laissé place à un écorché géant exposant son squelette de béton et ses veines de câbles électriques.

128

Je me tiens dans mon immeuble comme je me tiens dans mon corps. Je peux étudier le raffinement des bâtiments

Paris, FR

rua de Tolbiac, 30,
apto.29, 2º andar

le temps
d'une limonade

JANELA PARA A RUA

Alexandre Selig

Quando o mundo exterior se reduz de repente ao alcance visual de uma ou duas janelas que dão para a rua, todo e qualquer elemento do cenário urbano se reveste subitamente de um significado inédito. Os edifícios colossais, outrora blocos grosseiros, mostram agora o requinte de suas vestes. Quantas vezes, quanto tempo meu olhar prisioneiro acariciou as asperezas da fachada trabalhada com meu cara-a-cara? A contemplação prolongada me revelou uma balaustrada solitária no piso térreo, esquadrias de janela esculpidos e ferros forjados com motivos elaborados, diferentes em cada andar. Telhas negras perfuradas de janelas, colocadas como um feltro sobre o alto do edifício, completam a silhueta elegante e estudada dessa construção haussmanniana pela qual eu passava todos os dias sem dar a mínima atenção. Uma estreita faixa de céu azul consegue se erger com dificuldade mais acima do conjunto de pedra e de ardósia, para tocar minha retina. Ao lado do cavalheiro do Segundo Império, vai se espalhando o canteiro de obra interrompido, de um recente lote de escritórios dinâmicos. O balé de operários se agitando numa confusão ordenada de ruídos e de pó deu lugar a um esfolado gigante que expõe o esqueleto de concreto e suas veias de cabos elétricos.

Permaneço em meu prédio como permaneço em meu corpo.



alentour mais il m'est impossible de savoir à quoi ressemble ma propre façade. De la fenêtre, mon horizon n'est que rue. Une foule d'édifices est alignée sagement de part et d'autre de la scène formée par une bande de bitume noir aux lignes blanches, foulée seulement par quelques acteurs timides rejouant à l'infini les fragments de notre quotidien perdu. De grands arbres sont plantés à intervalles réguliers le long des trottoirs. Les habitants de leur feuillage remplissent désormais seuls l'espace sonore libéré de la chaussée. Un sophora du Japon donne sur ma fenêtre et m'assure un îlot d'intimité à l'exception de voisins impromptus en l'espèce d'un couple de pigeons ayant élu résidence dans les branchements au sein desquels s'édifie brindille à brindille leur nid.

Mon regard glisse à nouveau sur la façade du bâtiment d'en face et tombe dans celui de l'un des habitants du 3^e qui me fait signe. Nous n'étions qu'une somme d'individus anonymes qui se découvraient à la dérobée, la nuit, à la faveur des éclairages intérieurs. Nous nous sommes mis ensemble, par la force des choses, à peupler nos microscopiques balcons où une seule chaise déjà bloque l'ouverture de la porte-fenêtre. Nous sommes désormais une somme d'individus anonymes qui se reconnaissent et se saluent. Nous découvrirons notre existence commune qui a pourtant toujours été. Cet ensemble de personnages orne l'immeuble comme des

129

Paris, FR

30 rue de Tolbiac,
app. 29, 2^e étage

saboreando
uma limonada

Consigo estudar o requinte dos prédios das redondezas, mas é impossível saber como é minha própria fachada. Da janela, meu horizonte não passa de uma rua. Uma multidão de edifícios está alinhada, comportadamente, de um lado e de outro do palco formado por uma faixa de asfalto negro com listas brancas, pisada por uns poucos atores tímidos recriando ao infinito os fragmentos de nosso infinito perdido. Grandes árvores foram plantadas a intervalos regulares ao longo das calçadas. Os habitantes de sua folhagem enchem agora sozinhos o espaço sonoro liberado da rua. Uma acácia do Japão se debruça sobre minha janela e me garante uma ilhota de intimidade, sem vizinhos espontâneos, no caso um casal de pombos que decidiu morar no emaranhado de galhos dentro do qual eles vão construindo ramo a ramo seu ninho.



Meu olhar desliza uma vez mais sobre a fachada do prédio da frente e cai sobre o de um morador do 3º andar, que acena. Nós éramos tão somente uma soma de indivíduos anônimos que descobriam uns aos outros em momentos furtivos, à noite, revelados pela iluminação ambiente. Pela força das coisas nós nos juntamos, povoando nossos microscópicos balcões, onde uma única cadeira já bloqueia a abertura da porta-balcão. Nós somos agora uma soma de indivíduos anônimos que se reconhecem e se cumprimentam.

BR

figurines dans une maison de poupées et leur présence embellit chambranles et frontons. Je remarque l'épigraphe gravé dans la pierre et y vois la signature de l'artiste qui a dressé ce tableau. Je connais tous leurs visages sans jamais avoir entendu leurs voix. Les reconnaîtrait-je sans leur profil familier de statuette, en les croisant dans la rue ?



130

Paris, FR

rua de Tolbiac, 30,
apto.29, 2º andar

le temps
d'une limonade

Nós descobrimos nossa existência comum, que no entanto sempre existiu. Esse conjunto de personagens ornamenta o edifício como pequenas figuras numa casa de bonecas e sua presença embeleza caixilhos e frontões. Eu noto a epígrafe gravada na pedra e vejo nela a assinatura do artista que esboçou esse quadro. Eu conheço todos os rostos, sem jamais ter sequer ouvido suas vozes. Será que vou reconhecer seu perfil familiar de estatueta, ao cruzá-los na rua?



FR



131

Paris, FR

30 rue de Tolbiac,
app. 29, 2^e étage

saboreando
uma limonada



BR

ZOOMS:

02 ENTRETIENS

03 ARCHITECTES

ZO

02 ENTREVISTAS

03 ARQUITETOS

ZOOMS: 02 ENTREVISTAS



ZOOMS:
02 ENTREVISTAS
03 ARQUITETOS

Le vendredi 13 mars 2019, l'architecte brésilien Pedro Varella nous donnait rendez-vous dans le 19^e arrondissement de Paris, où il achevait une résidence de deux semaines dans les ateliers de création du 104. Nous avons eu la chance de découvrir, en avant-première, le fruit du travail qu'il menait alors avec la chorégraphe française Julie Desprairies, dans le cadre du festival séquence-danse. ● Leur projet performatif consistait en un dispositif mobile et reconfigurable constitué d'objets usuels nécessaires au fonctionnement du lieu : bancs, transats, pancartes, plots, bornes signalétiques, échelles, cordes, barrières, pupitres, etc. ● Récupérés in-situ, certains de ces objets étaient fixés sur roulettes pour l'occasion. Le dispositif devait être activé par une troupe de performeurs, dans l'ensemble des espaces intérieurs et extérieurs du bâtiment. ● Quelques jours plus tard, le lundi 16 mars, et alors que l'installation devait être inaugurée le jour même, le gouvernement français annonçait le confinement sur l'ensemble de son territoire. Pedro Varella réservait le premier vol pour Rio, le 104 fermait ses portes, l'installation était reportée. C'est à partir de ce projet avorté, qui résonne de manière particulièrement déroutante avec la situation qui se profilait et les thématiques soulevées par le concours d'écriture *Traversées*, que nous avons souhaité prolonger la discussion avec un jeune architecte dont la production engage des réflexions fondamentales à l'aune de la situation que nous traversons en France et au Brésil.

134

Pedro Varella

gru.a

6 octobre 2020

FR: 19h00 / BR: 15h00

entretien mené par
Fabien Goutelle et Clémentin Rachet

FR

● 614

Nous souhaitions dans un premier temps t'interroger sur l'expérience du confinement au Brésil, ainsi que sur ton expérience personnelle. Est-ce que le confinement est encore d'actualité à Rio ? Comment t'organises-tu pour mener à bien tes différentes activités ?

● PV

La situation est toujours très précaire ici ; c'est assez peu clair en fin de compte. Il n'existe pas de mesures nationales à proprement parlé, les Brésiliens ont le droit de se rendre au travail, de se déplacer librement, chacun se responsabilise à sa manière. C'est très différent de la situation en France à cet égard. Les régions ont un poids prédominant au Brésil et gèrent, chacune à leur manière, la crise sanitaire. Il est donc compliqué de parler de la gestion sanitaire d'un point de vue national. Je dirais qu'à Rio de Janeiro, où j'habite, environ un tiers des 8 millions d'habitants doit être confiné en ce moment, principalement les personnes les plus à risque, notamment les personnes âgées. Pour le reste de la population, la vie est relativement normale, les gens sont libres de vivre comme ils l'entendent. La situation reste très ambiguë, avec d'un côté un clivage fort entre des manières de gérer individuellement cette crise, et, de l'autre, une activité économique extrêmement fragilisée : beaucoup de magasins sont fermés, les restaurants n'ont pas les moyens de maintenir leur activité par manque de clientèle. Il faut avoir en tête que plus de 60% de la population ne dispose pas de système d'eaux usées sanitaires. Vous imaginez ce que représente une crise sanitaire comme celle-ci dans un tel contexte. On essaye néanmoins de continuer à vivre, de se réinventer. En tant qu'architectes, on essaye coûte que coûte de poursuivre les projets que nous avions engagés, même de manière fragmentée et avec les contraintes qui sont les nôtres aujourd'hui. On travaille principalement sur de petits chantiers et des projets artistiques en ce moment. Je crois que cette situation a déjà eu un impact considérable sur la manière dont nous travaillons et sur les projets que nous développons. On vient justement de participer à une exposition au sein du Musée d'Art de Rio, le MAR, un des plus importants musées d'Art contemporain au Brésil. C'est un projet sur

lequel nous avons travaillé au printemps dernier, au moment de l'émergence de la pandémie au Brésil. Dans le cadre de cette exposition, qui s'intitule *Casa Carioca* – « Maison de Rio » en français –, nous avons décidé d'installer une fontaine d'eau potable, permettant de boire, de se laver les mains, de rendre accessible ce bien de première nécessité. Le projet s'appelle *BICA*, qui signifie « fontaine ». L'exposition vient d'ouvrir ses portes et durera un an. En raison du contexte, seules 30 personnes maximum peuvent s'y rendre simultanément ; ce n'est pas vraiment l'expérience habituelle d'une exposition mais c'est une manière de s'adapter à la situation.

● 614

Ce projet est-il le fruit d'une commande reçue pendant la pandémie ? Aviez-vous au contraire été sollicité en amont, et ainsi adapté votre projet à l'aune de ce contexte si particulier ?

● PV

Le projet d'exposition au MAR datait d'avant le confinement, on a commencé le travail avant la pandémie et quand la crise sanitaire s'est installée à Rio, l'ouverture de l'exposition a, d'emblée, été repoussée. Le Musée nous a incité à continuer de travailler sur le projet, en l'adaptant si nécessaire à cette situation inédite. En octobre, ils nous ont annoncé l'ouverture de l'exposition. C'est donc un projet qui a germé durant la pandémie, et qui a beaucoup évolué à l'aune de la situation sanitaire au Brésil. Le projet n'a pas seulement évolué en raison des mesures sanitaires imposées, mais aussi parce que cette crise a changé la façon dont on voit la société, et dont on perçoit le rôle des centres culturels.

● 614

Est-ce que cette situation modifie également des choses dans vos processus de travail, avec tes collaborateurs ou avec tes clients ? Et est-ce que vous pensez pouvoir tirer profit de certaines de ces reconfigurations pour la suite de votre activité ?

● PV

Oui, bien sûr, notre organisation interne est complètement modifiée. Je ne suis pas physiquement à l'agence ces temps-ci par

135

exemple, je reste chez moi. On pourrait dire qu'on a appris à communiquer virtuellement, à faire des rendez-vous à distance, ça a permis d'accentuer un processus de déma-térialisation qui était déjà à l'œuvre avant la pandémie. À titre personnel, cela m'a surtout permis de me rendre compte de l'importance d'être ensemble, l'importance du face à face. L'espace virtuel est radicalement différent, on ne peut pas parler en même temps, on a parfois un délai entre les interventions des participants : tout cela change beaucoup de choses dans la nature de l'échange.

Les rapports sont différents à distance quand on ne voit pas, par exemple, les réactions faciales de ses interlocuteurs.

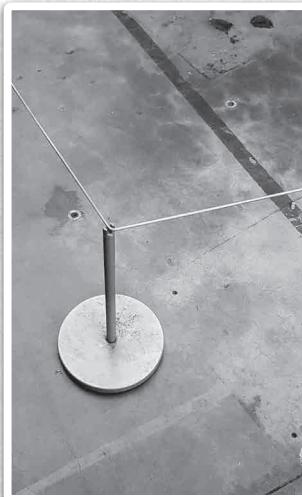
Ce sont des choses subtiles mais déterminantes. Cette situation m'a donc permis de prendre conscience de la valeur des rendez-vous présentiels. Je crois que dans quelques mois, lorsque l'on sera à nouveau à l'agence, on appréhendra différemment ces rendez-vous. On leur donnera plus d'importance. Si le processus de virtualisation est inévitable à terme, il n'est pas inéluctable, je crois, d'abandonner pour autant la relation physique. Il faut conserver ces espaces de rencontre et d'échange.

614

C'est une transition toute choisie pour parler de ta performance au 104, et du rapport physique entre les corps que tu interroges via le dispositif que tu as mis en place. A posteriori, cette performance résonne étrangement avec la situation qui se profilait : il y était question de gestion de flux, de régulations des circulations, de la présence d'objets coercitifs dans l'espace public, etc.

PV

C'est amusant, en effet, je crois que ce projet se transforme au regard de la pandémie. Pour cette proposition au 104, nous avions travaillé avec Julie Desprairies sur une installation d'objets urbains, presque « techniques » : des panneaux de signalisation, du mobilier, qui reconfigurent



l'espace du 104. Ces éléments, représentatifs de la mobilité, du nomadisme, de la fluidité, de la vie et des usages du lieu, étaient disposés dans la cour de l'horloge du centre culturel, délimités par du scotch de signalisation au sol. Ils étaient répartis au sein de ce grand espace, circonscrit dans des sous-espaces eux aussi matérialisés par le scotch. Une partie de ces objets, qui ne peuvent généralement pas se déplacer sans des efforts considérables, trouvaient dans ce cadre d'autres fonctions en raison de leur apparente légèreté. Une partie était équipée de roulettes. Julie et moi étions intéressés par cette contradiction entre les notions de contrôle et de liberté. Une sorte de zoo d'objets urbains quotidiens à la fois génératrice d'une spatialité, et soumis au bon vouloir des usagers.

614

Ce qui nous a le plus frappés en revoyant les photos de l'exposition, c'est en effet ce ruban adhésif rouge et blanc au sol qui, d'une certaine manière, imposait et préfigurait une distanciation entre les objets.

PV

Bien sûr, lorsque l'on a appris que l'exposition au 104 était annulée et que la France allait se confiner, on s'est dit avec Julie qu'il fallait qu'on réalise ce projet, même sans le public. Bien que le 104 soit fermé et donc inaccessible au public, on voulait donner à voir ce projet, le filmer, le documenter, pour exploiter cette matière qui résonnait si directement avec la situation sanitaire. Ça n'a malheureusement pas été possible, nous n'avons pas eu accès au centre culturel. Mais je suis entièrement d'accord avec vous, ce travail a presque pris une dimension plus forte à l'aune du confinement, les thématiques abordées par ce travail se sont en quelque sorte déplacées du 104 vers l'espace urbain. Tous les jours on voit de nouveaux dispositifs de contrôle dans la rue, dans les

bâtiments, les restaurants, etc. En tant qu'architecte, concepteur d'espaces, on a besoin de temps pour penser, pour concevoir les projets, pour améliorer les dispositifs spatiaux qui font partie de notre quotidien. En ce moment, on se doit d'être particulièrement attentifs pour trouver des solutions qui ne proviennent pas forcément « d'en haut », mais qui émergent des usagers. Cette intelligence du banal, de l'ordinaire, qui normalement ne fait pas partie du répertoire traditionnel des écoles d'architectures, constitue un enseignement majeur pour la pratique du projet architectural. Par exemple, dans un projet réalisé à Rio récemment, on s'est beaucoup intéressés aux systèmes de pédale qui actionnent les distributeurs de gel hydro alcoolique. Il existe une technologie du banal qui se révèle en raison de la situation sanitaire, et je trouve que c'est un sujet crucial pour tous les concepteurs, architectes, designers, écrivains, artistes, etc. Il est indispensable de prêter attention à l'intelligence qui se dégage de ce type d'objet anodins, qu'on peut mobiliser autrement.

● 614

Penses-tu qu'il est possible de mener cette réflexion à l'échelle d'un bâtiment ? L'architecture peut-elle aussi s'appuyer sur ces dispositifs ordinaires pour se réinventer ?

● PV

Contrairement aux objets du quotidien et aux dispositifs qu'on évoquait, le projet architectural s'inscrit dans une temporalité vaste. On passe généralement une, voire plusieurs années, sur la conception d'un projet architectural. La pandémie laissera bien sûr des traces sur la manière de construire la ville, de concevoir les projets et rien ne laisse penser que l'architecture ne subira pas le même sort que les objets du quotidien. Néanmoins, l'architecture doit composer avec tout un tas de facteurs extérieurs. Au Brésil, par exemple, l'architecture est ouverte, fluide, l'air circule abondamment. Il n'y a pas de nécessité à rendre

hermétique les édifices, avec du double vitrage par exemple, ou d'importants systèmes de chauffage. On a des caractéristiques architecturales, propres au climat tropical, qui sont déjà relativement efficaces face à une pandémie. Je pense pourtant que certaines choses vont changer oui, mais que ça prendra du temps. Au-delà des caractéristiques techniques des bâtiments, on s'est aussi rendu compte de l'importance dans les projets architecturaux d'offrir aux habitants un morceau de ciel depuis les logements, un accès direct au soleil, une superficie suffisante. Lorsqu'on est confiné, on se rend compte, souvent pour la première fois, de la trajectoire du soleil, de la direction du vent, de l'espace et de l'environnement qui nous entourent au quotidien.

● 614

Est-ce que le confinement a changé l'appréhension que tu avais de ton espace domestique ?

137

● PV

Je crois que la vie contemporaine, du moins pour ceux qui s'inscrivent dans un schéma « métro, boulot, dodo », avec une forte dominance du travail, laisse peu de place et peu de temps à l'observation des choses qui nous entourent. On ne se rend pas vraiment compte de l'impact qu'à l'architecture sur notre quotidien, en fonction de l'organisation des espaces, des objets, du mobilier. On a besoin de temps pour



réaliser ça pleinement. On a besoin d'éprouver le même espace à travers plusieurs temporalités : la nuit, la journée, en fonction des saisons, pour comprendre comment il peut interagir avec le soleil par exemple. Lorsque l'on sort un peu de ce schéma routinier, comme c'est le cas en ce moment en raison de la crise sanitaire, on se retrouve face à des objets et des espaces dans des situations extraordinaires. On se retrouve dans notre chambre à des horaires inédits. C'est très important, en tant que concepteur, de comprendre la temporalité des choses et des espaces. Ce temps offert par le

confinement nous permet donc de comprendre davantage la dimension temporelle de l'architecture. L'architecture n'est pas statique, l'architecture est en rapport constant avec le temps, et c'est pour moi la leçon la plus importante de ce contexte si particulier.

● 614

Sur cette notion de temporalité en architecture, on constate que vous travaillez beaucoup sur des projets qui ont justement des temporalités marquées : des festivals, des installations éphémères, des projets d'aménagement de bars etc. Vous approchez aussi la discipline à travers des résidences artistiques, qui tirent leur origine aussi bien du champ de la performance et de l'expérimentation, que du

champ plus académique de la recherche.

138

● PV

On travaille en effet ces différentes dimensions de la pratique architecturale, et c'est un parti-pris fort de notre part. Au Brésil, il faut dire que c'est inhabituel de voir des architectes travailler de manière aussi transversale. Les architectes font des projets d'architecture à proprement parlé : conception, construction, chantier, etc. De notre côté, on essaye délibérément de s'émanciper de ce schéma, pour des raisons économiques également. Il nous est arrivé par exemple de passer des années à travailler sur des projets qui n'ont finalement pas vu le jour : c'est très frustrant et très contraignant, pour n'importe quel praticien. C'est aussi une volonté forte de notre part, une façon de détourner ces problématiques comme autant d'atouts pour notre pratique. J'ai étudié dans une école d'art en parallèle de mes études d'architecture, et je me suis rendu compte que le milieu de l'art contemporain bénéficiait d'outils que je pouvais également investir dans le champ architectural.

La question du temps est à nouveau fondamentale. Dans le champ artistique,



on peut l'appréhender de mille manières différentes. On peut par exemple faire un projet artistique autour d'une bougie, pendant 10 min, ou sur une journée entière. On peut documenter cette performance et conférer au projet une temporalité bien plus vaste. J'ai l'impression que cette approche est riche d'enseignement pour l'architecture. On s'est rendu compte que le fait de s'approprier des outils artistiques et de les transposer au champ architectural nous permettait d'exercer, tout en questionnant les temporalités des projets. La pratique quasi éphémère, c'est-à-dire la performance s'inscrivant dans une temporalité très brève – un jour, quelques semaines – peut être qualifiée d'« architecture de courte durée ». Lorsque l'on conçoit des projets d'architecture « traditionnels », on peut aussi incorporer certaines stratégies de cette « architecture de courte durée ». On peut considérer que dans l'architecture classique, il existe une multitude d'architectures de courte durée, c'est donc une source de richesse illimitée pour le projet. Pour revenir aux autres

dimensions que vous évoquez, on imagine notre pratique à partir de trois piliers interconnectés : la recherche, l'enseignement et la pratique du projet. On est systématiquement en train de déplacer des sujets entre ces trois piliers qui soutiennent notre pratique : de l'université vers la pratique, de la pratique vers la recherche, de la recherche vers l'enseignement, etc.

● 614

En ce qui concerne l'enseignement, justement : est-ce que la situation actuelle est devenue un sujet sur lequel tu as envie de faire travailler tes étudiants ? Est-ce au contraire un sujet duquel tu as envie de t'abstraire pour le moment ?

● PV

J'aime toujours discuter avec les élèves de la situation présente, quelle qu'elle soit. C'est un sujet de recherche et de débat

permanent. J'ai donc essayé de combiner un peu les deux façons de penser que vous évoquez. On échange beaucoup avec mes étudiants sur ce qu'il se passe dans la société, tous les jours pratiquement. On a essayé d'incorporer cette situation dans la thématique de projet sans obliger les étudiants à s'y cantonner. Il nous apparaissait en tout cas impossible de nier le contexte actuel et de ne pas l'incorporer d'une manière ou d'une autre dans leur enseignement. Je n'ai pas imposé à mes élèves un programme à partir de ce contexte comme « concevoir un hôpital temporaire » ou « imaginer des rues vertes » etc. Cette approche ne me convient pas. Je suis parti de la contextualisation, on a débattu sur la situation, et leurs projets devaient s'inscrire au cœur de cet échange. C'est un « vœux de confiance » envers les étudiants : une façon de leur transférer la responsabilité. Je pense qu'à travers cette approche, beaucoup de choses intéressantes émergent, des choses auxquelles je n'aurais moi-même pas pensé. On a par ailleurs commencé à se concentrer sur une méthode de projet à l'université qu'on appelle « projet-collage », initialement développée dans l'atelier de Diego Portas, à l'Université fédérale de Rio de Janeiro. On travaille avec des répertoires très précis, des architectures qui répondent à des problématiques dont on a envie de discuter, et on demande aux élèves de monter un répertoire de références, de tirer parti de l'intelligence de ces projets et de les recombiner dans quelque chose de nouveau. Les étudiants composent à partir d'une partie d'un bâtiment, d'un morceau d'un autre, d'une stratégie d'occupation territoriale, d'un projet urbain, etc. Ils combinent ces éléments et produisent leur projet à partir de ce collage. C'est une méthode qui répond à la nécessité de penser l'immédiat. Il est bien plus facile de travailler dans ce contexte avec des collages que de travailler avec une approche plus traditionnelle de projet, qui

se prête moins au contexte d'enseignement à distance.

614

En mars dernier, tu nous avais parlé d'un réseau d'architectes cariocas dont tu faisais partie, qui se proposait de réfléchir à de nouvelles manières de penser le projet architectural. Quel est l'état de vos réflexions dans ce contexte ?

PV

Ce réseau rassemble Diego Portas [C+P], Juliana Sicuro et Vitor Garcês [OCO], Alzirô Neto et Felipe Rio Branco [Gávea], Gregório Rosembusch et Laura Rosembusch [VENTA], et l'agence que je dirige avec Caio Calafate [gru.a]. Ce n'est pas toujours évident de dégager du temps pour penser et discuter tous ensemble. Le confinement a justement offert ce temps. On a donc instauré un rythme d'échanges hebdomadaires. On a beaucoup discuté durant cette période, et décidé d'initier un premier projet qui débuterait par une présentation de chacune des cinq agences composant le réseau. Cinq agences qui se connaissent bien, plus ou moins jeunes, et qui travaillent à Rio de Janeiro. La série de présentation des agences est fondée sur l'idée de fragments : comment, à partir d'un fragment d'un projet, peut-on parler d'un ensemble plus important ? Ça peut être, à titre d'exemple, de choisir telle jonction entre deux matériaux pour parler de l'idée de combinaison entre différentes temporalités. On a donc commencé à travailler de cette manière-là, c'était très stimulant, ça nous a mené vers des réflexions que nous ne soupçonnions pas.

139



Na sexta-feira 13 de março de 2019, o arquiteto brasileiro Pedro Varella nos concedeu uma entrevista no 19º distrito de Paris, onde ele concluía uma estada de duas semanas em ateliês de criação do 104. Nós tivemos a sorte de conhecer, em primeira mão, o fruto do trabalho feito por ele na ocasião com a coreógrafa francesa Julie Desprairies, no quadro do festival sequência-dança. ○ Seu projeto de performance consistia num dispositivo móvel e reconfigurável, composto de objetos usuais necessários ao funcionamento do local: bancos, espreguiçadeiras, letreiros, cones de sinalização, escadotes, cordas, barreiras, púlpitos etc. ○ Pegos no local, alguns desses objetos estavam fixos sobre rodízios ou rodinhas, para a ocasião. O dispositivo tinha que ser ativado por uma trupe de executantes, no conjunto dos espaços internos e externos do imóvel. ○ Alguns dias depois, em 16 de março, e exatamente no dia em que a instalação deveria ser inaugurada, o governo francês anunciava o confinamento na totalidade do território. Pedro Varella reservou o primeiro voo para o Rio de Janeiro, o 104 fechou as portas, a instalação foi adiada. E foi a partir desse projeto abortado, que ecoou de modo particularmente perturbador, com a situação que se prefigurava e os temas trabalhados pelo concurso de escrita *Travessias*, que nós quisemos prolongar a discussão com um jovem arquiteto cuja produção promove reflexões fundamentais, à luz da situação que atravessamos, na França e no Brasil.

140

Pedro Varella

gru.a

6 de outubro de 2020

FR: 19h00 / BR: 15h00

Entrevista feita por
Fabien Goutelle e Clémentin Rachet

BR

● 614

Num primeiro momento, nós gostaríamos de interrogá-lo sobre a experiência do confinamento no Brasil e também sobre a sua experiência pessoal. No Rio de Janeiro o confinamento ainda é um tema atual? Como você se organiza, para cumprir adequadamente suas diversas atividades?

● PV

Aqui a situação é sempre muito precária; afinal de contas, não está claro. Não há medidas de âmbito nacional, propriamente ditas, os brasileiros podem ir trabalhar, se deslocar livremente, cada um se responsabiliza ao seu modo. A esse respeito, é muito diferente da situação na França. No Brasil, as regiões têm um peso predominante e administram a crise sanitária cada uma à sua maneira. Por isso é complicado falar da gestão sanitária de um ponto de vista nacional, em escala do país como um todo. Eu diria que no Rio de Janeiro, onde eu vivo, cerca de 8 milhões de habitantes devem estar confinados atualmente, em especial a população de maior risco, as pessoas mais idosas. Quanto ao resto da população, a vida é relativamente normal, as pessoas podem viver como querem. A situação continua sendo ambígua, com, de um lado, uma clivagem bem pronunciada entre os modos de administrar individualmente essa crise e, de outro, uma atividade econômica extremamente fragilizada; muitas lojas estão fechadas, os restaurantes não têm meios de manter sua atividade, por falta de clientela. É preciso ter em mente que aqui no Rio de Janeiro mais de 60 % da população não dispõem sequer de sistema de esgoto. Vocês podem imaginar o que representa uma crise sanitária como a atual, num contexto como esse.

Mas nós continuamos tentando viver e nos reinventarmos. Enquanto arquitetos, nós tentamos a todo custo dar continuidade aos projetos que tínhamos iniciado, mesmo de modo fragmentado e com as imposições que são as nossas hoje. Neste momento, trabalhamos principalmente em obras menores e projetos artísticos. Eu penso que essa situação já teve um impacto considerável sobre a maneira como nós trabalhamos, assim como sobre os projetos que desenvolvemos. Acabamos justamente de participar de uma exposição no Museu de Arte do Rio, o MAR, um dos museus de arte contemporânea mais importantes do

Brasil. É um projeto no qual tínhamos trabalhado no primeiro semestre do ano, no momento de emergência da pandemia no Brasil. No quadro dessa exposição, que se intitula Casa Carioca, nós decidimos instalar uma fonte de água potável que permite beber, lavar as mãos, tornar acessível esse bem de primeira necessidade. O projeto se chama BICA, sinônimo de "fonte", em português. A exposição acaba de abrir as portas e terá um ano de duração. Em razão do contexto, só 30 pessoas, no máximo, podem entrar ao mesmo tempo; não é bem a experiência habitual de uma exposição, mas é uma maneira de se adaptar à situação.

● 614

Esse projeto é fruto de uma encomenda recebida durante a pandemia? Você tinha sido procurado anteriormente e acabou adaptando o projeto com base neste contexto tão particular?

● PV

O projeto no MAR datava de antes do confinamento, começamos o trabalho antes da pandemia e quando a crise sanitária se instalou, no Rio de Janeiro, a abertura da exposição foi adiada. O Museu nos incentivou a continuar o trabalho sobre o projeto, adaptando-o, se necessário, a essa situação inédita. Em outubro, nos anunciaram a abertura da exposição. Ou seja, foi um projeto que brotou durante a pandemia e que evoluiu dentro do quadro da situação sanitária no Brasil. Ele não evoluiu somente em razão das medidas sanitárias impostas, mas também porque essa crise mudou o modo como vemos a sociedade e como concebemos o papel dos centros culturais.

● 614

Essa situação também modificou as coisas nos seus processos de trabalho, com os colaboradores e clientes? E você pensa aproveitar algumas dessas reconfigurações na sequência de sua atividade?

● PV

Sim, com certeza, nossa organização interna se modificou completamente. Eu não estou fisicamente na agência atualmente, por exemplo, eu fico em casa. Podemos afirmar que aprendemos a comunicar virtualmente, a ter encontros à distância, o que permitiu acentuar um

141

processo de desmaterialização que já estava em curso antes da pandemia. Pessoalmente, isso possibilitou, sobretudo, que eu me desse conta da importância de estarmos juntos, da importância do face a face. O espaço virtual é radicalmente diferente, não dá para falar ao mesmo tempo, às vezes tem um vácuo entre as intervenções dos participantes: tudo isso muda muito as coisas, na natureza da troca. As relações são diferentes à distância, quando não se vêm as reações faciais dos interlocutores, por exemplo. São coisas sutis, mas determinantes e tudo isso se perde, nos contatos virtuais. Assim, essa situação possibilitou que eu tomasse consciência do valor dos encontros presenciais. Eu acredito que daqui a alguns meses, quando estivermos novamente na agência – eu espero – teremos aprendido esses encontros de outra forma. Daremos mais importância a eles. Se no longo prazo

142

o processo de virtualização é algo inevitável, nem por isso eu acredito que não seja inelutável abandonar a relação física. É preciso conservar esses espaços de contato e de troca.

614

É uma transição bem pensada para falar da sua performance no 104 e da relação física entre os corpos que você interroga por meio do dispositivo que você instaurou. Nós tivemos a sorte de ficar conhecendo essa instalação junto com você, em março último, antes da abertura ao público, que por causa da situação sanitária acabou não acontecendo.

A posteriori, essa performance ressoa de modo estranho, com a situação que se apresentou: passou a ser uma questão de fluxo, de regulações de circulações, da presença de objetos coercitivos no espaço público etc.

PV

Realmente é engraçado, eu penso que esse projeto vem se transformando ao sabor da pandemia. Para essa proposta no 104 nós tínhamos trabalhado com Julie Desprairies numa instalação de objetos



urbanos quase “técnicos”: placas de sinalização do mobiliário que reconfiguram o espaço do 104. Esses elementos, representativos da mobilidade, do nomadismo, da fluidez, da vida e dos usos do local, foram dispostos no pátio do relógio do centro cultural, delimitados por uma fita adesiva sinalizadora no chão. Eles tinham sido divididos, naquele grande espaço, circunscrito em subespaços também materializados pela fita adesiva de sinalização. Uma parte desses objetos, que em geral não podem ser deslocados sem um esforço considerável, encontraram naquele espaço outras funções, em razão de sua aparente leveza. Uma parte deles tinha sido equipada com rodinhas ou rodízios. Júlia e eu estávamos interessados naquela contradição entre as noções de controle e de liberdade. Uma espécie de zoo de objetos urbanos cotidianos, gerador de uma espacialidade e, ao mesmo, tempo, submetido ao querer dos usuários. As performances estavam inicialmente previstas no interior desse dispositivo, mas infelizmente acabaram não acontecendo.

614

O que mais nos impressionou, ao rever as fotos da exposição, foi na verdade aquela fita adesiva com listras vermelhas e brancas no chão, que de certa maneira impunha e prefigurava um distanciamento entre os objetos.

PV

Sim, isso mesmo. Quando ficamos sabendo que a exposição no 104 tinha sido anulada e que a França ia se confinar, Julie e eu decidimos realizar o projeto mesmo sem público. Apesar de o 104 ter sido fechado e, portanto, tornado inacessível ao público, nós quisemos que o projeto fosse visto, filmado, documentado, para explorar esse material que ecoa de maneira tão direta a situação sanitária. Infelizmente isso não foi possível, nós não pudemos ter acesso ao centro cultural. Mas eu concordo inteiramente com você, esse trabalho assumiu quase que uma dimensão mais forte, à luz do confinamento. De certa forma, as temáticas abordadas por ele se deslocaram

do 104 para o espaço urbano. Todos os dias vemos novos dispositivos de controle na rua, nos prédios, nos restaurantes etc. Enquanto arquitetos, alguém que concebe espaços, é preciso tempo para pensar, para conceber os projetos, para melhorar os dispositivos espaciais que fazem parte de nosso cotidiano. Neste momento, devemos estar particularmente atentos para encontrar soluções que não veem forçosamente "de cima", mas que emergem dos usuários. Essa inteligência do banal, do ordinário, que normalmente não faz parte do repertório tradicional das escolas de arquitetura, constitui um ensinamento de primeira grandeza para a prática do projeto de arquitetura. Por exemplo, num projeto realizado no Rio de Janeiro recentemente nós focamos o sistema de pedal que aciona os distribuidores de gel hidroalcoólico. Existe uma tecnologia do banal que se revela em razão da situação sanitária e eu acho que é um tema crucial para todos os conceptores, arquitetos, designer, escritores, artistas etc. É indispensável prestar atenção à inteligência que emana desse tipo de objetos anódinos e que podemos mobilizar de outra forma.

● 614

Para você, é possível realizar essa reflexão em escala de um prédio? Esses dispositivos têm, ao contrário, vocação para ficarem confinados ao campo do mobiliário? A arquitetura também pode se reinventar a partir do suporte desses dispositivos ordinários?

● PV

Contrariamente aos objetos do cotidiano e aos dispositivos dos quais falávamos, o projeto de arquitetura se inscreve numa temporalidade ampla. Em geral, passa-se um ano, quando não vários, na concepção de um projeto. A pandemia vai seguramente deixar marcas na maneira de construir a cidade, de conceber os projetos e nada permite pensar que a arquitetura não vai sofrer o mesmo destino que os objetos do cotidiano. Todavia, a arquitetura deve se



combinar com toda uma série de fatores externos. No Brasil, por exemplo, ela é aberta, fluida, o ar circula em abundância. Não existe a necessidade de tornar os edifícios herméticos, por exemplo com vidros duplos, ou sistemas importantes de aquecimento. Nós temos características arquiteturais típicas de um clima tropical, que já são relativamente eficazes frente a uma pandemia. Mesmo assim, eu penso que determinadas coisas vão realmente mudar, mas vai levar tempo. Além das características técnicas dos prédios, também nos demos conta da importância, nos projetos de arquitetura, de oferecer aos habitantes um pedaço de céu visto de dentro dos apartamentos,

143

um acesso direto ao sol, uma superfície suficiente. Quando se está confinado se percebe, com frequência pela primeira vez, da trajetória do sol, da direção do vento, do espaço e do ambiente natural que nos cercam no dia-a-dia.

● 614

O confinamento mudou o modo de apreensão de você tinha do seu espaço doméstico?

● PV

Eu penso que a vida contemporânea, ao menos para quem se inscreve num esquema "transporte, trabalho, cama", a correria do dia-a-dia, com uma forte predominância do trabalho, deixa pouco espaço e pouco espaço de observação das coisas que nos cercam. Não nos damos realmente conta do impacto da arquitetura sobre nosso cotidiano, em função da organização dos espaços, dos objetos, do mobiliário. É preciso tempo para perceber isso plenamente. Temos necessidade de vivenciar o mesmo espaço através de várias temporalidades: durante o dia, durante a noite, em função das estações do ano, para entender como o morador pode interagir com o sol, por exemplo. Quando saímos um pouco do esquema rotineiro, como é o caso neste momento, por causa

da crise sanitária, nos vemos frente a objetos e espaços em situações extraordinárias. Nos vemos em nosso próprio quarto em horários inéditos. É extremamente importante, enquanto conceptores, compreender a temporalidade das coisas e dos espaços. Assim, esse tempo propiciado pelo confinamento nos permite entender melhor a dimensão temporal da arquitetura. Ela não é estática, ela está em relação constante com o tempo e para mim essa é a lição mais importante desse contexto tão particular.

● 614

Sobre essa noção de temporalidade em arquitetura, constatamos que você trabalha muito em projetos

que têm temporalidades bem marcadas: festivais, instalações

efêmeras, projetos de criação de bares etc. Dessa forma, você tem uma abordagem da disciplina através de residências artísticas oriundas tanto do campo da performance e da experimentação, quanto da esfera mais acadêmica, da pesquisa.

● PV

Realmente, trabalhamos essas diferentes dimensões da prática arquitetural e isso é um ponto indiscutível, para nós. No Brasil, vale dizer, não é habitual ver arquitetos trabalharem de modo tão transversal. Aqui, em geral a profissão de arquiteto é considerada de um modo bem tradicional. Os arquitetos fazem projetos de arquitetura enquanto tal: concepção, construção, canteiro de obras etc. Quanto a nós, deliberadamente tentamos nos emancipar desse esquema, também por razões econômicas. Já nos aconteceu, por exemplo, de passar anos trabalhando em projetos que afinal não se concretizaram: é muito frustrante e muito coercitivo, para qualquer profissional. E nós também temos esse desejo forte, um jeito de desviar essas problemáticas, como trunfos para nossa prática. Eu estudei numa escola de arte, paralelamente à faculdade de arquitetura e me dei conta que o meio de arte contemporânea tinha ferramentas às quais eu



também poderia recorrer, no campo da arquitetura. A questão do tempo é, uma vez mais, fundamental. No campo artístico, ele pode ser apreendido de mil maneiras distintas. Dá, por exemplo, para fazer um projeto artístico em torno de uma vela, durante 10 minutos ou um dia inteiro. E, então, pode-se documentar essa performance e conferir ao projeto uma temporalidade bem mais ampla. Tenho a impressão que essa abordagem pode ter incontáveis ensinamentos para a arquitetura. Nós nos demos conta que o fato de se apropriar de ferramentas artísticas e transpô-las para o campo da arquitetura nos permitia o exercício da prática fazendo o questionamento das temporalidades dos projetos. A prática quase que efêmera, ou seja,

a performance se inscrevendo numa temporalidade extremamente breve – um dia, algumas semanas – pode ser qualificada de “arquitetura de curto prazo”.

Quando se concebem projetos de arquitetura “tradicionais” também é possível incorporar certas estratégias dessa “arquitetura de curto prazo”. Podemos considerar que na arquitetura clássica existe uma miríade de arquiteturas de curto prazo, o que é uma fonte de riqueza ilimitada para o projeto.

Para voltar às outras dimensões que você mencionou, nós imaginamos nossa prática a partir de três pilares interconectados: a pesquisa, o ensino e a prática do projeto. Estamos sistematicamente deslocando os temas entre esses três pilares que dão sustentação à nossa prática: da universidade à prática, da prática à pesquisa, da pesquisa ao ensino etc.

● 614

Justamente, no que diz respeito ao ensino: a situação atual se transformou num tema que você gostaria de tratar com seus alunos? Ou, ao contrário, é um assunto do qual você prefere fazer abstração, por enquanto?

● PV

Eu gosto de sempre de discutir com os

alunos a situação do momento, qualquer que seja ela. Esse é um tema permanente de pesquisa e de debate. Por isso tentei combinar um pouco os dois modos de pensar aos quais você se referiu. É muito frequente essa troca com os alunos sobre o que acontece na vida social, praticamente todos os dias. Tentamos incorporar essa situação à temática do projeto, sem obrigar os estudantes a se aterem estritamente a ela. Há múltiplas maneiras de abordar a questão. De todo modo, para nós pareceu impossível negar o contexto atual e não incorporá-lo ao ensino, de um jeito ou de outro. Eu não impus aos meus alunos um programa a partir desse contexto, algo como “conceber um hospital temporário”, ou “imaginar ruas verdes” etc. Esse tipo de abordagem não me convém. Meu ponto de partida foi a contextualização, nós debatemos a situação e os projetos dos alunos deveriam de se inscrever no cerne dessa troca. É um “voto de confiança” dado a eles: um modo de transferir a responsabilidade para eles. Eu penso que por meio dessa abordagem emergem muitas coisas interessantes, coisas que eu mesmo não tinha pensado. Aliás, começamos a nos concentrar num método de projeto, na universidade, que chamamos de “projeto-colagem”, inicialmente desenvolvido no ateliê de Diego Portas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trabalhamos com repertórios muito precisos, de arquitetos que dão uma resposta a problemáticas que queremos tratar, e pedimos aos alunos que mostrem um repertório de referências, tirando partido da inteligência desses projetos e combinando-os a algo novo. Os alunos compõem a partir de uma construção, de um pedaço de outra, de uma estratégia de ocupação territorial, de um projeto urbano etc. Eles combinam esses elementos e produzem o próprio projeto a partir dessa colagem. Esse

é um método que fornece uma resposta à necessidade de pensar o imediato. É bem mais fácil trabalhar nesse contexto com colagens, do que trabalhar com uma abordagem mais tradicional de projeto, que

se presta menos ao contexto de ensino à distância.

614

Em março último, você falou de uma rede de arquitetos cariocas da qual você faz parte, que se dispôs a refletir sobre novas maneiras de pensar o projeto arquitetural. Em que ponto de reflexão vocês estão, nesse contexto?

PV

Esse grupo reúne Diego Portas [C+P], Juliana Sicuro e Vitor Garcês [OCO], Alziró Neto e Felipe Rio Branco [Gávea], Gregório Rosembusch e Laura Rosembusch [VENTA], e a agência que eu dirijo com Caio Calafate, [grua.a]. Normalmente, não é nada evidente dispor de tempo para pensar e discutir todos juntos. O confinamento nos propiciou esse tempo. Por isso, instauramos um ritmo de trocas semanais. Discutimos muito, durante esse período, e decidimos dar início a um

primeiro projeto, que começaria por uma apresentação de cada uma das cinco agências que compõem a rede. Cinco agências que se conhecem bem, mais ou menos jovens, e que trabalham no Rio de Janeiro. A série de apresentação das agências se baseia na ideia de fragmentos: como, a partir de um fragmento de projeto, podemos falar de um conjunto mais significativo? Por exemplo, pode ser sobre escolher esta ou aquela junção entre dois materiais, para falar da ideia de combinação entre diferentes temporalidades. Dessa forma, começamos a trabalhar assim e foi super estimulante, isso nos levou a reflexões insuspeitas. Nós nos divertimos muito. Não sabemos que destino terá o projeto final, mas num primeiro momento a ideia se baseia numa publicação a partir da seguinte intuição: apresentar projetos a partir de fragmentos.

145











Suite à leur projet pour le pavillon français de l'exposition universelle de Shanghai en 2010, Pauline Marchetti et Jacques Ferrier ont créé Sensual City, un laboratoire de recherche et de prospective urbaine destiné à asseoir leur vision de la « Ville Sensuelle ». ● Aujourd'hui intégré à l'agence d'architecture Ferrier Marchetti Studio, Sensual City élabore une démarche de recherche et de développement pour transformer les idées en actions et développer des solutions innovantes au service des projets. ● À l'été 2020, à cheval entre les deux confinements français, le studio a mené une étude sur un objet architectural trop souvent négligé, le balcon, donnant suite à de nombreux articles écrits par Ferrier et Marchetti sur les répercussions de la crise sanitaire dans la ville contemporaine. Faisant « l'éloge du déjà-là » comme réponse aux multiples questions soulevées par l'expérience du confinement, cette recherche souligne les potentialités d'un objet architectural existant et malmené, pourtant susceptible de rendre le logement hospitalier aux ambiances urbaines, au climat et aux saisons. ● C'est à ce sujet, mais également à ceux de la place du corps dans la ville et de la nécessaire réinvention des outils et modes de représentation du projet d'architecture que nous avons voulu échanger avec deux architectes investis dans une perspective humaniste de la pratique architecturale et urbaine, mettant les sens et le vécu au cœur de leurs réflexions.

150

Pauline Marchetti
et Jacques Ferrier

Ferrier
Marchetti
Studio

Jeudi 19 novembre 2020
FR: 18h30 / FR: 18h30

entretien mené par
Hippolyte Roullier et Mélanie Yvon

614

Nous souhaitions commencer par vous interroger rapidement sur votre confinement, à savoir le lieu dans lequel vous l'avez passé et la manière dont vous l'avez vécu.

PM

Nous étions confinés à Limoux, une ville proche de Carcassonne, dans le sud de la France, où nous avons une maison de famille. La famille de Jacques en est originaire. Nous y étions avec nos deux enfants, et j'étais enceinte. C'était donc un moment familial assez inédit, dans la mesure où l'on s'est retrouvés pendant deux mois tous les quatre, plus un, sans personne d'autre. Il fallait jongler entre l'école à la maison pour l'aîné, une pseudo école à la maison pour le deuxième qui n'a pas vraiment accroché au concept de «maman maîtresse» et «papa maître». L'agence, bien sûr, qu'il fallait continuer à organiser avec de nouveaux moyens, et l'enseignement, en ce qui me concerne, puisque je suis professeure aux Arts décoratifs à Paris.

614

On imagine que cela induit de nombreuses modifications, en termes d'organisation, pour l'agence, notamment dans la manière de communiquer, mais peut-être aussi de travailler. Avez-vous réussi à maintenir la plupart de vos activités ? Avez-vous adapté vos processus de travail et de création ?

JF

Pour le premier confinement, on a été un peu pris de court mais tout le monde pouvait travailler depuis chez lui. D'une certaine manière, le télétravail a fonctionné, mais a aussi mis en évidence toutes les dimensions qui n'étaient pas télé-opérables. Par exemple, Pauline et moi travaillons énormément sur maquettes : maquettes d'étude, maquettes en cartons, maquettes en bois, etc. Nous avons un atelier-maquette assez formidable, très actif. Et très vite, l'impossibilité d'avancer dans le projet avec les maquettes – de le réduire à sa seule expression graphique transposable en télétravail – nous a montré ce qu'on aimait faire, comment on aimait le faire et ce qui nous manquait. La deuxième chose très frustrante, c'est tout le pan créatif de l'agence. Les idées émergent et les décisions se prennent souvent dans

«l'entre-deux». Par exemple, lors d'une réunion d'une heure ou deux, on discute du projet. Mais c'est finalement quand on se lève ou quand on part qu'on se dit : «finalement on pourrait faire ça». Pendant la réunion pour le projet A, il m'arrive souvent d'avoir des idées sur le projet B ; je m'éclipse de la réunion sous un quelconque prétexte pour vite courir voir l'architecte qui travaille sur le projet B : «tiens en parlant de ça dans la salle d'à côté, je me suis dit...» Tout le foisonnement dans le mécanisme de décision est vraiment lié à la présence dans l'espace de plusieurs personnes, de rencontres, d'échanges. Sur Zoom, ou équivalent, un protocole tacite permet une certaine concentration, voire une certaine forme de liberté dans la prise de parole, mais c'est insuffisant. Au bout de deux mois de confinement, on commençait à vivre un scénario d'appauvrissement du travail créatif, du foisonnement imprévisible des idées, du travail ensemble.

PM

En ce qui concerne l'enseignement, j'avais deux cours, dont un cours de projet, en 3^e année de licence aux Arts Décoratifs. Il me semble indispensable d'apprendre, d'apprendre autant que mes étudiants. C'est la raison pour laquelle chaque année est une nouvelle aventure : cette année, nous travaillions avec un bailleur social. Je voulais les faire travailler sur de la réhabilitation de bureaux en logement, un sujet éminemment important et actuel, sur lequel on réfléchit également à l'agence. On avait fait une première visite de site. J'avais monté des séances intermédiaires à court et moyen terme pour qu'ils s'organisent. Évidemment, tout est tombé à l'eau, et il a fallu repenser entièrement mon organisation, du jour au lendemain. Beaucoup d'étudiants sont d'ailleurs rentrés chez leurs parents. Mais la solitude du confinement les engageait paradoxalement à travailler davantage. Ils étaient deux fois plus motivés pendant ces quelques mois. Nous avons beaucoup échangé. J'enseigne aussi en 5^e année, qui correspond à une année de diplôme : les grands projets des Arts Décoratifs. La situation était différente : les étudiants étaient soumis à une autre forme de stress et de pression. Leur diplôme a été

151

repoussé en septembre. Ces deux mois de confinement en leur compagnie, qui ont duré puisque l'on ne les a pas retrouvés physiquement à l'école avant septembre, ont surtout beaucoup modifié le rapport au temps du projet. Certains se sont parfois égarés avant de reprendre pied, d'autres ont su en tirer profit. Cette situation est par ailleurs assez difficile pour moi car je suis quelqu'un d'assez instinctive : par exemple, j'ai toujours un grand rouleau de calque avec moi sur lequel j'esquisse ou j'écris des bribes de projet, que je leur laisse par morceaux. J'utilise un rouleau de calque par an à peu près ! Là, c'était évidemment impossible. Je m'organisais différemment : on travaillait ensemble sur une plateforme plutôt efficace, Miro, qui permettait d'avoir au moins, ce qui est essentiel, le travail de chacun en display sur une grande feuille numérique. Cela garantissait un minimum d'interactions entre tous les étudiants. C'est

tellement important. On a fait de notre mieux et je crois qu'on a réussi à s'en sortir.

152

614
Le confinement a-t-il modifié, altéré, votre regard sur votre espace domestique ? L'appréhension de votre quartier, ou plus globalement de la ville ? Ces changements sont-ils toujours perceptibles aujourd'hui selon vous dans notre manière d'être à la ville ?

JF
Il est difficile, pendant cette période de crise sanitaire, de faire la part des choses entre notre vie professionnelle – entre réflexion, pratique et recherche qui font partie de notre quotidien – et notre vie d'habitant. D'ailleurs, on ne l'a jamais souhaité. Ç'a été une période très fertile, notamment dans la mise au point de certaines idées, dans la continuité des recherches que nous avions entreprises, qui ont été en quelque sorte dopées par la situation de crise sanitaire. Et peut-être aussi par la comparaison qui s'est créée entre une ville que l'on connaît bien, Paris – où Pauline habite depuis tout temps et moi presque aussi – et une campagne qu'on ne fréquentait qu'en vacances, plus ou moins, et où l'on était soudainement contraints d'habiter. D'où des réflexions sur l'espace extérieur, sur l'ouverture, le rapport à la nature. Des thèmes qui sont au

coeur de notre travail, qui ont trouvé là toute leur vérité, toute leur actualité. J'en ai profité pour écrire quelques articles, dont un pour la revue Métropolitiques, depuis Limoux, en plein confinement. Un article qui ne parlait que de la grande ville alors qu'on était au milieu de champs. Cette situation de recul qu'induisait la crise sanitaire m'a permis d'exprimer assez clairement une prise de position, dans la continuité de notre travail sur la Ville Sensuelle, sur la manière dont cette crise pouvait être une opportunité pour révéler et mettre en valeur des situations, des atmosphères, des sensations qui auraient notamment permis aux parisiens de mieux vivre le confinement. Ce n'était pas un hasard de sortir une brochure de recherche sur le balcon juste après le confinement. Pas uniquement sur le balcon en tant qu'objet architectural, mais comme un prolongement extérieur, un entre-deux entre espace privé et espace public. Il paraît fondamental, plutôt que d'imaginer des réponses post-covid invraisemblables, de révéler déjà toute une série de potentialités, de qualités très simples de la vie quotidienne, présentes et pourtant souvent négligées, que la crise nous a justement permis de retrouver.

PM

Ce qui est particulier, c'est que le confinement nous obligeait à vivre dans un contexte où tout ce que la ville peut nous apporter – ce qui fait l'essence et le désir de ville – n'était, de fait, pas à disposition. Donc cette première partie de confinement ne m'a pas été trop douloureuse. J'ai découvert ce qu'était réellement le printemps ; j'avais toujours vécu le printemps en ville. Lors de notre arrivée, les arbres n'avaient aucune feuille. En partant, les fleurs avaient presque toutes éclos, c'était quasiment l'été. Donc c'était magnifique de ce point de vue. Ce deuxième confinement est différent. En ce qui me concerne, je n'ai pas repris le travail, je m'occupe de mon bébé, je suis chez moi toute la journée. Ce qui me frappe, c'est la répétitivité des tâches quotidiennes – d'autant plus lorsque l'on a un bébé. Elles sont très banales, très primaires. Sans autre distraction, elles se mettent à me peser. Cela pousse à réfléchir à l'architecture du quotidien, le déjà-là, cela rejoint ce qu'évoquait Jacques à l'instant.

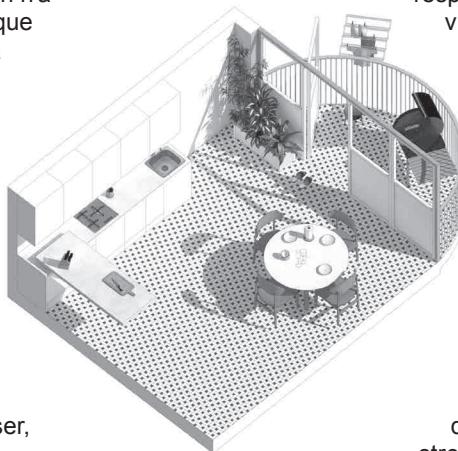
Finalement, les espaces du quotidien et du logement, ainsi fonctionnalisés, nous enferment encore davantage qu'entre nos quatre murs : on se sent très vite pris à la gorge quand on n'a pas d'autres solutions que de les utiliser pour ce à quoi ils sont destinés. Ce manque de liberté est extrêmement violent. Et pourtant, on vit dans un appartement tout à fait agréable, la question n'est pas là. Chaque espace m'assigne à une tâche ; quand je n'ai que cette tâche à réaliser, sans alternative, cela m'opresse, et me questionne énormément.

● 614

Nous avons constaté, en parcourant vos différents travaux, que la « place du corps dans la ville », pour vous citer, semblait être un concept assez déterminant dans votre approche de l'architecture et de l'urbanisme. Est-ce que vous pouvez nous expliquer ce que cette notion peut recouvrir à l'heure de la distanciation sociale et du confinement ?

● PM

Je crois que le problème, justement, c'est qu'en ce moment, cette question ne s'incarne pas. Ce que l'on défend dans notre travail, c'est l'idée que les émotions et les sensations qui sont celles des urbains, n'ont rien à envier aux émotions et aux sensations qui pourraient être celles des ruraux. La ville peut, et doit, apporter énormément à l'homme, dans sa globalité, pas que dans sa raison, puisque l'on associe souvent la ville au travail, on en oublie généralement l'aspect sensoriel, sensitif, ou sensuel. À travers tous nos projets, on essaye de démontrer que la ville peut générer d'autres sensations, d'autres émotions toutes aussi fortes, par des moyens qui sont des dispositifs urbains. Le confinement a prouvé qu'à partir du moment où cette interaction entre le corps du citadin et le milieu urbain n'a pas lieu, les problèmes adviennent. C'est



d'autant plus criant aujourd'hui. Le fait que pendant ces deux mois de confinement à Paris, on pouvait entendre le bruit des oiseaux et que l'air était respirable, donnait l'air d'une ville qui n'en est plus une. Je crois être assez convaincu de la réponse qu'une telle question soulève : au bout d'un moment, cette « pseudo-ville » serait devenue autant anxiogène que Paris que l'on connaît et que l'on fréquente au quotidien (très bruyante, très dynamique, très stressante pour plein de raisons). La ville n'est pas faite

pour être inerte. Elle

dépend des interactions entre le corps et le milieu. Je pense que les interactions entre le corps humain et la nature peuvent être néfastes si ce rapport ne véhicule pas les émotions que chaque être humain a besoin de ressentir.

● JF

Ce rapport entre le corps et le milieu, on l'avait découvert dans la ville asiatique : une ville très bruyante, qui vit la nuit, pleine de lumières et de mouvements. On a toujours dit qu'une partie de cette agitation faisait partie des sensations tout à fait positives qu'on devait ressentir dans la ville. Les villes asiatiques arrivent à concilier cette énergie à une dimension sensorielle très prégnante : des odeurs, des animaux, des vélos, des vendeurs ambulants. C'est ce que l'on cherche aujourd'hui, cette superposition : retrouver une sensation de nature dans une ville hyperdense comme Paris, tout en sauvegardant sa dimension urbaine que l'on aime tant. Il faut faire l'éloge du compromis. L'éloge de situations où la dimension urbaine, qui fait partie de notre approche, met l'homme au cœur du milieu. Les plaisirs de la mobilité, les plaisirs de l'animation urbaine, qui ne sont pas incompatibles avec davantage de ciel, davantage de lien au climat, de biodiversité. Je pense que le projet à venir se situe dans cette direction. D'où nos inquiétudes sur la

153

densité que ce compromis tolèrerait. Une ville comme Londres, plus proche de nous, est indéniablement faite de l'entremêlement de ces sensations citadines, métropolitaines. Paris a atteint une densité qui rend difficile cette superposition. Le confinement l'a encore démontré.

● 614

Les thématiques que vous soulevez nous poussent à vous interroger sur le studio de recherche adossé à votre agence d'architecture. Est-ce que vous pouvez nous expliquer quel est son objet et comment il s'articule justement aux travaux menés à l'agence ?

● PM

On a créé ce studio pour essayer de réengager les citadins dans leur milieu urbain. Cet

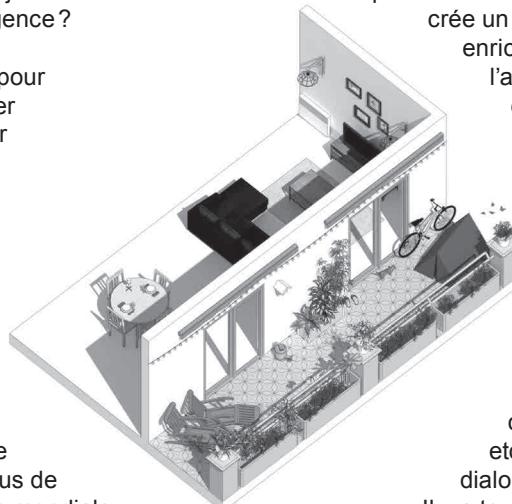
154

engagement doit naître d'une envie de profiter, d'expérimenter, de sentir et ressentir toutes les qualités de son milieu urbain. Plus de 50% de la population mondiale vit en ville. Cela représente plus de 3,5 milliards de citadins aujourd'hui : la réalité est là, la question est donc urgente. Voilà le point de départ du studio : montrer que la ville peut être un lieu amène à la vie humaine. Ces dix dernières années de recherche ont été menées dans ce sens, à travers différents projets, différentes échelles, avec différents partenaires. Le studio Sensual City, c'est une équipe mouvante. Faire cette démonstration, c'est engager des moyens de représentation et de communication qui parlent au plus grand nombre. Pour que chacun puisse expérimenter grâce à ses propres sensations, grâce à son corps. Je ne me dis plus urbaniste, non pas que je le ne sois pas dans les faits, mais parce que je ne crois pas à la planification urbaine, qui tend à résoudre trop rapidement des problèmes pour en créer d'autres. La ville est un organisme vivant qui répond à trop

de contraintes qui nous échappent, trop d'éléments incontrôlables. Notre studio de recherche existe pour décaler le regard, enrichir les points de vue.

● JF

Le studio est là pour trouver un autre temps. Nous avons toujours fait de la recherche en agence, comme toutes les agences d'architecture, mais c'est un temps qui est très rythmé par les concours, les projets, les réunions : un temps contraint. Le luxe qu'on s'est offert avec le studio, pour faire ce pas de côté, c'est trouver un temps de réflexion, beaucoup plus libre, qui, mêlé à la transversalité des profils et des sujets de recherches, crée un formidable outil pour enrichir les projets de l'agence. Chaque sujet de recherche engage des réflexions sur l'impact du projet au-delà de son contexte proche, des résonances et des relations que ce dernier arrivera à tisser avec le climat, l'environnement, le corps, l'histoire du lieu, etc. L'agence et le studio dialoguent en permanence.



Il y a toujours une interface. À sa création, le studio a eu besoin d'autonomie pour fabriquer le socle de sa réflexion, de sa culture, de son identité. Depuis quelques années, la correspondance est d'autant plus fertile, dans les deux sens. Les projets alimentent le studio, qui alimente lui-même les projets par une réflexion plus distanciée, plus prospective. On essaie de le rendre lisible et utile pour nos maîtres d'ouvrage : le but est bien entendu d'en faire participer des projets concrets, que le studio contribue à la réalité des constructions. L'enjeu est d'enrichir les contours d'une mission que l'on nous confie, les réalités d'un site et d'un programme, de sortir des cases classiques du monde de la construction, et d'impliquer, grâce à des ajustements fertiles, le maître d'ouvrage, l'élu, les experts, partenaires et ingénieurs qui nous entourent. C'est là que l'outil, nécessaire, devient passionnant.

● 614

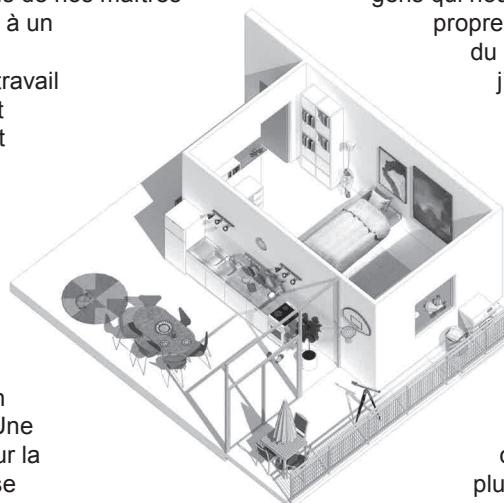
D'où proviennent la plupart des réflexions que vous menez au sein du studio de recherche ? Comment agence et recherche s'articulent-elles en termes de thématiques et d'organisation de travail ?

● JF

Nous sommes les mêmes : les mêmes personnes travaillant sur le monde urbain contemporain. Si le studio est capable – et permet – de se saisir de projets complètement autonomes, notre toile de fond reste la Ville Sensuelle. C'est notre identité, notre grand thème fédérateur. L'objectif, très normé, très classique, présenté par certains de nos maîtres d'ouvrage, trouvera, à un moment donné, une amplification par le travail prospectif, tout à fait libre, qu'aura produit le studio de recherche. C'est parfois deux ou trois ans après une réflexion que l'on aura menée sur un sujet de recherche, qu'elle entrera en coïncidence avec un projet de l'agence. Une de nos réflexions, sur la ville et les enfants, se trouve par exemple aujourd'hui « dopée » par la crise sanitaire. Des projets très concrets peuvent nous permettre de bénéficier de toute cette réflexion prospective pour faire bouger les lignes. On ne s'impose pas de condition d'efficacité instantanée par la recherche, mais au contraire de nourrir des réflexions, disponibles pour dans six mois, par exemple, pour nous permettre de débloquer ou d'enrichir tel autre sujet. Au tout début du studio, nous avons travaillé sur une réflexion territoriale sur l'arc méditerranéen, de Gênes à Barcelone, *Belle Méditerranée*. Même si nous ne sommes pas intervenus à l'échelle urbaine de manière concrète sur ce territoire depuis, nous avions alors notamment acquis des outils de représentation très riches.

● PM

C'est un très bon exemple, car le projet *Belle Méditerranée* nous a aidé à concevoir



le port de Sète, que l'on développe actuellement à l'agence. Toutes les réflexions menées sur la *Belle Méditerranée* ont représenté une véritable ligne de conduite pour aboutir au projet que l'on a dessiné. Mais c'est une question fondamentale que vous posez : quand j'ai eu l'occasion de défendre le studio au ministère de la recherche il y a un an, il n'y avait pas d'expert sur l'architecture ou l'urbanisme à proprement parler dans le jury. Cette nécessité de chercher, inhérente au métier que l'on pratique et que l'on aime, est l'élément que l'on a le plus de mal à défendre aujourd'hui auprès des gens qui nous entourent dans notre propre champ. À la naissance du studio il y a dix ans, j'étais interviewée par beaucoup d'étudiants en architecture, qui faisaient leur

155

mémoire sur la recherche dans les agences. À l'époque, il existait très peu d'exemples comme le nôtre ; ce n'est plus le cas aujourd'hui, ce qui démontre bien que

l'ensemble de la profession en fait le constat. Les processus de travail au studio sont itératifs, mouvants, parfois instables. Nous avons sacrifié une réunion hebdomadaire, qui existe depuis toujours, où l'on discute toutes et tous autour de la table, afin d'évoquer des envies, des lectures, des idées, des sujets que nous pensons nécessaires à explorer. Le livre paru en 2018, sur les seuils, est par exemple né d'une envie de travailler à une échelle réduite. En partant du constat suivant : la qualité architecturale fait aujourd'hui vraiment défaut à beaucoup de projets construits. Comment, dès lors, témoigner de ce problème tout en inventant un moyen singulier de parler d'espace ?

● 614

Vous parlez tout à l'heure de la nécessaire réinvention des modes de représentation de l'architecture et de la ville. Vous avez

récemment réalisé un film en réalité virtuelle (VR), *Faire corps avec la ville*. Qu'est ce qui a guidé ce choix ? Quelle place donnez-vous plus largement à la fiction dans votre travail ?

JF

L'utilisation de la

fiction, en général,

est liée à l'idée de

remettre

l'expérience, le

vécu quotidien, le

déjà-là, au cœur

du projet. Ce sont

des éléments qui

sont quelque part

chassés par les

modes de

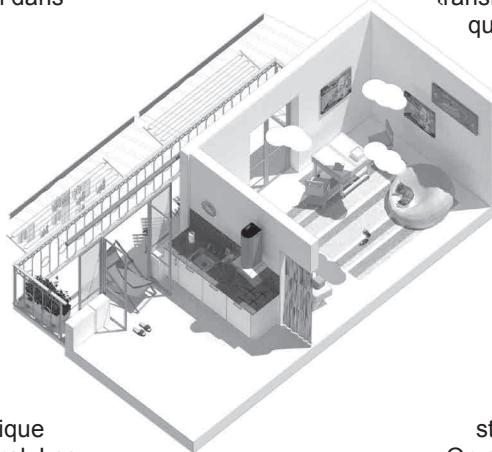
représentation classique

du champ architectural. Les

plans, les coupes et les

élévations ont fatallement produit un urbanisme de géométrie et des architectures sans qualités

puisque il est quasiment impossible de représenter des ambiances, des atmosphères, du vécu à travers les outils de représentation de l'architecture tels qu'ils se sont figés dans la deuxième partie du 19^e et au 20^e siècle. Lors du premier colloque que l'on a organisé sur la Ville Sensuelle, on avait invité, via le Collège de France, des intervenants internationaux et notamment Heng Chye Kiang, doyen de l'université d'architecture de Singapour. Son intervention consistait à nous faire parcourir une sorte de grand rouleau représentant une ville au 17^e siècle. Des dessins garnis de petits personnages : l'un avec son parapluie, un autre qui pousse un chariot, etc., nous décrivaient toutes les sensations, tous les bruits, toutes les richesses de la ville asiatique. Là, le personnage passe près d'un temple où, toutes les heures, on sonne le gong. Là, des tanneries qui sentaient mauvais. Ici, des arbres fruitiers de l'autre côté du mur. À travers les modes de représentation, on avait non seulement accès à une compréhension de l'espace, mais aussi et surtout une lecture des odeurs, des sons, des sensations. Ces outils ont complètement disparu et nous laissent réduits à une représentation uniquement



visuelle. Ce que veut véhiculer la Ville Sensuelle, et c'est l'un des obstacles auxquels on a été confrontés, c'est cette manière holistique de partager, de transmettre. On s'est aperçus que la fiction, au sens large – se mettre en situation dans l'espace et dans le temps –, était le moyen idéal pour attraper au passage toutes ces dimensions d'ambiance qui ne peuvent pas être représentées par le dessin architectural. On a travaillé sur des dessins animés, des story-boards, des textes.

On a essayé d'explorer toute une série de représentations qui supposent vraiment des narrations et des récits, jusqu'à arriver, puisqu'il s'agit du projet le plus récent, au film en VR.

PM

À l'origine de ce film, il y a une fresque que nous avions réalisée avec Jacques pour le pavillon français à l'exposition universelle de Shanghai en 2010. Cette fresque animée était présentée, au sein du pavillon, sur des grands écrans qui prenaient toute la largeur des murs du bâtiment. L'espace avait été habillé d'une bande sonore qu'on avait travaillé avec le compositeur Loïk Dury, spatialisée, pour que le visiteur parcourant l'exposition soit immergé dans une sensation urbaine française. C'était le sujet : l'exposition était adressée à un public pour 99% chinois, qui a donc eu accès à cette expérience spatiale et sonore. La boîte de production avec laquelle on avait réalisé ce film m'avait recontactée. Je lui avais fait part de mon souhait de continuer à faire de la vidéo. Un jeune producteur, spécialiste des nouveaux médias, venait d'intégrer leur agence. C'est lui qui m'a poussée à réaliser ce film en VR ; j'étais réticente au début, habituée à travailler avec une image et un cadre que je maîtrisais, avant de me rendre compte que j'apprendrais énormément et que je pourrais exprimer encore davantage, grâce à cet outil immersif, la question de l'expérience urbaine, des sens dans la ville. Donc, de cette fresque représentant il y a

156

dix ans une ville française en Chine, l'objet est devenu un dialogue entre trois cités. Trois cités qui ont été pensées à trois époques. La cité européenne, représentée par Marseille, née il y a 2000 ans, sédimentée par couche, au bord de la mer Méditerranée. New York, représentant le monde moderne, la ville du 20^e siècle par excellence. Et enfin Shanghai, la cité d'aujourd'hui, voire de demain. L'idée était de se laisser guider et d'éprouver les expériences et les sensations qu'engagent ces trois villes aux typologies urbaines très différentes. J'y parle notamment de l'asphalte, du bitume qui constitue 90% de la matière sur laquelle on marche lorsque l'on marche en ville.

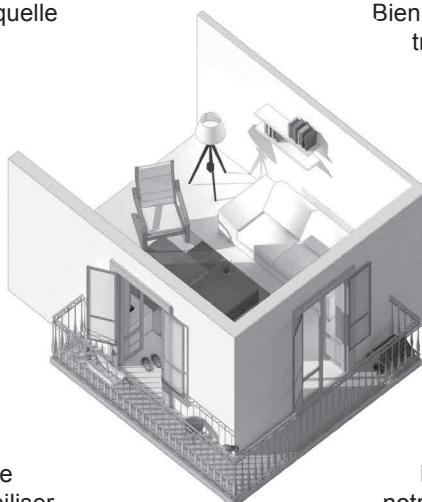
Comment le bitume peut procurer des sensations, différentes malgré le côté générique du matériau, que je me déplace à Shanghai, à Marseille ou à New York, en fonction du climat, de l'environnement, de la façon dont la ville s'est constituée etc. C'est l'idée générale de ce film : mobiliser une expérience pour le spectateur au casque et essayer de lui rappeler qu'il peut trouver, en ville et dans des situations urbaines ordinaires, des sensations et des émotions singulières.

● 614

Cette première expérimentation sur la réalité virtuelle constitue une manière de réintroduire la « place de l'homme dans la ville », avec toutes les dérives, dystopiques notamment, que cela peut engendrer.

● PM

C'était tout l'intérêt du projet : mobiliser une technologie innovante pour exprimer des situations banales, et se demander comment cet outil va pouvoir servir notre propos et défendre nos idées. Je vais justement présenter *Faire corps avec la ville* la semaine prochaine à l'alliance française à Quito, en Équateur, en visioconférence. Je pense le présenter de la sorte : ce film, c'est autant une œuvre



qu'une recherche. C'est ça que je veux défendre : toutes les étapes qui ont mené à la réalisation de ce film nous ont apporté énormément de connaissances et d'idées pour faire notre métier. Et j'aime l'idée qu'il n'y ait pas d'agenda, pas de présupposés. Que l'histoire du projet, l'histoire de ce film en l'occurrence, nous amènent dans des endroits que l'on n'avait pas anticipés.

● 614

Est-ce un outil de représentation que vous envisagez aussi d'adopter pour le projet architectural ?

● PM

Bien sûr ! D'ailleurs, il n'est pas très au point aujourd'hui dans le champ architectural. Il serait très intéressant de le rendre « à propos », en trouvant par des biais

157

innovants le moyen de contrer le rendu aseptisé qu'il propose à l'heure actuelle. Cela rejoint un constat que l'on se fait souvent : dans notre métier, on nous demande un résultat. Il faudrait pourtant, je crois, pouvoir s'arrêter juste avant le résultat pour voir les usagers s'approprier ce qu'on a fait et que cela ne nous appartienne plus.

● 614

Vous avez également mentionné le rôle du récit et de l'écriture dans le projet architectural. Cela nous interroge sur la question de la médiation, nécessaire pour se faire comprendre auprès de différents publics. Un projet en VR ne s'adresse pas au même public qu'un texte, qu'une image ou qu'un story-board. Comment jonglez-vous avec ces différents modes de représentation ?

● JF

La question que vous posez est particulièrement intéressante ; je pense que nous devrions nous la poser davantage sur les projets. En ce moment, nous menons une réflexion sur le port de

Sète. Sur ce port, il y a les clients, les utilisateurs qui vont de la France au Maghreb par exemple. Quel seraient le ou les modes de fiction les plus adaptés pour enrichir le projet d'une part, pour que ce projet aille où l'on a envie qu'il aille, et qu'il soit un moyen de médiation qui ne tienne pas à l'écart les acteurs que l'on va impliquer. Ce n'est pas évident, on n'a pas toujours la réponse. Ces dernières années, le travail que nous menons avec l'agence et le studio, la refonte de leur articulation – en réunissant les collaborateurs dans un même espace notamment – va dans le sens de la question que vous soulevez. Cette réflexion dépend de l'ampleur et de la durée du projet. Nous avons par exemple eu la chance d'être lauréats de la mission de conseil pour les gares du Grand Paris Express. Là, cette question s'est véritablement posée. Il y avait une telle diversité de destinataires à qui on

158 s'adressait, tantôt aux futurs maîtres d'œuvre, tantôt aux ingénieurs, aux techniciens ; sur le seul projet du Grand Paris, on a déployé le dessin animé, le story-board, des petites fictions avec des personnages inventés, qui parcouraient dans des temporalités diverses, le grand métro, des restitutions sensibles des sites, etc. On a développé à l'occasion de ce projet une grande diversité des représentations et chacune avait un rôle parce que c'est un projet urbain de grande ampleur, qui engageait de fait une grande diversité de publics.

● PM

Les mots et l'écriture ont toute leur place dans cette question des modes de représentations du projet architectural. J'aime la langue, parce que j'aime ce que les mots m'apportent quand je veux exprimer une idée ou une sensation. C'est fantastique d'avoir cet outil-là, je m'en rends compte également dans mon enseignement. Les étudiants peinent à faire ce qu'ils ont envie de faire parce qu'ils peinent à le dire. Les études d'architecture ne sont pas des études où l'on apprend à écrire, bien loin de là, et c'est un sujet qu'il faudrait mettre sur la table. Finalement, si on arrive à décrire ce qu'on veut faire, on a déjà fait la moitié du travail. Quand je fais travailler mes étudiants, je leur demande toujours, avant toute conception, de venir

avec un univers de référence dans lequel les images de projets d'architecture sont interdits, pour justement les pousser à aller chercher des choses qui ne sont pas de l'architecture. J'ai toujours eu, depuis que j'enseigne, au moins une étudiante ou un étudiant qui vient avec des livres. Je me souviens d'avoir fait travailler les étudiants sur une maison de famille, je leur avais fait lire un extrait du *Père Goriot*, où Balzac décrit la pension de famille. Je leur ai dit que s'ils étaient capables de faire un projet aussi sensible et aussi fort que ces lignes de Balzac, ils étaient les plus grands architectes d'intérieur que l'on pouvait imaginer. C'est aussi ça l'outil de la fiction, ce sont les mots. Et ce n'est pas donné à tout le monde de savoir écrire.

● 614

La période que nous traversons en ce moment vous incite-t-elle justement à repenser ces modes de représentation ?

● JF

Je pense qu'il s'agit aujourd'hui de se positionner vis-à-vis de choix que l'on peut faire. J'aime bien la lucidité provocante d'un Houellebecq, qui, dans un entretien à France Inter en mai, pendant le confinement, disait « Le monde d'après sera le même en pire ». Il n'a pas tort, on voit bien que cette possibilité existe. Si, par exemple, on estime que l'enjeu c'est le corps dans la ville, ce que nous défendons profondément à travers notre travail et nos recherches, on voit bien qu'il y a un fort risque de désincarnation de la ville. Ce que j'appelle la « ville sans contact » constitue une piste, effrayante, possible. Il y aussi des opportunités positives : malgré l'injonction à la mobilité permanente, qui fait complètement adhérence avec l'idée même de ville – le présupposé que vous ne travaillez pas où vous habitez, vous n'habitez pas là où vous suivez des cours à l'université etc. – dans le cas présent, tout le monde a vu qu'une toute autre idée de ville était possible en se déplaçant moins. En conséquence, la Maire de Paris a pu parler de « la ville du quart d'heure » et agir radicalement pour donner une place prépondérante au vélo. Une décision heureuse donc, et rapidement mise en œuvre. Nous parlons nous-même d'urbanisme de proximité. Tout cela constitue l'esquisse d'une autre route, et il

en va de même pour les outils de représentation. Nous avons discuté de la fiction, on en a plus que jamais besoin. C'est une époque qui met en exergue tout un tas de responsabilités, il faut faire en sorte que les choix qui vont s'opérer soient les choix que nous pensons positifs pour la société.

● PM

On n'a jamais eu autant besoin de créatifs qu'aujourd'hui. Les créatifs préfigurent, ils essaient de remodeler en permanence, ils questionnent. Pour moi, l'architecte doit être capable de réconcilier le citadin à son espace de vie. Si l'on rate cette fenêtre de tir, je crains qu'on se retrouve dans une situation bien pire que ce que l'on a vécu jusqu'à aujourd'hui. L'injonction de solutions rapides, efficaces, moins chères, des solutions uniquement chiffrées ou quantitatives, m'inquiète beaucoup. Mais ce que je vois aujourd'hui va de plus en plus dans la bonne direction, et je vois moins de projets qui me paraissent ubuesque. Je suis plutôt optimiste en ce qui concerne ce qui se produit et ce qui s'esquisse.

159

1. <https://metropolitiques.eu/La-ville-dense-a-trahi-ses-habitants.html>
2. Ferrier Marchetti Studio, « Le balcon, éloge du déjà-là », Sensual City Papers #2, été 2020 — <https://ferriermarchetti.studio/information>
3. Sensual City Studio, *Belle Méditerranée. La métropole sensible*, Archibooks, 2015.
4. Sensual City Studio, *A History of Thresholds: life, death & rebirth*, Jovis, 2018

Na sequência do projeto por eles desenvolvido para o pavilhão francês da exposição universal de Shanghai em 2010, Pauline Marchetti e Jacques Ferrier criaram *Sensual City*, um laboratório de pesquisa e de prospectiva urbana destinado a estabelecer a visão de ambos da “Cidade sensual”. ● Hoje integrado à agência de arquitetura Ferrier Marchetti Studio, *Sensual City* elabora um desenvolvimento de pesquisa e desenvolvimento para transformar as ideias em ações e desenvolver soluções inovadoras a serviço de projetos. ● No verão francês de 2020, no intermédio entre os dois períodos de confinamento na França, o estúdio fez um estudo sobre um objeto arquitetural quase sempre negligenciado, o balcão, dando prosseguimento a inúmeros artigos escritos por Ferrier e Marchetti, sobre as repercussões da crise sanitária na cidade contemporânea. Valorizando o “mais além” como resposta às múltiplas questões levantadas pela experiência do confinamento, essa pesquisa ressalta as potencialidades de um objeto arquitetural existente e maltratado, e no entanto passível de tornar o lugar de moradia hospitalar aos ambientes urbanos, ao clima e às estações. ● É a esse respeito, mas também sobre o lugar do corpo na cidade e a necessária reinvenção de ferramentas e modos de representação do projeto de arquitetura, que nós quisemos esse bate-papo com dois arquitetos investidos numa perspectiva humanista da prática arquitetural e urbana, pondo os sentidos e sua própria vivência no cerne de suas reflexões.

160

Pauline Marchetti
e Jacques Ferrier

Ferrier
Marchetti
Studio

19 de novembro de 2020
FR: 18h30 / FR: 18h30

Entrevista feita por
Hippolyte Roullier e Mélanie Yvon

614

Nós queremos começar perguntando rapidamente sobre o confinamento, a saber, o lugar onde vocês o passaram e o modo como o vivenciaram.

PM

Nós ficamos confinados em Limoux, uma cidade próxima de Carcassonne, no sul da França, onde temos uma residência familiar. A família de Jacques é daquela região. Estávamos com nossos dois filhos e eu estava grávida. Ou seja, foi um momento familiar bastante inédito, na medida em que nós quatro ficamos juntos durante dois meses e mais um mês sem mais ninguém. Era preciso fazer acrobacias entre a escola em casa, para o mais velho, uma pseudo escola em casa para o segundo, que não ficou muito convencido com o conceito de "mamãe professora" e "papai professor". Quanto à agência, claro que era preciso continuar se organizando com os novos elementos e, para mim, com o ensino, já que sou professora na Arts décoratifs em Paris.

614

Imaginamos que isso tenha provocado muitas modificações, em termos de organização, no caso da agência, sobretudo no modo de se comunicar, mas talvez também de trabalhar. Vocês conseguiram manter a maior parte das atividades? Adaptaram o processo de trabalho e de criação?

JF

No caso do primeiro confinamento, fomos pegos de surpresa, mas todo mundo podia trabalhar em casa. De certa forma, o teletrabalho funcionou, mas também ressaltou todas as dimensões que não eram tele-operáveis. Por exemplo, Pauline e eu trabalhamos enormemente sobre maquetes: maquetes de estudo, maquetes de papelão, maquetes de madeira etc. Nós temos um ateliê-maquete absolutamente fantástico, muito ativo. E rapidamente a impossibilidade de avançar nos projetos com as maquetes – reduzi-las à mera expressão gráfica, passível de transpor no teletrabalho – nos mostrou o que gostamos de fazer, como gostamos de fazer e o que nos faltava. A segunda coisa muito frustrante foi o lado criativo da agência. As ideias emergem e as decisões são muitas vezes tomadas num interregno. Por

exemplo, numa reunião de uma ou duas horas, discutimos um projeto. Mas no fim das contas é quando nos levantamos e vamos embora, que dizemos para nós mesmos "ah, afinal poderia ser feito assim". Durante a reunião para o projeto A, me acontece frequentemente de ter ideias sobre o projeto B; eu dou uma saída rápida da reunião, alegando um pretexto qualquer, e vou correndo ver o arquiteto que está trabalhando no projeto B: "olha, falando disso na sala ao lado, eu disse a mim mesmo que...". Toda a profusão no mecanismo de decisão é realmente ligada à presença no espaço de várias pessoas, de encontros, de trocas. No Zoom, ou equivalente, um protocolo tácito permite uma certa concentração e até uma certa forma de liberdade no uso da palavra, mas é insuficiente. Depois de dois meses de confinamento, começamos a viver um quadro de empobrecimento do trabalho criativo, daquela profusão imprevisível de ideias, do trabalho conjunto.

161

PM

No que diz respeito ao ensino, eu tinha dois cursos, dos quais um de projeto, no 3º ano de licenciatura das Arts Décoratifs. Me parece indispensável aprender tanto quanto meus alunos. Essa é a razão pela qual cada ano é uma nova aventura: este ano, nós trabalhamos com um senhorio social. Eu quis que o trabalho fosse feito sobre a reabilitação de escritórios nas residências, um tema eminentemente importante e atual, sobre o qual também refletimos na agência. Tínhamos visitado o local uma primeira vez. Eu havia montado sessões intermediárias, no curto e no médio prazo, para que eles se organizassem. Evidentemente, tudo caiu por terra e foi preciso repensar inteiramente minha organização, de um dia para o outro. Muitos alunos, aliás, voltaram para a casa dos pais. Mas, paradoxalmente, a solidão do confinamento os animava a trabalhar mais. Eles estiveram duas vezes mais motivados, durante aqueles meses. Nossas trocas foram intensas. Eu dou aulas no 5º ano, que corresponde ao ano de exame final: os grandes projetos das Arts Décoratifs. A situação foi diferente: os alunos foram submetidos a uma outra forma de estresse e de pressão. O exame final, o diploma foi

adiado para setembro. Esses dois meses de confinamento na companhia deles, que foram longos, já que não nos encontramos fisicamente na escola antes de setembro, modificaram sobretudo a relação com o tempo do projeto. Alguns se afastaram antes de tomar pé da situação, outros souberam aproveitar a situação. Situação, aliás, bastante difícil para mim, pois sou alguém bastante intuitiva: por exemplo, tenho sempre um grande rolo de decalque sobre o qual eu rascunho ou escrevo pedaços de projeto, que deixo com eles, aos pedaços. Eu utilizo mais ou menos um rolo de decalque por ano! E naquela situação isso era evidentemente impossível. Eu me organizava de outro modo: nós trabalhávamos juntos numa plataforma bastante eficaz, Miro, que possibilitava que tivéssemos ao menos o que é essencial, o trabalho de cada um em display numa grande folha digital. Isso

garantiu um mínimo de interações entre todos os estudantes. Isso é tão importante! Nós fizemos o melhor que podíamos e acho que conseguimos!

162

614
O confinamento modificou, alterou seu olhar sobre o seu próprio espaço doméstico? A apreensão do seu bairro, ou, de modo mais global, da cidade? Essas mudanças ainda são perceptíveis hoje, segundo você, na nossa maneira de estar na cidade?

JF

Durante esse período de crise sanitária, é difícil separar as coisas entre nossa vida profissional – entre reflexão, prática e pesquisa, que fazem parte de nosso cotidiano – e nossa vida de habitante. Que aliás nunca desejamos. Esse foi um período extremamente fértil, especialmente na aplicação de certas ideias, na continuidade das pesquisas que nós havíamos empreendido, que foram de certa forma dopadas pela situação de crise sanitária. E talvez também pela comparação que se criou, entre uma cidade que conhecemos bem, Paris – onde Pauline mora o tempo todo, e eu também, quase o tempo todo – e um campo que só frequentávamos nas férias, mais ou menos, e que de repente nos vimos obrigados a

habitar. De onde as reflexões sobre o espaço exterior, sobre a abertura, sobre a relação com a natureza. Temas que estão no cerne de nosso trabalho, que ali encontraram toda sua verdade, toda sua atualidade. Em Limoux, em pleno confinamento, eu aproveitei para escrever alguns artigos, dentre os quais um para a revista *Métropolitiques*. Um artigo que não falava da grande cidade, ao passo que nós estávamos, naquele momento, no meio de uma região campestre. Essa situação de recuo provocada pela crise sanitária possibilitou que eu expressasse claramente uma tomada de posição, na continuidade de nosso trabalho na *Ville Sensuelle* (Cidade Sensual), sobre a maneira como essa crise poderia ser uma oportunidade para revelar e valorizar situações, atmosferas, sensações que teriam permitido em especial aos parisienses viver melhor o confinamento. Não foi um acaso a publicação sobre o balcão logo depois do confinamento. Não só sobre o balcão enquanto objeto arquitetural, mas como um prolongamento exterior, um interregno entre espaço privado e espaço público. Mais do que imaginar respostas pós-covid rocambolescás, parece fundamental revelar toda uma série de potencialidades, de qualidades extremamente simples da vida cotidiana, presentes e no entanto em geral negligenciadas, que a crise nos permitiu justamente reencontrar.

PM

O que é particular, é que o confinamento nos obrigava a viver num contexto no qual tudo o que a cidade pode nos trazer – o que compõe a essência e o desejo de cidade – não estava, de fato, à disposição. Assim, essa primeira fase de confinamento não foi excessivamente dolorosa para mim. Eu descobri o que era realmente a primavera; até então, eu sempre tinha passado a primavera na cidade. Quando nós chegamos, as árvores ainda não tinham folhas. E quando fomos embora, as flores tinham praticamente todas desabrochado, já era quase verão. Ou seja, desse ponto de vista foi magnífico. Mas o segundo confinamento foi diferente. No que me diz respeito, eu não retomei o trabalho, tenho cuidado do meu bebê, fico em casa o dia todo. O que me impressiona é que a repetição das tarefas cotidianas

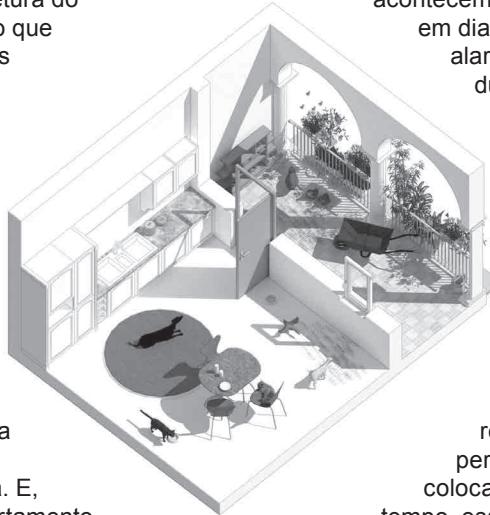
– mais ainda quando se tem um bebê. Elas são bem banais, bem primárias. Sem outra distração, elas começam a me pesar. Isso leva a pensar a arquitetura do cotidiano, o imediato, o que remete ao que Jacques dizia há pouco. Afinal, os espaços do cotidiano e da casa, assim funcionalizados, nos encerra ainda mais entre nossas quatro paredes: rapidamente, nos sentimos obrigados a utilizá-los para aquilo para o que eles foram destinados. Essa falta de liberdade é extremamente violenta. E, no entanto, nosso apartamento é super agradável, não é essa a questão. Cada espaço me atribui uma tarefa; quando não tenho essa tarefa a realizar, sem alternativa, isso me oprixe e me questiona enormemente.

● 614

Nós constatamos, percorrendo os seus diferentes trabalhos, que o “lugar do corpo na cidade”, citando sua expressão, parecia ser um conceito bastante em sua abordagem da arquitetura e do urbanismo. Você pode explicar o que essa noção pode abranger, nesse momento do distanciamento social e do confinamento?

● PM

Eu penso que o problema, justamente, é que nesse momento essa questão não se aplica. O que defendemos em nosso trabalho é a ideia que as emoções e as sensações que são as das pessoas urbanas não têm nada a ver com as emoções e as sensações que podem ser as das pessoas rurais. A cidade pode e deve trazer enormemente ao ser humano, em sua globalidade, não somente em sua razão, já que muitas vezes associamos a cidade ao trabalho e em geral esquecemos o aspecto sensorial, sensitivo, sensual. Através de nossos projetos tentamos demonstrar que a cidade pode gerar outras sensações, outras emoções, tão fortes quanto, por meios que são dispositivos urbanos. O confinamento



provou que a partir do momento em que essa interação entre o corpo da pessoa citadina e o meio urbano não acontece, acontecem os problemas. Hoje em dia isso ainda mais alarmante. O fato de durante os dois meses de confinamento em Paris nós termos podido ouvir o canto dos pássaros e termos um ar respirável criava um ar de cidade que não é mais uma. Eu penso estar bastante convencida da resposta que uma pergunta como essa coloca: depois de algum tempo, essa “pseudo cidade”

teria se tornado tão penosa e fonte de ansiedade quanto Paris, que conhecemos e frequentamos diariamente (muito barulhenta, muito dinâmica, muito estressante, por um conjunto de razões). A cidade não é feita para ser inerte. Ela depende das interações entre o corpo e o ambiente. Eu penso que as interações entre o corpo humano e a natureza podem ser nefastas, se essa relação não veicular as emoções que cada ser humano precisa sentir.

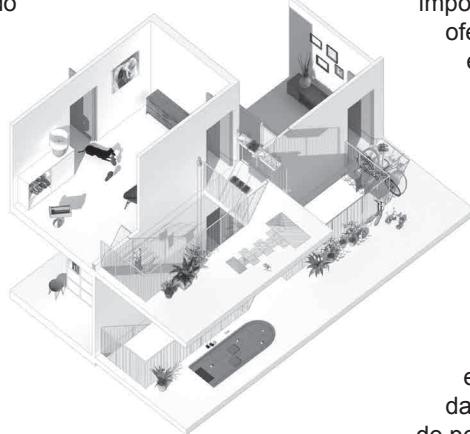
● JF

Essa relação entre o corpo e o meio nós havíamos descoberto na cidade asiática: uma cidade muito ruidosa, que vive à noite, cheia de luzes e movimentos. Sempre dissemos que uma parte da agitação fazia parte das sensações absolutamente possíveis que deveríamos sentir na cidade. As cidades asiáticas conseguem conciliar essa energia a uma dimensão sensorial extremamente significativa: odores, animais, bicicletas, vendedores ambulantes. É o que buscamos hoje, essa sobreposição: encontrar uma sensação de natureza numa cidade super densa como Paris, mas salvaguardando a dimensão urbana da qual tanto gostamos. É preciso valorizar o compromisso, as situações nas quais a dimensão urbana, que faz parte de nossa abordagem, põe o ser humano no cerne do meio. Os prazeres da mobilidade,

os prazeres da animação urbana, que não são incompatíveis com mais céu, mais ligação com o clima, a biodiversidade. Eu penso que o projeto futuro se situa nessa direção. De onde nossas preocupações sobre a densidade que esse compromisso toleraria. Uma cidade como Londres, mais próxima de nós, é indiscutivelmente feita do entrelaçamento dessas sensações citadinas, metropolitanas. Paris atingiu uma densidade que torna difícil essa sobreposição. O confinamento demonstrou isso uma vez mais.

● 614

As temáticas que você problematiza nos levam a perguntar sobre o estúdio de pesquisa ligado à sua agência de arquitetura. Você poderia nos explicar que é o objeto desse



164

estúdio e como se articula aos trabalhos feitos na agência?

● PM

Nós criamos o estúdio para tentar envolver novamente os citadinos em seu meio urbano. Esse envolvimento deve nascer de um desejo de aproveitar, de experimentar, de sentir todas as qualidades de seu meio urbano. Mais de 50 % da população mundial vivem em cidades. Isso representa mais de 3,5 bilhões de citadinos, hoje: a realidade está aí, ou seja, é urgente. Eis o ponto de partida do estúdio, mostrar que a cidade pode ser um lugar de condução à vida humana. Nos últimos dez anos estudos foram feitos nesse sentido, por meio de diferentes projetos, diferentes escalas, com diferentes parceiros. O estúdio Sensual City é uma equipe móvel. Fazer essa demonstração é engajar meios de representação e de comunicação que falam ao maior número possível de pessoas. Para que cada um possa fazer essa experiência, graças a suas próprias sensações, graças a seu próprio corpo. Eu já não me digo mais urbanista, e isso não

porque eu não o seja efetivamente, mas porque não acredito no planejamento urbano, que tende a resolver demasiado rápido os problemas, para criar outros. A cidade é um organismo vivo que responde a demasiadas imposições que nos escapam, demasiados elementos incontroláveis. Nossa estúdio de pesquisa existe para deslocar o olhar, enriquecer os pontos de vista.

● JF

O estúdio existe para encontrar um outro tempo. Nós sempre fizemos pesquisa na agência, como fazem todas as grandes agências de arquitetura, mas esse é um tempo ritmado pelos concursos, projetos, reuniões: um tempo imposto. O luxo que nos oferecemos com o estúdio, para dar esse passo de lado, é o de encontrar um tempo de reflexão, muito mais livre, que, mesclado à transversalidade dos perfis e dos temas de pesquisa, cria uma ferramenta fantástica para enriquecer os projetos da agência. Cada tema de pesquisa promove reflexões sobre o impacto do

projeto, mais além de seu contexto próximo, ressonâncias e relações que este último conseguirá tecer com o clima, o meio-ambiente, o corpo, a história do lugar etc. A agência e estúdio dialogam em permanência. Há sempre uma interface. Quando foi criado, o estúdio precisou de autonomia para fabricar a base de sua reflexão, de sua cultura, de sua identidade. Há alguns anos, a correspondência é cada vez mais fértil, nas duas mãos de direção. Os projetos alimentam o estúdio, que alimenta ele mesmo os projetos, por uma reflexão mais distanciada, mais prospectiva. Nós tentamos tornar legível e útil para nossos mestres-de-obras: o objetivo é, evidentemente, promover a participação de projetos concretos, de modo que o estúdio contribua para a realidade das construções. O desafio é enriquecer os contornos de uma missão que nos é confiada, as realidades de um

local e de um programa, de sair das casinhas tradicionais do mundo da construção e de implicar, graças a ajustes férteis, o mestre-de-obras, o político local, os especialistas, os parceiros e engenheiros que nos cercam. É aí que o ferramental se torna apaixonante.

● 614

De onde provém a maioria das reflexões que vocês promovem, no estúdio de pesquisa? Como agência e pesquisa se articulam, em termos de temáticas e de organização de trabalho?

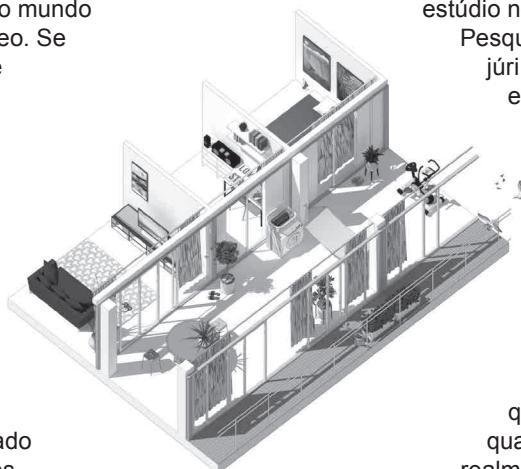
● JF

Nós somos os mesmos: as mesmas pessoas trabalham no mundo urbano contemporâneo. Se o estúdio é capaz – e permite – de se apoderar de projetos completamente autônomos, nosso pano de fundo continua sendo a Cidade sensual. É nossa identidade, nosso grande tema aglutinador. O objetivo muito normatizado, muito tradicional, apresentado por alguns dos nossos mestres-de-obras, encontrará num momento dado uma amplificação pelo trabalho prospectivo, completamente livre, que terá sido produzido pelo estúdio de pesquisa. Por vezes, é só dois ou três anos depois de uma reflexão sobre um projeto de pesquisa que ela vai coincidir com um projeto da agência. Uma de nossas reflexões, sobre a cidade e as crianças, por exemplo, está hoje “dopada” pela crise sanitária. Projetos muito concretos podem possibilitar que beneficiemos de toda essa reflexão prospectiva para fazer as coisas se mexerem, avançarem. Nós não nos impomos uma condição imediata de eficácia pela eficácia, mas, ao contrário, alimentar reflexões, disponíveis em seis meses, por exemplo, para permitir que desbloqueemos ou enriqueçamos este ou aquele tema. Bem no início do estúdio, nós trabalhamos numa reflexão territorial sobre o arco mediterrâneo, de Gênova a

Barcelona, *Belle Méditerranée*. Mesmo que não tenhamos intervindo na escala urbana de maneira concreta sobre esse terreno desde então, nós tínhamos então adquirido ferramentas de representação muito ricas.

● PM

Esse é um bom exemplo, pois o projeto *Belle Méditerranée* nos ajudou a conceber o porto de Sète, que desenvolvemos atualmente na agência. Todas essas reflexões feitas sobre a *Belle Méditerranée* representaram uma verdadeira linha de conduta para chegar ao projeto que desenhamos. Mas é uma pergunta fundamental, essa que você faz: quando eu tive ocasião de justificar o estúdio no Ministério de Pesquisa, há um ano, no júri não havia nenhum especialista propriamente dito sobre arquitetura e



165

urbanismo no júri. Essa necessidade de pesquisar, inerente à profissão que praticamos e da qual gostamos, é realmente o que temos atualmente mais dificuldade de defender, mesmo para pessoas que nos cercam, em nosso próprio terreno. Quando o estúdio nasceu, há dez anos, fui entrevistada por muitos alunos de arquitetura que redigiam suas monografias sobre a pesquisa nas agências. Naquela época havia muito poucos exemplos como o nosso; hoje já não é mais o caso, o que demonstra claramente que o conjunto da profissão fez essa mesma constatação. Os processos de trabalho no estúdio são interativos, moventes, por vezes instáveis. Nós sacramentamos uma reunião semanas, que existe desde sempre, na qual discutimos todos juntos em torno de uma mesa, a fim de evocar anseios, leituras, ideias, temas que pensamos serem necessários explorar. O livro publicado em 2018, sobre umbrais, nasceu por exemplo de um desejo de trabalhar em escala reduzida. Partindo da seguinte constatação: a qualidade arquitetural faz

realmente falta hoje em dia em muitos projetos construídos. Como, então, atestar esse problema, ao mesmo tempo em que se inventa um meio singular de falar de espaço?

● 614

Agora há pouco você

falou da necessária reinvenção dos modos de representação da arquitetura e da cidade.

Recentemente, você fez um filme em VR (realidade virtual), *Faire corps avec la ville*. O que guiou essa escolha? Que espaço você confere à ficção em seu trabalho, de



modo mais amplo?

● JF

A utilização da ficção, em geral, está ligada no cerne do projeto à ideia de remeter à experiência, à vivência cotidiana, ao imediato. São elementos que de certa forma foram afastados da representação tradicional do campo arquitetural. Os planos, os cortes e as elevações produziram fatalmente um urbanismo de geometria e arquiteturas sem qualidades, já que é praticamente impossível representar ambientes, atmosferas do vivenciado através de ferramentas de representação da arquitetura como eles se imobilizaram na segunda parte do século XIX e do XX. Por ocasião do primeiro colóquio que organizamos sobre a Cidade sensual, convidamos, por meio do Collège de France, participantes internacionais, em especial Heng Chye Kiang, decano da Universidade de Arquitetura de Cingapura. A intervenção dele consistia em nos fazer percorrer uma espécie de grande rolo representando uma cidade do século XVII. Desenhos com pequenos personagens, um com um guarda-chuva, outro empurrando um carrinho etc. descreviam todas as sensações, todos os ruídos, todas as riquezas da cidade asiática. Aqui, o personagem passa perto de um templo onde, a cada hora, alguém soa o gongo. Acolá, curtumes que cheiram mal. Em

outro ponto, árvores frutíferas do outro lado do muro. Através dos modos de representação, tínhamos acesso não só a uma compreensão do espaço, mas também e sobretudo uma leitura dos odores, dos sons, das sensações. Essas ferramentas desapareceram completamente e nos deixaram reduzidos a uma representação unicamente visual. O que nós queremos veicular na Cidade sensual – e esse é um dos obstáculos aos quais nos vimos confrontados – é essa maneira holística de compartilhar,

de transmitir. Nos demos conta que a ficção, em sentido amplo, isso de se pôr em situação no tempo e no espaço, era o meio ideal para aproveitar para captar todas essas dimensões de ambiente que não se consegue representar pelo desenho de arquitetura. Nós trabalhamos em desenhos, story-boards, textos. Procuramos explorar toda uma série de representações que supõem realmente narrativas e relatos, depois se trata do projeto mais recente, o filme em VR (realidade virtual).

● PM

Na origem desse filme, um afresco que tínhamos feito com Jacques para o pavilhão francês na exposição universal de Shangai em 2010. Esse afresco animado era apresentado, no interior do pavilhão, em grandes telas que ocupavam toda a largura das paredes da construção. No espaço todo, uma trilha sonora que tínhamos trabalhado com o compositor Loïk Dury, especializada, para que o visitante que percorresse a exposição ficasse imerso numa sensação urbana francesa. Esse era o tema: a exposição se dirigia a um público 99 % chinês, que assim teve acesso a uma experiência espacial e sonora. A empresa de produção com a qual nós fizemos o filme me contatou depois. E eu falei da minha intenção de continuar a fazer vídeos. Um jovem produtor, especializado em novas

166

mídias, acabava de começar a trabalhar na agência. Foi ele quem me levou a fazer esse filme em VR (realidade virtual); no início eu estava reticente, acostumada a trabalhar com uma imagem e um quadro conhecidos, que eu dominava; mas depois me dei conta que graças a essa ferramenta de imersão eu aprenderia muito e poderia expressar ainda mais a questão da experiência urbana, sentidos na cidade. Dessa forma, daquele afresco que há dez anos representava uma cidade francesa na China, o objeto acabou se transformando em diálogo entre três cidades. Três cidades que foram pensadas em três épocas. A cidade europeia, representada por Marselha, nascida há 2000 anos, sedimentada em camadas, às margens do Mediterrâneo. Nova York, representando o mundo moderno, a cidade do século XX por excelência. E finalmente Shangai, a cidade de hoje e talvez mesmo a de amanhã. A ideia era se deixar guiar e viver experiências e sensações que essas três cidades de tipologias urbanas tão diferentes provocam. Falo sobretudo do asfalto, do betume que constitui 90 % do material sobre o qual andamos, quando andamos na cidade. Como o betume pode provocar sensações, diferentes apesar do lado genérico do material em si, quer eu vá a Shangai, Marselha ou Nova York, em função do clima, do meio-ambiente, do modo como a cidade se formou etc. Essa é a ideia geral do filme: mobilizar uma experiência para o espectador que está com o capacete de realidade virtual e tentar lembrar a ele que ele pode encontrar, na cidade e em situações urbanas comuns, sensações e emoções singulares.

614

Essa primeira experimentação sobre a realidade virtual constitui um modo de reintroduzir o "lugar do ser humano na

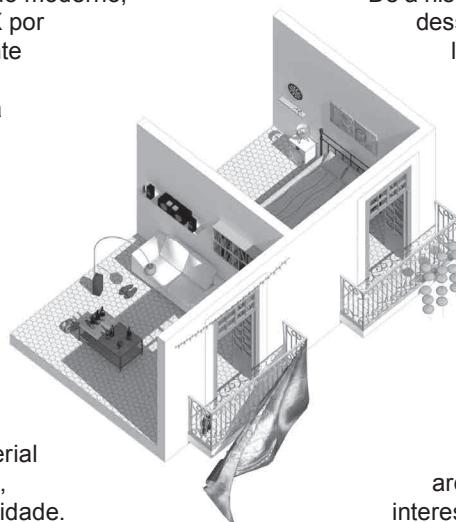
cidade", com todas as derivas que isso pode gerar, especialmente as distópicas.

PM

Esse foi todo o interesse do projeto: mobilizar uma tecnologia inovadora para expressar situações banais e se perguntar como essa ferramenta vai poder ser útil para nossa proposta e defender nossas ideias. Eu vou justamente apresentar *Faire corps avec la ville* na próxima semana em Quito, no Equador, por videoconferência. Eu pretendo fazer uma apresentação do tipo: este filme é tanto uma obra quanto uma pesquisa. É isso que quero defender, a ideia de que todas as etapas que levaram à realização desse filme nos trouxeram incontáveis conhecimentos e ideias para fazer nosso trabalho. E eu gosto da ideia de não haver uma agenda, nem pressupostos.

De a história do projeto e a história desse filme, no caso, nos levarem a locais que não tínhamos previsto.

167



614

Essa é uma ferramenta que você também pensa adotar para o projeto arquitetural?

PM

Mas é claro! Aliás, ele não está muito pronto hoje, no terreno da arquitetura. Seria bem interessante transformá-lo "a propósito", encontrando por vieses inovadores o meio de neutralizar o aspecto antisséptico que ele propõe neste momento. Isso vai de encontro a uma constatação que fazemos com frequência: em nosso trabalho, nos pedem resultado. Mas eu acho que seria preciso poder parar imediatamente antes do resultado para ver os usuários se apropriarem do que fazemos e que já não nos pertence mais.

614

Você também mencionou o papel do relato e da escrita no projeto de arquitetura. Isso nos interroga sobre a questão da mediação, necessária para se fazer compreender por diferentes públicos. Um projeto em VR (realidade virtual) não se

dirige ao mesmo público que um texto, que uma imagem ou um story-board. Como você joga com esses diferentes modos de representação?

○ JF

Sua pergunta é particularmente interessante; eu penso que nós deveríamos focar mais os projetos. Atualmente, estamos fazendo uma reflexão sobre o porto de Sète, como já comentamos. Nesse posto há clientes, usuários que vão da França ao Maghreb, por exemplo. Qual seria, ou quais seriam os modos de ficção mais adaptados para enriquecer o projeto, por um lado, para que esse projeto vá na direção que queremos que ele vá, e que ele seja um meio de mediação que não mantenha à distância os atores que implicaremos. Não é nada evidente, nem sempre temos a resposta. Nos últimos anos, o trabalho que fazemos com a agência e o estúdio, a refundação

de sua articulação – reunindo os colaboradores num mesmo espaço, principalmente – vai nesse sentido da pergunta que você fez. Essa reflexão depende da amplitude e da duração do projeto. Nós tivemos, por exemplo,

a sorte de sermos premiados pela missão de conselho para as estações de trem do Grand Paris Express. Nesse caso, a pergunta cabia, realmente. Havia uma enorme diversidade de destinatários aos quais nos dirigíamos, tanto aos futuros mestres-de-obra, quanto aos engenheiros, aos técnicos. No projeto do Grand Paris nós desenvolvemos um desenho animado, o story-board, pequenas ficções com personagens inventados, que percorriam em temporalidades diversas o grande metrô, restituições sensíveis dos locais etc. Desenvolvemos na ocasião desse projeto uma grande diversidade de representações e cada uma tinha um papel, porque é um projeto urbano de grande espectro, que engajava de fato uma ampla diversidade de públicos.

○ PM

As palavras e a escrita têm seu lugar nessa questão dos modos de representação do projeto de arquitetura. Eu gosto da língua, porque gosto do que as palavras me trazem, quando quero expressar uma ideia ou uma sensação. É fantástico dispor de uma ferramenta como

essa e eu também percebo isso quando dou aula. Os alunos penam para fazer o que querem porque penam para dizer. Os estudos de arquitetura não são estudos nos quais se aprende a escrever, longe disso, e esse é um tema que seria preciso discutir. Afinal, se conseguirmos descrever o que queremos fazer, já fizemos a metade do trabalho. Quando faço meus alunos trabalhar, sempre peço a eles, antes de qualquer concepção, que venham com um universo de referência no qual as imagens de projetos de arquitetura são proibidos, para levá-los justamente a procurar coisas que não são da esfera da arquitetura. Desde que dou aula, sempre tive um aluno ou aluna que vem com livros. Me lembro de ter feito alunos trabalharem numa residência familiar; antes, eles tiveram que ler *Père Goriot* [O pai Goriot], onde Balzac descreve a pensão familiar. Eu disse a eles que se fossem capazes de fazer um projeto tão sensível e forte quanto as linhas de Balzac, eles seriam os maiores arquitetos de interior que se pode imaginar. Esse também é ferramental da ficção, as palavras. E escrever não algo dado a todo mundo.

○ 614

O período que atravessamos neste momento incita você justamente a repensar esses modos de representação?

○ JF

Eu penso que hoje a questão é se repositionar relativamente à escolha que podemos fazer. Eu gosto da lucidez provocadora de um Houellebecq, que, numa entrevista na France Inter, em maio, durante o confinamento, disse que “O mundo de depois será o mesmo, piorado”. Ele não está errado, sabemos que essa possibilidade existe. Se, por exemplo, considerarmos que a questão é o corpo na cidade, o que nós defendemos profundamente através de nosso trabalho e nossas pesquisas, perceberemos que existe efetivamente um significativo risco de desencarnação da cidade. O que eu chamo de “cidade sem contato” constitui uma pista assustadora, possível. Há também oportunidades positivas: apesar da injunção à mobilidade permanente, que adere completamente à ideia mesma de cidade – o pressuposto de que você não trabalha onde mora, você não mora onde

168

tem aula etc. – no presente caso, todo mundo percebeu que era possível uma outra ideia de cidade, se deslocando menos. Em consequência, a Prefeitura de Paris pôde falar da “cidade dos quinze minutos” e agir de modo radical, para conferir um espaço preponderante à bicicleta. Uma decisão acertada, portanto, e rapidamente posta em prática. Nós mesmos falamos de urbanismo de proximidade. Tudo isso constitui o esboço de outra rota e com as ferramentas de representação acontece a mesma coisa. Nós discutimos a ficção, precisamos disso mais do que nunca. Esta é uma época que põe em evidência toda uma série de responsabilidades, é preciso agir de modo que as escolhas que serão operadas sejam as escolhas que nós pensamos serem positivas para a sociedade.

● PM

Nunca os criadores foram tão necessários como agora. Eles prefiguram, tentam remodelar em permanência, questionam. Para mim, o arquiteto deve ser capaz de reconciliar o citadino ao seu espaço de vida. Se perdermos essa janela de oportunidade, temo que venhamos a nos encontrar numa situação bem pior do que aquilo que já vivemos até hoje. Me preocupa demais a injunção de soluções rápidas, eficazes, menos caras, soluções unicamente em cifras ou quantitativas. Mas o que eu vejo atualmente caminha cada vez mais na boa direção e tenho visto menos projetos que me parecem grotescos. Estou bastante otimista, no que diz respeito ao que se está produzindo e ao que se esboça.

169

1. <https://metropolitiques.eu/La-ville-dense-a-trahi-ses-habitants.html>
2. Ferrier Marchetti Studio, « Le balcon, éloge du déjà-là », Sensual City Papers #2, été 2020 — <https://ferriermarchetti.studio/information>
3. Sensual City Studio, *Belle Méditerranée. La métropole sensible*, Archibooks, 2015.
4. Sensual City Studio, *A History of Thresholds: life, death & rebirth*, Jovis, 2018

PEDRO VARELLA [gru.a]

est l'un des associés fondateurs de gru.a (grupo de arquitetos), une agence d'architecture basée à Rio de Janeiro. Depuis sa création en 2013, gru.a a développé des projets d'échelles et de natures différentes, à l'intersection entre les champs de l'architecture et de l'art contemporain. Sa pratique est basée sur trois enjeux fondamentaux : la conception, la recherche et l'enseignement. Ses membres ont enseigné dans des institutions telles que l'UFRJ (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), l'IED-RJ (Instituto Europeu de Design) et l'Université Santa Ursula (Curso de arquitetura e urbanismo). Au cours des dernières années, gru.a a mené des projets de centres culturels, d'espaces d'exposition, de théâtres et d'urbanisme, mais aussi des installations artistiques, des résidences d'artistes et des interventions en milieu protégé. ● Pedro Varella est architecte diplômé de la FAU/UFRJ (2011). Il a étudié à l'École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Malaquais et à PRO-ARQ UFRJ où il a obtenu une maîtrise en théorie, histoire et critique du projet en 2016. Il a suivi une formation complémentaire à l'École des arts visuels de Parque Lage (EAV) où il a étudié entre 2007 et 2010. Il est co-auteur du livre *Rio Metropolitano: a guide to architecture* (Rio Books), publié en 2013 grâce à une bourse de recherche de la FAPERJ. Il a enseigné à la FAU-UFRJ entre 2016-2018. Il enseigne l'architecture et l'urbanisme à l'Université de Santa Ursula depuis 2015 et à l'IED-rio (Institut européen de design) depuis 2017.

170

www.grua.arq.br

PAULINE MARCHETTI & JACQUES FERRIER [Ferrier Marchetti Studio]

colaboram desde 2008, com a criação do pavilhão francês da exposição universal de Shanghai. Desde então, eles desenvolveram um número importante de projetos, tanto públicos quanto privados, aliando pesquisa e arquitetura. *Sensual City*, laboratório de pesquisa prospectiva da agência, publicou diversas obras, dentre as quais *Belle Méditerranée* em 2015 (Metropolis / Archibooks), *Mindwalks in Shanghai* em 2016 (Sensual City Books) e *A History of Thresholds* (Jovis) em 2018. Pauline Marchetti é arquiteta diplomada pela ENSA Paris-Belleville e professora na École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris. Sua prática tem como base uma abordagem humanista, desenvolvendo métodos de concepção e de produção lastreados nas dimensões sensíveis do espaço – volume, materialidade, luz, ambientes. ● Jacques Ferrier é arquiteto e urbanista. Diplomado pela École d'Architecture de Paris-Belleville e pela l'École Centrale de Paris, ele criou sua própria agência em Paris em 1993 e desde então trabalha na França e no exterior. Seus projetos se inscrevem numa mesma filosofia: conceber uma arquitetura e uma cidade para uma sociedade criativa e sustentável. Jacques Ferrier é autor de inúmeros artigos e obras sobre arquitetura. Seu trabalho tem sido objeto de monografias, em especial *The architecture of Jacques Ferrier*, publicada pela Ed. Thames & Hudson, Londres. Jacques Ferrier é professor. Ele recebeu a comenda de Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito e Cavaleiro das Artes e Letras.

PAULINE MARCHETTI & JACQUES FERRIER [Ferrier Marchetti Studio] collaborent depuis 2008, avec la création du pavillon français pour l'exposition universelle de Shanghai. Depuis, ils ont développé un nombre important de projets tant publics que privés, alliant recherche et architecture. Sensual City, laboratoire de recherche prospective de l'agence, a publié plusieurs ouvrages dont *Belle Méditerranée* en 2015 (Metropolis / Archibooks), *Mindwalks in Shanghai* en 2016 (Sensual City Books) et *A History of Thresholds* (Jovis) en 2018. Pauline Marchetti est architecte diplômée de l'ENSA Paris-Belleville et professeure à l'École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris. Sa pratique est ancrée dans une approche humaniste, développant des méthodes de conception et de production basées sur les dimensions sensibles de l'espace - volume, matérialité, lumière, ambiances.

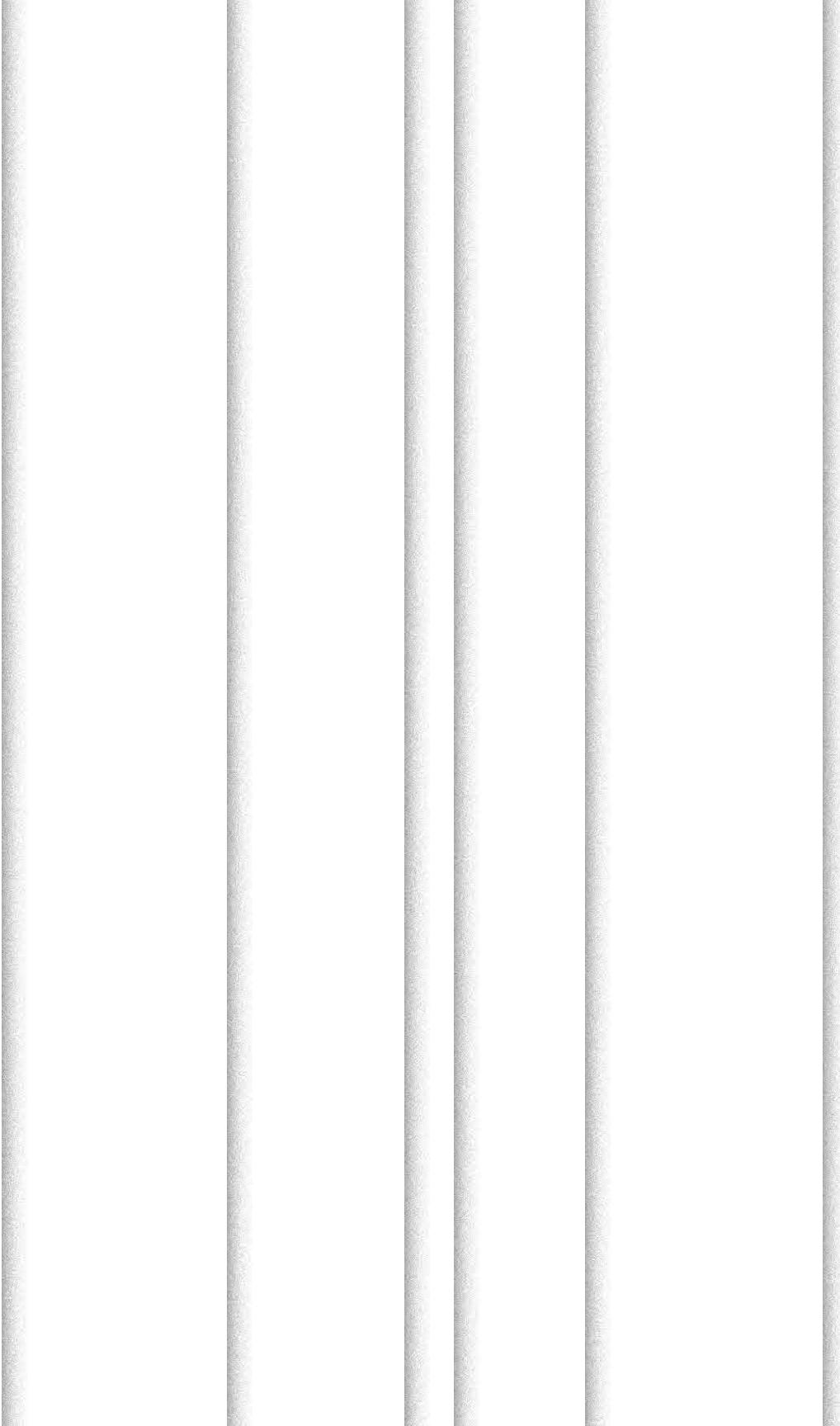
● Jacques Ferrier est architecte, urbaniste. Diplômé de l'École d'architecture de Paris-Belleville et de l'École Centrale de Paris, il crée son agence à Paris en 1993 et travaille depuis en France et à l'international. Ses projets s'inscrivent dans une même philosophie : concevoir une architecture et une ville pour une société créative et durable. Jacques Ferrier est l'auteur de nombreux articles et ouvrages sur l'architecture. Son travail a fait l'objet de monographies, notamment *The architecture of Jacques Ferrier* (Thames & Hudson). Jacques Ferrier est Professeur. Il a été nommé Chevalier de l'Ordre National du Mérite et Chevalier des Arts et des Lettres.

171

www.ferriermarchetti.studio

PEDRO VARELLA [gru.a]

é sócio-fundador do GRU.A (grupo de arquitetos). Desde sua formação em 2013, elabora projetos e obras de diversas escalas e naturezas, com especial interesse na interseção entre os campos da arquitetura e da arte contemporânea. Sua prática se estrutura a partir de três suportes complementares: Projeto, Pesquisa e Ensino. Seus membros lecionaram em instituições como a UFRJ (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), IED-RJ (instituto europeu de design) e Universidade Santa Úrsula (Curso de arquitetura e urbanismo). Ao longo dos últimos anos o gru.a realizou projetos e obras de centros culturais, instalações artísticas, espaços expositivos e expografia, teatros, residências, intervenções em bens protegidos, urbanismo entre outros. ● Pedro Varella é arquiteto formado pela FAU/UFRJ (2011) com extensão acadêmica na Escola de Arquitetura Paris-Malaquais e mestre na área de teoria, história e crítica do projeto no PRO-ARQ UFRJ (2016). Possui formação complementar pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) onde estudou entre 2007 e 2010. É co-autor do livro *Rio Metropolitano: guia para uma arquitetura* (Rio Books), publicado em 2013 com bolsa de pesquisa da FAPERJ. Lecionou na FAU-UFRJ entre 2016-2018. Desde 2015, leciona no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula e desde 2017 no IED-rio (instituto europeo di design).



614

est un collectif pluridisciplinaire français composé de Fabien Goutelle (designer graphique), Clémentin Rachet (architecte et doctorant), Hippolyte Roullier (urbaniste) et Mélanie Yvon (artiste et autrice). 614 est né d'une envie commune : concevoir différents formats éditoriaux et performatifs pour proposer des alternatives aux récits dominants dans les champs de l'architecture et de l'urbanisme. ● Le collectif a notamment produit Dia a Dia, un magazine quotidien performatif et participatif spécialement imaginé pour Todo Dia, la 12^e Biennale Internationale d'Architecture de São Paulo. Du 30 octobre au 17 novembre 2019, les 15 numéros de Dia a Dia ont été imprimés, diffusés et exposés quotidiennement sur le site de la biennale au Centro Cultural São Paulo. À travers la contribution de 68 artistes, architectes, écrivain·e·s, designer·euse·s, photographes et chercheur·se·s provenant de 19 pays différents, le magazine s'est ainsi fait le relais de voix hétérogènes en exposant des regards singuliers sur les situations urbaines les plus banales qui constituent nos expériences quotidiennes. L'intégralité des contributions est consultable en ligne sur le site du projet.

www.diadia614.com

www.collectif614.com

614

é um coletivo pluridisciplinar francês formado por Fabien Goutelle (grafista), Clémentin Rachet (arquiteto e doutorando), Hippolyte Roullier (urbanista) e Mélanie Yvon (artista e autora). 614 nasceu de um desejo comum: conceber diferentes formatos editoriais e performativos, para propor alternativas aos relatos dominantes nos campos da arquitetura e do urbanismo. ● O coletivo produziu em especial Dia a Dia, uma revista diária performativa e participativa, especialmente imaginada para Todo Dia, a 12^a Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. De 30 de outubro a 17 de novembro de 2019, os 15 números de Dia a Dia foram impressos, distribuídos e expostos diariamente no site da bienal, no Centro Cultural São Paulo. Por meio da contribuição de 68 artistas, arquitetos, escritores, designers, fotógrafos e pesquisadores originários de 19 países diferentes, a revista deu voz à pluralidade, expondo olhares singulares sobre as situações urbanas mais banais, que compõem nossas experiências cotidianas. A integralidade dessas contribuições pode ser consultada online.

Une table ronde organisée dans le cadre de la Flip-Fête Littéraire Internationale de Paraty, l'un des plus grands festivals littéraires brésiliens, parachèvera le projet *Traversées* en décembre 2020. Les auteure·ice·s des deux textes lauréats du thème 1 choisies par le jury seront également présents dans une publication spéciale de la Flip+. La table ronde sera disponible en replay sur la plateforme www.traversees-travessias.com . La table-ronde aura lieu le samedi 5 décembre. Cet événement sera l'occasion de conclure le concours et de lancer le magazine en ligne, en découvrant les textes forts et passionnantes sélectionnés avec des lectures en direct. Ce moment sera aussi l'occasion d'échanger collectivement sur ce contexte hors du commun par le prisme de la littérature, de l'architecture et de l'urbanisme. . Participeront à ce débat des invitée·e·s français·e·s et brésilien·ne·s prestigieu·x·ses : Mauro Munhoz (directeur de Flip et architecte), Pauline Marchetti (architecte française associée à l'atelier Ferrier-Marchetti, diplômée de l'École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville, professeure à l'École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris et chercheuse au Sensual City Studio), Pedro Varella (architecte brésilien diplômé de la FAU / UFRJ et fondateur de l'agence gru.a), Monique Eleb (psychologue et sociologue française, professeure honoraire à l'École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Malaquais et spécialiste des modes de vie, de l'habitat et de son architecture) et Jean-Christophe Bailly (écrivain français, auteur d'une vingtaine de livres – essais, pièces de théâtre, poésie –, notamment en lien avec l'histoire de l'art, l'espace et l'urbanisme).

www.traversees-travessias.com

La plateforme développée dans le cadre de l'opération *Novembre Numérique* menée avec l'Institut Français est le pendant online du présent ouvrage. Elle expose les textes sélectionnés et les entretiens réalisés et donne à entendre, en résonance à ces derniers, une création sonore composée de quarante capsules. Ces voix disséminées sur le site, pensées comme un écho aux multiples narrations, traversent les récits et ouvrent ainsi de nouveaux espaces de fiction.

Uma mesa redonda organizada no quadro da Flip [Festa literária internacional de Paraty], um dos maiores festivais literários brasileiros, concluirá o projeto *Travessias* em dezembro de 2020. Os autores de dois textos premiados do tema 1, escolhidos pelo júri, também integrarão uma publicação especial da Flip+. A mesa redonda estará disponível em replay na plataforma www.traversees-travessias.com ● A mesa redonda acontecerá no sábado, 5 de dezembro. Este evento será uma oportunidade para concluir o concurso e lançar a revista on-line, expondo os textos selecionados com leituras ao vivo, incluindo alguns testemunhos muito fortes e emocionantes, o que pretendemos que seja um convite a refletir sobre este contexto sanitário excepcional do ponto de vista da literatura, da arquitetura e do urbanismo. ● Este debate contará com a presença de prestigiados convidados franceses e brasileiros: Mauro Munhoz (diretor da Flip e arquiteto), Pauline Marchetti (arquiteta francesa associada à oficina Ferrier-Marchetti, formada pela École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville, professora da l'École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris e pesquisadora no Sensual City Studio), Pedro Varella (arquiteto brasileiro formado pela FAU/UFRJ e fundador da gru.a, grupo de arquitetos), Monique Eleb (psicóloga e socióloga francesa, professora honorária da École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Malaquais e especialista em modos de vida, habitação e arquitetura) e Jean-Christophe Bailly (escritor francês, autor de mais de vinte livros– ensaios, peças de teatro, poesia –, particularmente relacionados com a história da arte, o espaço e o urbanismo).

www.traversees-travessias.com

A plataforma desenvolvida no quadro da operação *Novembro digital*, a quatro mãos com o Instituto Francês, é o aquando online da presente obra. Ela expõe os textos selecionados, além das entrevistas realizadas, e em ressonância com elas, deixa entreouvir uma criação sonora composta de quarenta cápsulas. Essas vozes disseminadas no site, pensadas como um eco das múltiplas narrativas, atravessam os relatos e abrem assim novos espaços de ficção.

● L'Ambassade de France au Brésil tient à remercier chaleureusement l'ensemble des partenaires ayant pris part à ce projet international d'échanges culturel et artistique. En premier lieu à la Flip, à son directeur et à ses équipes, pour la synergie de vues, pour l'intérêt qu'ils ont accordé à cette initiative et pour la place qu'ils lui ont donnée au sein de leur événement au cours de cette année si particulière. À l'Institut français, à Paris, qui a apporté son soutien à la réalisation de cette collaboration internationale entre la France et le Brésil, et, tout particulièrement, à Christelle Lecoeur, dont les conseils et la générosité ont été précieux. À Pauline Alphen et à Mauro Munhoz, pour leur participation au jury, à Pauline Marchetti, Monique Eleb, Francesco Perrotta-Bosch, Jean-Christophe Bailly et Pedro Varella, ainsi qu'à la coordination nationale des Alliances françaises du Brésil. Au collectif 614, pour leur implication collective sans faille, leur créativité et leur enthousiasme mis au service de ce projet. Enfin, à toutes les participantes et participants de ce concours d'écriture, qui ont su nous toucher, nous faire réfléchir et nous émouvoir en dévoilant parfois leur intimité et en faisant preuve de profondeur de vues, de sensibilité et de créativité.

● O collectif 614 gostaria de agradecer muito cordialmente a Pedro Varella, Pauline Marchetti, Jacques Ferrier por sua disponibilidade e altruismo. Théophile Rachet, Liana Luna, Rafael Medeiros por seu tempo, seu talento e suas vozes. Benoit Reger, François Julla, Olivier Barthe, Clémentine de la Porte, Caroline Pageaud, Thibaut Meynieu, Stephen Loyer, Mathilde Garcia-Sanz e Sarah Bloch pela riqueza e singularidade de suas histórias. Muito obrigado a Vincent Zonca por sua confiança e gentileza, Marly Peres por sua reatividade e Mauro Munhoz por seu amável convite.

● A Embaixada da França no Brasil gostaria de agradecer muito cordialmente a todos os parceiros que participaram deste projeto internacional de intercâmbio cultural e artístico. Antes de tudo à Flip, seu diretor e suas equipes, pela sinergia, pelo interesse nesta iniciativa e pelo lugar que deram a ela dentro do evento, durante

este ano tão especial. Ao Instituto Francês de Paris, que apoiou a realização desta colaboração internacional entre a França e o Brasil, e especialmente à Christelle Lecoeur, cujos conselhos e generosidade foram inestimáveis. A Pauline Alphen e Mauro Munhoz, por sua participação no júri, à Pauline Marchetti, Monique Eleb, Francesco Perrotta-Bosch, Jean-Christophe Bailly e Pedro Varella, assim como à coordenação nacional das Alianças Francesas do Brasil. Ao coletivo 614, por seu inabalável envolvimento coletivo, criatividade e entusiasmo colocados a serviço deste projeto. Finalmente, a todas e todos os participantes deste concurso de escrita, que foram capazes de nos tocar, nos fazer pensar e nos emocionar, às vezes revelando sua intimidade e mostrando profundidade de visão, sensibilidade e criatividade.

● Le collectif 614 tient à remercier chaleureusement Pedro Varella, Pauline Marchetti et Jacques Ferrier pour leur disponibilité et leur altruisme. Théophile Rachet, Liana Luna, Rafael Medeiros pour leur temps, leur talent et leurs voix. Benoit Reger, François Julla, Olivier Barthe, Clémentine de la Porte, Caroline Pageaud, Thibaut Meynieu, Stephen Loyer, Mathilde Garcia-Sanz et Sarah Bloch pour la richesse et la singularité de leurs récits. Un grand merci à Vincent Zonca pour sa confiance et sa bienveillance, Marly Peres pour sa réactivité et Mauro Munhoz pour son aimable invitation.

remerciements
/ obrigado

design graphique
design gráfico:
collectif 614

coordination éditoriale
coordenação editorial:
collectif 614

traduction
tradução:
Marly Peres

images entretiens
fotos entrevistas :
© Ferrier Marchetti
Studio © Pedro Varella
& Julie Desprairies

novembre
/ novembro 2020



